

**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

Mestrado em História

Área de especialização | História Contemporânea

Dissertação

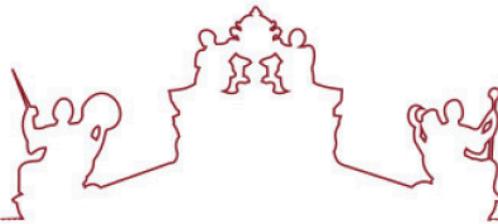
**A queda do muro de Berlim no espaço público do Brasil- 1989- 1990  
A análise dos jornais O Globo do Rio de Janeiro e Jornal do Commercio do Amazonas**

João Luiz Rodrigues Onety

Orientador(es) | Maria Fátima Nunes

Évora 2020





**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

Mestrado em História

Área de especialização | História Contemporânea

Dissertação

**A queda do muro de Berlim no espaço público do Brasil- 1989- 1990  
A análise dos jornais O Globo do Rio de Janeiro e Jornal do Commercio do Amazonas**

João Luiz Rodrigues Onety

Orientador(es) | Maria Fátima Nunes

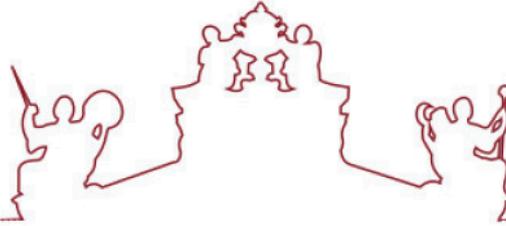
Évora 2020

---

---

---

---



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

- Presidente | Mafalda Soares da Cunha (Universidade de Évora)
- Vogal | Maria Inácia Rezola (Instituto Politécnico de Lisboa)
- Vogal-orientador | Maria Fátima Nunes (Universidade de Évora)

|  |     |
|--|-----|
| <b>DEDICATÓRIA</b>   | I   |
| <b>RESUMO</b>  | III |
| <b>ABSTRACT</b>  | IV  |
| <br>   |     |
| <b>ÍNDICE</b>  |     |
| <b>LISTA DE ABREVIACÕES</b>  | 04  |
| <b>LISTA DE FIGURAS</b>  | 05  |
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | 07  |
| <b>1º Capítulo- Um muro que marcou e mudou a História</b>                        | 22  |
| <b>2º Capítulo- A memória substantiva de uma data com 200 anos</b>               | 28  |
| <b>3º Capítulo- Jornal do Commercio</b>  | 31  |
| <b>3.1- Jornal do Commercio- Atravessando a Floresta Amazônica para noticiar</b> | 31  |
| <b>3.2- O muro de Berlim e os editoriais do Jornal do Commercio</b>              | 42  |
| <b>3.3- As notícias do Jornal Commercio e o Muro de Berlim</b>                   | 47  |
| <b>4º Capítulo- O GLOBO</b>  | 57  |
| <b>4.1- O Globo- De uma alma carioca a um jornal de abrangência nacional</b>     | 57  |
| <b>4.2- O muro de Berlim e os editoriais do O Globo.</b>                         | 68  |
| <b>4.3- As notícias do O Globo e o Muro de Berlim</b>                            | 96  |
| <b>CONCLUSÃO</b>   | 132 |
| <b>FONTES</b>  | 134 |
| <b>BIBLIOGRAFIA UTILIZADA</b>  | 135 |

## DEDICATÓRIA

Uma parte difícil em um trabalho desta proporção é pensar em todos que contribuíram direta ou indiretamente, sem esquecer de nenhum nome, sem dúvida são muitas pessoas e por questões técnicas e também não correr riscos de deixar de mencionar alguém, precisamos generalizar, lamentavelmente;

Quero expressar a minha mais profunda gratidão por todos aqueles que sempre me apoiaram, quer seja especificamente para a realização deste mestrado e desta dissertação, quer seja de modo geral em tudo aquilo que eu me proponho a fazer;

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado tantas oportunidades e por ter me dado forças físicas e mentais para fazer este trabalho do melhor modo possível, ainda que seja passivo de falhas, como tudo feito pelas mãos humanas;

Agradeço aos meus pais, Carlos e Fátima, por serem os melhores pais que eu poderia ter, sempre me apoiaram em tudo, nunca medindo esforços para me proporcionar o melhor em termos de estudos e principalmente na questão emocional, por sempre me fazerem sentir um filho amado e com forças enormes para conquistar tudo o que desejava, com esse amor, eu sabia que teria o suporte fundamental deles;

À minha orientadora, professora Fátima Nunes, por ter sido muito mais que uma orientadora, foi sem dúvida uma amiga, alguém que além de me dar apoio, me compreendeu em diversos momentos desta trajetória, sem ela o trabalho não teria chegado ao patamar que está;

Às minhas avós Amélia e Omarina, que com todo o carinho do mundo me incentivaram em vários sentidos;

Às minhas tias-avós, tias, tios, primas, primos e todos os familiares mais distantes que torceram e torcem pelo meu sucesso;

Aos professores deste mestrado e à Universidade de Évora através de todos os queridos funcionários por todo o suporte e ensinamentos que foram e vão além do curso;

Aos colegas de curso, tanto aqueles que só tive oportunidade de conhecer online (antes de morar em Évora) quanto os que se tornaram mais próximos, pelo clima divertido e amizade, mesmo que tenhamos tido poucos momentos juntos;

Aos amigos, que sempre torceram por mim e me incentivaram apesar de todas as dificuldades que fazem parte do processo, em especial à Karla, amiga e primeira namorada, por ter sido uma pessoa sem igual, me apoiando em um sonho mesmo que aquilo tivesse um preço para ambos;

Aos colegas de trabalho e patrões de todos os lugares por onde passei em Manaus por terem apoiado desde o começo, quando ainda nem tinha iniciado os estudos universitários;

Aos colegas de trabalho e patrões que tive em Évora, por terem tido empatia, preocupando-se também com o meu bem-estar, me permitindo conciliar os afazeres sempre que precisei;

Aos muitos alunos queridos, com os quais tive a oportunidade de dividir um pouco de conhecimento e ao mesmo tempo aprender tanto durante os 10 anos que me dediquei ao ensino, além de ter a amizade duradoura de muitos;

A todos os meus professores, desde o primário, passando pelas universidades e também os professores de idiomas, que tiveram e têm um papel inspirador em mim;

A todos, meu mais sincero OBRIGADO!

A queda do Muro de Berlim no espaço público do Brasil- 1989/1990.  
A análise dos jornais *O Globo* do Rio de Janeiro e *Jornal do Commercio* do Amazonas

## RESUMO

O processo que levou à queda do Muro de Berlim vai além do dia 9 de novembro de 1989 quando a população alemã-oriental pôde pela primeira vez abraçar os compatriotas ocidentais. Desde 1945, as nações estavam alarmadas, sentindo a ameaça de um possível combate armado entre as duas maiores potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial, EUA e URSS. Os confrontos armados não aconteceram, no entanto, as tensões se agravaram dali em diante, fazendo com que as relações entre os principais líderes mundiais se tornassem mais difíceis, devido à competição por quem seria o país a ter o protagonismo no cenário mundial, era o início da Guerra Fria. Durante anos capitalismo e socialismo estiveram numa gangorra, porém com as crises econômicas, o sistema socialista/ comunista foi perdendo força e deu margem às manifestações em diversos países do leste europeu, o que causou um terremoto nas bases comunistas pelo continente até chegar ao fim desta ideologia, que pode ser simbolizado pela queda do Muro de Berlim e posteriormente a Reunificação Alemã, quando a República Democrática Alemã (RDA) já não tinha mais escolhas face às dificuldades sociais e econômicas, abandonando o sistema socialista para se integrar à República Federal Alemã (RFA), que passaria a ser um só país. Enquanto isso, o Brasil também estava numa transição de ditadura para democracia, experimentando a mesma sensação alemã em circunstâncias diferentes, mas sem dúvida com influências do que vinha acontecendo na Europa, algo que pode ter contribuído para as bases de sua redemocratização. Este trabalho pretende mostrar qual o impacto dos eventos europeus da década de 1980, precisamente os do ano de 1989 e como eles foram absorvidos pela mídia brasileira por meio de dois jornais impressos, que revelam através da abordagem das notícias, muito sobre suas linhas editoriais e seus interesses. Além disso, este meio de comunicação é uma fonte inesgotável de informações preciosas sobre esse período conturbado do século XX.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial, Muro de Berlim, Guerra Fria, Reunificação Alemã, República Democrática Alemã (RDA), República Federal Alemã (RFA), Redemocratização do Brasil.

The fall of the Berlin Wall in the public space of Brazil 1989-1990.  
The analysis of the newspapers *O Globo* from Rio de Janeiro and *Jornal do Commercio* from Amazonas

### ABSTRACT

The process that led to the fall of the Berlin Wall goes beyond the November 9<sup>th</sup>, 1989 when the East German population was for the first time able to hug Western compatriots. Since 1945, nations have been alarmed, feeling the threat of possible armed combat between the two major World War II-winning powers, the US and the USSR. Armed clashes did not take place, on the other hand, tensions became worse from then on, making relations between the world's leading leaders more difficult, due to competition for who would be the protagonist on the world scenario, it was the beginning of the Cold War. For years capitalism and socialism have been on a seesaw, but with the economic downturns, the socialist / communist system had been losing strength and it has given rise to demonstrations in several eastern European countries, which has caused an earthquake in the communist bases around the continent until its end, that may be symbolized by the fall of the Berlin Wall and later with the German Reunification, when the German Democratic Republic (GDR) had no longer choices in the face of social and economic difficulties, leaving the socialist system to join the German Federal Republic (GFR), which would be one country. Meanwhile, Brazil was also in a transition from dictatorship to democracy, experiencing the same German sensation under different circumstances, undoubtedly with influences of what was happening in Europe, that may have contributed to the foundations of its redemocratization. This paper aims to show the impact of European events of the 1980s, precisely those of 1989 and how they were absorbed by the Brazilian media through two newspapers, which reveal through their approach, much about their editorial lines. Moreover, this means of communication is an inexhaustible source of precious information about this troubled period of the twentieth century.

**Keywords:** World War II, Berlin Wall, Cold War, German Reunification, German Democratic Republic (GDR), German Federal Republic (GFR), Redemocratization of Brazil.

## **LISTA DE ABREVIACÕES**

Benelux- Bloco econômico europeu instituído em 1958 formado por Bélgica, Holanda e Luxemburgo.

BRD- Bundesrepublik Deutschland (República Federal da Alemanha)

Brexit- Britain exit (termo para a saída do Reino Unido da União Europeia)

CDU- União Democrata Cristã

CEE- Comunidade Econômica Europeia

DDR- Deutsche Demokratische Republik (República Democrática Alemã)

EUA- Estados Unidos da América

Mercosul- Mercado comum do Sul

MPF- Ministério Público Federal (do Brasil)

ONU- Organização das Nações Unidas

OTAN- Organização do Tratado do Atlântico Norte

PIM- Polo Industrial de Manaus

PSUA- Partido Socialista Unificado da Alemanha

RDA- República Democrática Alemã

RFA- República Federal da Alemanha

SED- Sozialistische Einheitspartei Deutschlands (Partido Socialista Unificado da Alemanha)

Stasi- Ministerium für Staatssicherheit (Ministério para a Segurança do Estado)

URSS- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

ZFM- Zona Franca de Manaus

## LISTA DE FIGURAS

**FIGURA 01:** Imagem da comercialização de borracha em Manaus em 1906- Fonte: Arquivo Nacional.

**FIGURA 02:** Capa da primeira edição do Jornal do Commercio (02/01/1904)

**FIGURA 03:** Página inicial do Jornal do Commercio – versão online (11/04/2019)

**FIGURA 04:** Notícia sobre a descoberta da borracha líquida. Jornal do Commercio (08/02/1908).

**FIGURA 05:** Área externa do Teatro Amazonas. João Luiz Onety©

**FIGURA 06:** Área interna do Teatro Amazonas. - Secretaria de Cultura do Amazonas

**FIGURA 07:** Anúncio de um espetáculo no Teatro Amazonas. Jornal do Commercio (28/07/1906).

**FIGURA 08:** Teatro Amazonas na época da construção- Fonte: Carmélia Esteves de Castro

**FIGURA 09:** Jornal do Commercio- edição do dia 04/06/2019- um dia após a morte do então diretor-proprietário (Guilherme Aluizio)

**FIGURA 10:** Nota policial. Jornal do Commercio- Edição do dia 08/02/1908.

**FIGURA 11:** Seção “queixas do povo”. Jornal do Commercio- Edição do dia 08/02/1908. p.2.

**FIGURA 12:** Nota sobre os aniversariantes do dia. Jornal do Commercio- Edição do dia 08/02/1908. p.2.

**FIGURA 13:** Capa do Jornal do Commercio. – Versão online (03/05/2019)

**FIGURA 14:** Editorial do dia 15/12/1989. Jornal do Commercio.

**FIGURA 15:** Reportagem do dia 17/01/1989. Jornal do Commercio.

**FIGURA 16:** Capa da primeira edição do jornal O Globo (29/07/1925)

**FIGURA 17:** Capa da edição do jornal O Globo do dia (08/05/1931)

**FIGURA 18:** Capa da edição online do jornal O Globo do dia (01/09/2013). A notícia de 2013 destaca no canto direito da capa o apoio do Grupo Globo ao Golpe militar, que admitiu ter sido um erro.

**FIGURA 19:** Capa do O Globo com destaque para a Guerra do Vietnam. 02/07/1972.

**FIGURA 20:** Capa do O Globo. Edição do dia 20/12/1995.

**FIGURA 21:** Capa da primeira edição online do O Globo em 29/07/1996. Edição que já deixa claro a importância que a publicidade teria dali em diante, nesta página ela ocupa um espaço de destaque e tamanho superior inclusive às notícias.

**FIGURA 22:** Crônica do dia 08/07/1989. O Globo. p.6.

**FIGURA 23:** Crônica do dia 13/09/1989. O Globo. p.4.

**FIGURA 24:** Propaganda da Petrobras na edição do dia 16/11/1989. O Globo. p.35.

**FIGURA 25:** Crônica do dia 16/11/1989. O Globo. p.35.

**FIGURA 26:** Marco alemão oriental (Ostmark).

**FIGURA 27:** Marco Alemão (Deutsche Mark).

**FIGURA 28:** Mapa com a Localização das principais empresas alemãs.

**FIGURA 29:** Mapa com o tamanho das fazendas em hectares no ano de 2010.

**FIGURA 30:** Momento “opinião” do jornal O Globo do dia 09/10/1990.

**FIGURA 31:** O Globo- edição do dia 27/05/1989.

**FIGURA 32:** O Globo- edição do dia 13/08/1989.

**FIGURA 33:** O Globo- edição do dia 10/11/1989- Um dia após o anúncio de abertura das fronteiras entre Berlim Ocidental e Oriental e as Alemanhas.

**FIGURA 34:** O Globo- edição do dia 11/11/1989- Dois dias após o anúncio de abertura das fronteiras entre Berlim Ocidental e Oriental e as Alemanhas.

**FIGURA 35:** O Globo- edição do dia 03/05/1990.

**FIGURA 36:** O Globo- edição do dia 14/08/1990.

## INTRODUÇÃO

O tema *Muro de Berlim* é amplamente citado como se fosse um tema isolado, possuindo abordagens *strictu sensu* sobre os anos que esteve erguido na atual capital da Alemanha unificada e também sobre sua importância como marco do totalitarismo do sistema comunista/socialista. Nós, neste trabalho, buscamos fazer uma análise *latu sensu*, tendo em vista dois fatores, um deles é que o tema *per se* não tem apenas relação com o período que ele estava erguido, entre agosto de 1961 e o término de sua destruição no começo da década de 1990, mas sim é um tema mais amplo que projetou mudanças na Alemanha, na Europa e em todo o mundo que naquele período estava “testando” o fenômeno da globalização. O outro fator está ligado às origens do autor desta dissertação, que foi a possível relação que esse tema teve com a redemocratização brasileira, sendo uma fonte de inspiração para a volta da República e um catalisador das relações diplomáticas do país, como indicam DA COSTA e LADWIG (2009).

“[...] a globalização ampliada pelo fim da Guerra Fria estimulou os esforços do Brasil em prol da integração regional e com vistas à inserção da economia brasileira nos grandes fluxos globais de comércio, de investimentos, de tecnologia e em outros circuitos relevantes da interdependência mundial”<sup>1</sup>.

Quando falamos sobre a importância na Redemocratização do Brasil, algo noticiado nacionalmente na época, também depuramos outras informações em um âmbito mais regional, apesar de não ter sido explicitamente mencionado pelo *Jornal do Commercio*, acreditamos também a queda do Muro, pode ter influenciado o avanço de uma perspectiva mais otimista em relação aos investimentos no Polo Industrial de Manaus (PIM)<sup>2</sup>, já que esta área na cidade de nascimento do autor, Manaus<sup>3</sup>, é uma área que goza de benefícios fiscais, como a isenção de uma série de impostos em relação a outras cidades brasileiras, logo, com a abertura econômica, seria ainda mais rentável investir na capital amazonense.

---

<sup>1</sup> DA COSTA, Rogério Santos e LADWIG, Nilzo Ivo (2009). *Vinte anos da queda do Muro de Berlim- um debate interdisciplinar*. Palhoça- SC: Ed. Unisul. p.25.

<sup>2</sup> A Zona Franca de Manaus (ZFM) ou Polo Industrial de Manaus (PIM) é uma zona industrial em Manaus, cidade do norte do Brasil, que foi criada em 1957 e aprimorada dez anos depois, substituindo a lei anterior. O objetivo é impulsionar o desenvolvimento econômico da Amazônia Ocidental. O PIM concentra mais de mais de 600 empresas de diversos setores, como o de eletroeletrônicos, duas rodas e químico. Atualmente gera mais de meio milhão de empregos, diretos e indiretos. Informações disponíveis em: <http://site.suframa.gov.br/assuntos/polo-industrial-de-manau>. Acesso em 16/09/2019.

<sup>3</sup> Cidade brasileira de 2.182.763 milhões de habitantes, é a capital e maior cidade do estado do Amazonas, maior estado do Brasil em extensão.

Nossa análise dar-se-á nos anos de 1989 e 1990, sendo este último um ano também importante, pois muitos dos fatos após a queda do Muro de Berlim foram reverberados meses depois, já na década de 1990, como por exemplo a Reunificação das Alemanhas, em outubro. Dado este fato, a investigação dos jornais precisou contemplar esse espaço cronológico de dois anos, pois com isso seria possível aprofundar a investigação no sentido de saber a estrutura e linguagem usada pelos jornais. Além da palavra-chave “*Muro de Berlim*”, se fez necessário analisar os jornais de modo periférico, pois em muitas páginas a presença de informações relacionadas com o tema, foi intensa por meio de notas, reportagens com fotos e crônicas<sup>4</sup>.

O muro, que muitos jornais não só do Brasil, mas do mundo inteiro chamavam de “muro da vergonha”, realmente poderia se resumir a isso, uma vergonha, um verdadeiro ato de agressão à liberdade de circulação de um povo que já estava no local antes de todo esse processo político desastroso. Para TAYLOR (2006), “It was not just a brutal act in itself but also final proof, if proof were needed, that the reunification of their country that many still hoped for must remain a distant, even an impossible, dream”<sup>5</sup>. O “sonho impossível” acabou se tornando um pesadelo real e cada vez mais presente na vida dos alemães, mais uma vez o ser humano usando a engenhosidade para construir algo negativo.

“The Wall shocked and amazed the world, a massive engineering and security project that before it was built many outsiders had dismissed as impossible. It extended for almost a hundred miles, with thirty or so of it dividing East from West Berlin, the rest sealing off the surrounding East German countryside”<sup>6</sup>.

Em outros momentos deste trabalho, defendemos a teoria de que a classe política sempre está mais preocupada com o próprio bem-estar ao invés de cuidar das necessidades públicas daqueles que os escolheram, uma pista disso é o uso da palavra “crueldade” por muitos autores e não apenas por Frederick Taylor, que define a

---

<sup>4</sup> No jornal *O Globo*, foram encontrados nos anos de 1989 e 1990, 102 produtos noticiosos com a palavra chave “Muro de Berlim” e 221 notícias envolvendo o tema e assuntos relacionados. Neste período foram encontradas 162 fotos.

No Jornal do Commercio, foram encontrados nos anos de 1989 e 1990, 20 produtos noticiosos com a palavra chave “Muro de Berlim”. Neste período foram encontradas 6 fotos.

<sup>5</sup> TAYLOR, Frederick (2006). *The Berlin Wall: A world divided, 1961 – 1989*. Londres: Harper Collins. p.9.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p.8.

negligência dos governantes, como se estes fingissem ter pressa para resolver o imbróglio, mas na realidade deixaram o povo alemão oriental entregue à própria sorte, como forma de mostrar para o mundo as consequências negativas de quem era governado por esse sistema. “[...] The Wall supplied, above all, an excellent propaganda weapon against the Communists—actually quietly abandoned the GDR’s seventeen million citizens to their fate”<sup>7</sup>.

Para entendermos como os fatos foram desencadeando este complexo processo voltamos ao término da Primeira Guerra Mundial em 1918, quando a Alemanha saiu derrotada pelas nações aliadas<sup>8</sup>, TAYLOR (2006) nos dá uma ideia da situação quando comenta sobre a questão cambial do país, “In the years immediately following, the horrors of hyperinflation devastated Germans’ savings. In June 1920, the rate of exchange stood at 50 marks to the dollar, a year later 101 marks, and by July 1922 550 marks”<sup>9</sup> e devido à catástrofe e os inúmeros prejuízos causados se fez necessária alguma medida que pudesse evitar uma tragédia como essa novamente. Nesse período foi criada a Liga das Nações<sup>10</sup> quando foi elaborado o Pacto (da Liga das Nações), incorporado ao Tratado de Versalhes. Ao assinar esse pacto, as nações vencedoras e perdedoras se comprometiam em não se envolver em guerras para resolver seus problemas. A Alemanha entrou sete anos depois, em 1926 e mesmo que tenha firmado o compromisso acabou rompendo o acordo em 1933 e anos mais tarde em 1939, teria início o que todas as nações europeias temiam, um segundo grande confronto, começava então a Segunda Guerra mundial com a invasão alemã na Polônia. Com um saldo ainda mais sangrento, milhões de pessoas mortas e muita destruição, novamente a Alemanha saiu derrotada no fim dos confrontos em 1945 e ainda mais desmoralizada pois como estava enfraquecida, rendeu-se. As nações aliadas saíram vitoriosas e neste período de pós-guerra buscaram estabelecer uma nova ordem geopolítica, para isso participaram da Conferência de Potsdam que além de promover

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.10.

<sup>8</sup> As nações aliadas eram França, Reino Unido, EUA e Rússia que se retirou em 1917 durante a Revolução Russa.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.37.

<sup>10</sup> Órgão internacional que tinha entre outras funções a de instituir a segurança e manter a paz entre as nações.

ações de desmilitarização e melhoria economia, teve também como resultado a divisão da Alemanha entre ingleses, franceses e estadunidenses (essas três nações ficaram com o lado oeste) e a União Soviética que ficou com o lado leste. Em 23 de maio de 1949 foi criada oficialmente a divisão entre a República Federal da Alemanha (RFA) no lado ocidental e a República Democrática Alemã (RDA) no lado oriental. Mesmo antes dessa divisão política, o modo de vida dos cidadãos passou a ser diferente, o lado oriental era socialista, com uma sociedade oprimida, sem acesso a itens considerados básicos no lado oeste, além disso neste momento começava um período de grande atraso econômico-social em relação aos países capitalistas, principalmente se compararmos com a realidade da Alemanha Ocidental, dentro desse contexto tinha início a Cortina de Ferro, uma divisão não-física do continente europeu em dois blocos de influência, o leste socialista e o oeste capitalista. As insatisfações não se restringiram à Alemanha Oriental ou a Berlim, mas foi em Berlim que a revolta popular pôde ser comprovada em momentos mais críticos, como durante as fugas diárias e isso aconteceu de 1945 até 13 de agosto 1961. Nesse período, um número expressivo da população da RDA migrou para a RFA, “[...] two and a half million fled in this way, reducing the GDR’s population by around 15 per cent”<sup>11</sup> e justamente nesse início da década de 1960 o êxodo atingiu níveis mais críticos e como o governo não estava disposto a ceder, a solução foi fechar a fronteira, “[...] on that fateful August weekend, the Communists’ vast undertaking to seal off East from West Berlin, to close the “escape hatch”<sup>12</sup>, foi nesse contexto que o muro começou a ser construído para isolar Berlim ocidental de Berlim oriental, isso para conter a fuga dos cidadãos, principalmente porque o lado soviético não queria perder sua mão de obra, que estava insatisfeita com o modo como as políticas públicas estavam sendo conduzidas. TAYLOR (2006), fala em uma “saída de emergência”, por onde os alemães orientais estariam escapando do modo de vida Stalinista.

“Its porous boundaries represented a hole, an ‘escape hatch’ through which enterprising East Germans could head to the by-now booming West in pursuit of political freedom and a higher standard of living than their neo-Stalinist masters were prepared to allow them”<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.8.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

Começava então o período de longos 28 anos do muro de Berlim e a Guerra Fria<sup>14</sup>. DA COSTA e LADWIG (2009) afirmam que a Guerra Fria constituiu o elemento definidor por excelência das relações internacionais durante grande parte da segunda metade do século XX.

Durante os capítulos subsequentes, iremos contextualizar de modo mais pormenorizado os eventos que antecederam a queda do muro de Berlim e também aqueles que fazem parte do processo histórico que levou a sua queda. Vários fatores contribuíram para um enfraquecimento desse sistema (comunista/ socialista), principalmente nos últimos anos da década de 1980, quando as crises institucionais e os gastos militares foram aos poucos desidratando o poder da União Soviética que ao perder controle das nações que estavam sob seu regime, dentre elas a Alemanha Oriental foi abrindo espaço para o fim da bipolaridade, vontade essa que já vinha sendo manifestada pelos habitantes do lado ocidental, que queriam liberdade para ir e vir. Para TISMĂNEANU (2009), “The revolutions of 1989 have fundamentally changed the political, economic, and cultural map of the world. Resulting from the widespread dissatisfaction with Leninist ideological domination, they allowed for a rediscovery of democratic participation and civic activism”<sup>15</sup>. A cronologia de 1989 exemplifica bem o pensamento do sociólogo e cientista político romeno Vladimir Tismăneanu, pois os eventos que contribuíram para a queda do comunismo e para a queda física do Muro de Berlim<sup>16</sup>, que sem dúvida representou a bipolaridade no mundo durante 28 anos, se intensificaram em 1989. Além das manifestações na própria Alemanha Oriental, outros eventos aconteciam paralelamente em países que também já estavam mudando seus conceitos em relação ao domínio socialista dos soviéticos. FUKUYAMA (1992) reforça essa ideia, “The year 1989—the two hundredth anniversary of the French Revolution, and of the ratification of the U.S. Constitution—marked the decisive collapse of communism as a factor in world history”<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> Alguns autores defendem a tese de que a Guerra Fria começou bem antes, em 1917 com a Revolução Russa, outros reforçam a mesma que utilizamos acima, que indica o ano de 1945 como o marco inicial.

<sup>15</sup> TISMĂNEANU, Vladimir (2009). *The Revolutions of 1989: Causes, Meanings, Consequences*. Vol. 18, No. 3, Revisiting 1989: Causes, Course and Consequences. p.9.

<sup>17</sup> FUKUYAMA, Francis (1992). *The end of history and the last man*. New York, The Free Press. p.25.

A URSS já fora parceira dos EUA, mas por ter características político-ideológicas muito diferentes, o afastamento foi inevitável, e mais difícil ainda seria evitar que essas potências entrassem em conflito na briga pela hegemonia mundial. A população não teve escolha em um primeiro momento, porém com o passar do tempo a insatisfação foi alimentando a vontade de mudar, e foi justamente no ano de 1989 que tudo isso ficou claro.

“[...] a partir de 2 de maio de 1989, um conjunto de acontecimentos dentro da RDA e fora do país terminaram – intencionalmente ou não – comprometendo não somente os festejos do aniversário pátrio, como também forçando a renúncia de Honecker, a queda do muro de Berlim, o colapso do Estado dos operários e camponeses e, finalmente, a reunificação da nação alemã”<sup>18</sup>.

O poder de Honecker se enfraqueceu depois das revoltas populares, pois os cidadãos já não estavam mais dispostos a ceder como antes, época em que ser fiel ao líder da RDA e ao sistema comunista era mandatário ou quase inevitável.

“Em um país onde praticamente todos os habitantes acabavam sendo funcionários públicos, a lealdade ao partido (SED), ao Estado (RDA), ao líder (Honecker) e eventualmente à polícia política (Stasi) era condição *sine qua non* para progredir na carreira profissional ou simplesmente para continuar sobrevivendo”<sup>19</sup>.

Antes mesmo das manifestações dos alemães, alguns países próximos tiveram a tendência a ajudar para que também se libertassem de qualquer resquício do sistema vigente, foi o caso da Hungria que em maio de 1989 começou a retirar a cerca de arame farpado que a separava da Áustria neutra e com isso vários alemães aproveitaram para fugir, em julho o líder da URSS, Mikhail Gorbachev já demonstrava interesse em integrar a União Soviética à economia mundial, assumindo que o sistema comunista já apresentava claros sinais de desgaste. Posteriormente, em outubro a Alemanha Oriental anistiu os cidadãos que haviam fugido do país e aqueles que estavam enfrentando processo por se manifestarem contra o regime e com o passar dos dias eram maiores as decisões favoráveis às mudanças. No mês seguinte, a Alemanha Oriental reabre fronteiras com a Tchecoslováquia, nessa ocasião mais de 5.000 alemães orientais acampados na embaixada em Praga partiram para a Alemanha Ocidental em 3 de novembro. O muro começou a ser derrubado em 9 de novembro de 1989, após o

---

<sup>18</sup> ÁVILA, Carlos Federico Domínguez (2010). *A queda do muro de Berlim: um estudo com fontes brasileiras*. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 37, p. 93-110, out. p.95.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.94.

pronunciamento de Günter Schabowski<sup>20</sup> que afirmou que as restrições para viagens teriam fim. A data era o dia seguinte, mas quando questionado por jornalistas acabou dizendo que era algo imediato e com isso a população se aglomerou nas proximidades do muro, comemorando a decisão e destruindo o muro da maneira que podiam, de um modo voraz como alguém que não conseguia acreditar que aquele período estava acabando e ao mesmo tempo não queria perder a oportunidade de fazer parte desse momento histórico ao tentar derrubar o emaranhado de ferro e concreto.

A queda não foi apenas física, pelo contrário, para chegar nesse ponto foi preciso haver uma ruptura ideológica gerada pela insatisfação de quem vivia sob o controle socialista e também pela estrutura política dos soviéticos que já apresentava problemas. Essa mudança não foi importante apenas no cenário europeu, mas também mundial, pois com o fim da bipolaridade entre capitalismo e socialismo, os países puderam usufruir da abertura das fronteiras, da globalização e do desenvolvimento tecnológico que era crescente naquele período. No entanto, para TISMĂNEANU (2009) “It was only after the disintegration of Yugoslavia and the velvet divorce<sup>21</sup> that led to the breakup of Czechoslovakia into two countries (the Czech Republic and Slovakia) that scholars and policy-makers realized that the liberal promise of these revolutions should not be taken for granted and that the aftermath of communism is not necessarily liberal democracy”. Isso mostra que mesmo após a queda do Muro e com todas as manifestações populares ao longo da década de 80, as mudanças sociais não foram imediatas, mas sem dúvida como afirma (HOBSBAWN, 1994) “não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou” e isso é válido não só para a Alemanha, mas sim para todo o mundo, que a partir de então experimentava novas perspectivas, um exemplo foi a mudança na política interna da União Soviética, como afirma FUKUYAMA (1992), “In January 1990, Article Six of the Soviet Constitution, guaranteeing the Communist party a “leading role,” was revoked”<sup>22</sup>, a quebra da exclusividade do poder comunista já seria motivo de comemoração.

---

<sup>20</sup> Membro e porta-voz da comissão política do Partido Socialista Unificado da Alemanha (PSUA)

<sup>21</sup> *Velvet divorce* (divórcio de veludo em português). Trata-se do processo histórico que pôs fim à antiga Tchecoslováquia, criando dois novos países, a República Tcheca e a Eslováquia, em 1 de janeiro de 1993.

<sup>22</sup> FUKUYAMA, Francis (1992). *The end of history and the last man*. New York, The Free Press. p. 27.

Do outro lado do oceano, no Brasil, a população estava indo às urnas para escolher um presidente, após 21 anos de ditadura militar (1964- 1985). Sem dúvida, uma mudança muito significativa para uma nova conjuntura política e econômica, que se desenvolveria a partir de então não apenas pelo fato das eleições diretas, mas também por outros acontecimentos globais que teriam influência no mundo inteiro, e é claro, no Brasil que já era um país com grande potencial em vários setores. Com o fim da Guerra Fria, o mundo passava a se relacionar de modo mais ágil e sem tantas barreiras fossem físicas ou ideológicas, em terras brasileiras o fim do período militar e a redemocratização dava novos rumos ao país e esperança para a população que se sentiria muito mais participativa. Ou talvez, as mudanças não foram assim tão imediatas, visto a necessidade gradual de recuperação quer fosse na Europa ou na América Latina “The newly democratic countries of Eastern Europe face wrenching transformations of their economies, while the new democracies in Latin America are hobbled by a terrible legacy of prior economic mismanagement”<sup>23</sup>.

E esse “mal gerenciamento econômico” que aponta Francis Fukuyama, atingiu o Brasil de uma forma paradoxal, que até hoje é motivo de discussão entre aqueles que apoiam o militarismo e os que são contra, isso porque o Brasil realmente cresceu, tendo o chamado “Milagre Econômico”, entretanto muitos empréstimos foram contraídos indeliberadamente, algo que teria reflexo na economia de modo negativo na economia brasileira. “The Brazilian military presided over a period of remarkable economic growth from 1968 to 1973, but in the face of a world oil crisis and slowdown, Brazil's military rulers found they had no particular gift for economic management”<sup>24</sup>. FUKUYAMA (1992) continua discorrendo sobre o Brasil e as outras nações da América Latina, quando diz que em meados da década de 1950, estava na moda dizer que esses países (da América Latina) eram subdesenvolvidos, bem como as nações do chamado Terceiro Mundo<sup>25</sup> e que os países ricos provavelmente “construíram” esse cenário, no qual quem

---

<sup>23</sup> *Ibidem*, p.44.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p.20.

<sup>25</sup> Termo originado durante a Guerra Fria, usado para designar os países neutros, ou seja, que não apoiavam o capitalismo (liderado pelos EUA) nem o socialismo (liderado pela URSS). Outra acepção é usada para designar os países em desenvolvimento.

se sobressaem frente aos pobres, criando uma espécie de dependência ao invés de promover o desenvolvimento. Essa situação iria mudar, ainda que atualmente não possamos dizer que existe uma nação 100 por cento independente. No caso do Brasil, o presidente eleito em 1989 tratou de reverter o atraso deixado pelo militarismo na época da Ditadura.

“By the early 1990s, that understanding had changed entirely: President Carlos Salinas de Gortari in Mexico, President Carlos Menem in Argentina, and President Fernando Collor de Mello in Brazil, all sought to implement far-reaching programs of economic liberalization after coming to power, accepting the need for market competition and openness to the world economy”<sup>26</sup>.

As medidas positivas são fato, apesar disso, Fernando Collor de Mello foi denunciado (um de seus irmãos, Pedro Collor de Mello, foi o principal denunciante) por suspeitas de envolvimento em casos de desvio de verbas, depois de um longo processo político, ele sofreu um *impeachment* em 1992.

“Independentemente da fraude política que o segundo candidato representou, uma vez empossado – e antes de ser impedido, dois anos depois – ele deu início ao único, ainda que inconsistente, processo de reforma radical que o Brasil conheceu em toda a sua história: reforma tarifária, redução do tamanho do Estado, abertura econômica e liberalização comercial, além da revisão completa da política nuclear herdada do regime anterior, começando pelo desmantelamento do seu vetor militar”<sup>27</sup>.

O sistema mudou (de ditadura para democracia), entretanto a apropriação indevida da receita gerada pelos impostos do povo, não. “O relatório apontou as ligações de Fernando Collor com o esquema de corrupção. Estimava-se que um total de 6 milhões e 500 mil dólares haviam sido transferidos para os gastos pessoais do presidente”<sup>28</sup>. DA COSTA e LADWIG (2009) completam, “Collor de Mello foi, provavelmente, o presidente que terminou o equivalente da Guerra Fria no plano interno do Brasil, isto é, o *ancien régime* da velha economia estatizante e dirigista [...]”<sup>29</sup>. Como nossa análise é baseada no espaço cronológico de dois anos (1989-1990), não iremos aprofundar sobre o impeachment. Nosso foco é mostrar que ambos, alemães e brasileiros estavam dando boas vindas à democracia, o Brasil se projetando para conquistar um lugar de reconhecimento como a nação rica em recursos naturais, minerais e capital humano, que

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p.42.

<sup>27</sup> DA COSTA, Rogério Santos e LADWIG, Nilzo Ivo (2009). *Vinte anos da queda do Muro de Berlim- um debate interdisciplinar*. Palhoça- SC: Ed. Unisul. p.26.

<sup>28</sup> IMPEACHMENT DE FERNANDO COLLOR- Informações obtidas no site Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/impeachment-de-collor/o-relatorio-final-da-cpi.htm>. Acesso em 21.09.2019.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

é, e a então Alemanha que voltava a ser uma só, mais precisamente no dia 3 de outubro de 1990. Em 20 de junho de 1991, Berlim foi oficializada a capital da nação unificada, que se chamaria República Federal Alemã (*Bundesrepublik Deutschland* em alemão) nome até então usado apenas pela Alemanha Ocidental. Para “internalizar” esses ideais na mente da população, nada como uma das melhores e mais eficazes formas de propagação da época, a mídia impressa, que publicava, teoricamente aquilo que seria benéfico para o país, ou pelo menos benéfico para elas mesmas, ou seja a divulgação das notícias negativas envolvendo o socialismo/ comunismo em contrapartida com as (notícias) positivas sobre fatores louváveis do capitalismo, todas as vezes que este se mostrava mais propício para um mundo mais globalizado e desenvolvido, como uma forma de fazer a povo pensar “por que o Brasil não pode passar pelo mesmo processo?”. Sem dúvida, esse foi um tema que permaneceu durante todos esses anos no espaço público brasileiro, nós, por questões de limitações de espaço e tempo e também por afinidade com o material pesquisado, escolhemos analisar dois jornais impressos.

Os jornais como um todo, por se tratarem de empresas, visam lucro e ainda que busquem a isenção, pois essa é a principal premissa do bom jornalismo, “precisam” estar em um sistema que permita a liberdade e o crescimento da empresa e isso muitas vezes pode ser refletido no modo como as notícias são “tratadas”. Trinta anos atrás, em 1989, o viés pode ter sido o mesmo que o atual. Nossa principal hipótese é de que, era latente a intenção dos jornais em mostrar o quão prejudicial era o socialismo para o mercado e para a sociedade em geral, logo, em primeiro plano estava a tentativa de neutralizar tudo que pudesse desestabilizar a economia do país e prejudicar os interesses dos empresários, ou seja o plano de fundo era o liberalismo econômico. Nesse momento muitos países estavam passando por um processo de industrialização, que se intensificou com o fim do socialismo no caso dos países europeus e com o fim da ditadura militar, no caso do Brasil que teve sua “década perdida”, modo como ficou conhecida a década de 1980 devido a retração econômica causada por vários fatores como as dívidas contraídas no período militar. Para DA COSTA e LADWIG (2009), esses avanços na integração sub-regional respondiam, na verdade, a iniciativas já tomadas no hemisfério norte no sentido de complementar o processo de globalização com o aprofundamento da regionalização. A Europa estava se reestruturando e solidificando

sua geopolítica, reforçando o Tratado de Roma (1957), que em 1992 ganharia formas mais atuais como conhecemos através do Tratado de Maastricht, marco da criação da União Europeia enquanto o Brasil tentava crescer e também alinhar a economia da América do Sul através da criação do Mercosul<sup>30</sup>.

Antes mesmo de analisarmos as notícias, acreditamos que os jornais foram a favor da queda do muro e do comunismo para dar lugar a um mundo mais globalizado e livre economicamente, acrescentamos ainda que essa ruptura poderia servir de exemplo para o cenário brasileiro, já que o Brasil estava saindo de uma ditadura e no mesmo ano da queda do Muro em 1989, a população estava indo às urnas.

Com o passar dos dias e dos meses, conforme a situação do muro ia se “decantando” e tomando rumo em direção ao que o ocidente esperava que fosse feito, os jornais tendiam a intensificar suas críticas ao comunismo/socialismo, além de notícias que mostravam os fatores positivos que vinham acontecendo a partir disso, entendemos que isso poderia ser uma tentativa de convencer a população (aqueles mais duvidosos ou não) de que o ideal para o país seguir era o capitalismo e que ele pudesse fazer parte do fenômeno da globalização.

Apesar das restrições impostas pelos militares, o Brasil se desenvolveu em algumas áreas durante a Ditadura, o problema é que para isso, foram feitos empréstimos, chegando a um ponto extremo em que o Estado estava com déficit e não conseguia honrar suas dívidas. Além disso, com a economia fechada ao capital externo, as empresas multinacionais que estavam instaladas no país, não se preocuparam em investir nas suas fábricas ficando muito aquém do que era produzido nos grandes centros da época, um exemplo disso eram as indústrias automobilísticas, que produziam carros inferiores até mesmo no que diz respeito ao desenho, se comparados aos fabricados em outros países.

---

<sup>30</sup> Fundado a partir do Tratado de Assunção de 1991, o Mercosul (ou Mercado comum do Sul), estabelece uma integração, na qual há livre comércio e uma política comercial comum entre os países-membros (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai). A Bolívia está aguardando decisão e a Venezuela está suspensa.

A partir do colapso do sistema intervencionista socialista da União Soviética, o “medo” dos países em ter o mesmo fim supostamente era grande. Esse e entre outros fatos, aceleraram a ideia de um mundo mais globalizado e com disposição ao neoliberalismo, como afirma THER (2016), “By the early nineties, a political and economic movement toward neoliberal economic policy had emerged in almost all postcommunist countries”<sup>31</sup>.

A partir dessa contextualização e dessa hipótese, elaboramos objetivos que pretendemos elucidar com esse trabalho de pesquisa. Tendo como objetivo geral, mostrar como os jornais brasileiros *O Globo* e *Jornal do Commercio* noticiaram a queda do muro de Berlim no contexto da redemocratização do Brasil, qual foi a linguagem utilizada, se foi imparcial ou se teve uma tendência a “convencer o leitor” das questões negativas do sistema socialista/comunista, o que se pôde observar a partir disso, se os meios focaram mais nas agendas políticas, nas econômicas ou nas sociais e com que intenção. Por estarem a mais de 9000 km longe um do outro (se considerarmos as distâncias entre as capitais do Brasil e da Alemanha reunificada, Brasília e Berlim respectivamente), é interessante observar se os jornais vinham noticiando o tema desde as primeiras manifestações populares na Alemanha Oriental já no começo do ano de 1989, ou se apenas a partir de outubro, quando as definições para a derrubada do muro e as negociações políticas entre o mundo capitalista e os socialistas estavam no ápice, isso si aplica principalmente ao *Jornal do Commercio*, de Manaus, que apesar de ter uma importância econômica no país, está longe (geograficamente) dos grandes centros cosmopolitas do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro.

O corpo documental será constituído por jornais impressos, pelo fato destes serem uma das fontes primárias mais utilizadas por historiadores contemporâneos para compreender a recepção dos acontecimentos no espaço público e também pelo fato do autor desta dissertação ser jornalista, desta forma poderemos conciliar os conhecimentos jornalísticos com a compreensão histórica do fato que nos propusemos

---

<sup>31</sup> THER, PHILIPP, and Charlotte Hughes-Kreutzmüller (2016). *Europe since 1989: A History*. Princeton; Oxford: Princeton University Press. p.7.

analisar, levando em conta que a imprensa exerce um papel muito importante na sociedade e na formação da opinião pública.

Nesta tese, pretendemos fazer uma análise não apenas relacionada ao formato jornalístico (se publicou com fotos, se foi em primeira página, se contextualizou o tema e entre outros recursos) utilizado pelos jornais, mas também uma investigação mais profunda acerca de aspectos estilísticos de como as notícias foram tratadas, se conseguem explicar ao leitor comum o que estava acontecendo, qual o destaque que foi dado, se permitiu ao leitor uma compreensão isenta de opiniões e entre outros filtros que iremos utilizar, até porque como citou Jorge Pedro Souza, “[...] por fazerem história, jornalista e historiador cultivam idênticas qualidades e valores profissionais, como a preocupação pela fidelidade aos factos, a intenção de verdade, etc”<sup>32</sup>, ou seja nossa intenção é envolver a análise histórica sob uma ótica baseada no jornalismo. Outro fator fundamental é a análise da área que as notícias ocupam nas páginas, pois há certas características que são intencionalmente aplicadas para dar mais ou menos ênfase em determinado assunto e a partir delas é possível entender a intenção do jornal em dar determinado destaque, ao fazermos esta análise percebemos também a preocupação do jornal em colocar em uma mesma página temas relacionados e também notícias que complementam fatos noticiados anteriormente, apresentando os seus desdobramentos, algo conhecido em jornalismo como *suíte*.

“A forma do jornal é a primeira pista para o entendimento de seu lugar na cultura contemporânea, a compreensão de sua linguagem e a investigação de sua história. A disposição das manchetes, o desenho das letras, sua uniformidade ou variedade, a existência ou não de claros e o equilíbrio estético entre eles, o tamanho e a natureza das ilustrações poderão nos informar se o jornal se destina a público mais ou menos amplo, de menor ou maior escolaridade”<sup>33</sup>.

Ao analisar, iremos separar o que é notícia e o que reportagem dos textos opinativos, como as crônicas e os editoriais, por exemplo, já que nosso objetivo é tratar de notícias, produto jornalístico que tem como objetivo principal produzir um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas, algo que não acontece nos editoriais, pois estes já carregam uma pré-análise do proprietário do veículo ou o sentimento de quem escreve.

---

<sup>32</sup> SOUSA, Jorge Pedro (2008). *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. Porto- Portugal. p.20.

<sup>33</sup> LAGE, Nilson (2001). *Ideologia e Técnica da Notícia*. 3ª ed. - UFSC-Insular. p.07.

Para Lage (2001) os fatos tal como aparecem; são, na realidade, abandono consciente das interpretações, ou do diálogo com a realidade, para extrair desta apenas o que se evidencia.

Com o amadurecimento do tema, algo inerente ao processo de construção de uma dissertação, decidimos seguir uma linha de pesquisa que se aproximasse do nosso contexto enquanto brasileiros, tanto pela curiosidade quanto por um possível ineditismo na análise em um dos jornais (*Jornal do Commercio*) que é o mais antigo da Amazônia e do estado do Amazonas, sendo questionável como um jornal de uma área mais distante dos grandes centros do Brasil noticiou o tema e quais abordagens foram feitas. Ou seja, o plano de fundo (2<sup>a</sup> Guerra- Alemanha- Guerra Fria) continua, entretanto, a abordagem mais europeizada, deu espaço a uma análise transoceânica, considerando o fato de que analisar um jornal europeu dentro da Europa não proporcionaria, provavelmente, tantas surpresas quanto um meio de comunicação que esteja fora do continente. Os dois jornais escolhidos são tradicionais, *O Globo* foi fundado em 1925, produz reportagens que contemplam todas as regiões do país, mas sua veiculação física é mais limitada em estado das regiões norte e nordeste. *O Jornal do Commercio* é o jornal mais antigo do Amazonas e da Amazônia, fundado em 1904. Além de ser importante para o Brasil e para o mundo, esta região de tamanho continental está distante dos grandes centros que concentram as maiores empresas de comunicação do Brasil, nomeadamente São Paulo e Rio de Janeiro, sendo assim é relevante saber como um fato de política internacional foi noticiado nesta região, permitindo assim saber se o olhar foi realmente regional, diferente dos padrões nacionais, que geralmente vem da região sudeste ou se o jornal apenas replicou o que vinha da Europa através das agências de notícias, dessa forma pretendo poder apresentar uma abordagem macro e micro.

Durante a investigação tivemos acesso a várias opções de fontes primárias, entretanto por questões de gerenciamento dos objetivos e das hipóteses dentro do tempo para execução do trabalho, preferimos delimitar a quantidade dos jornais a serem utilizados. Os dois jornais são anteriores à Primeira Guerra Mundial, logo possuem uma “credibilidade temporal” em torno da reputação conquistada, que se torna mais sólida

e credível, pelo fato de terem acompanhado não só a queda do Muro de Berlim, mas também todos os acontecimentos que possibilitam entender a origem desse evento, como a Segunda Guerra Mundial.

## 1º CAPÍTULO- UM MURO QUE MARCOU E MUDOU A HISTÓRIA

Ao pensarmos em “Muro de Berlim”, inexoravelmente nos deparamos a complexidade do tema, isso fica claro desde o momento da investigação das literaturas existentes até a construção da hipótese pois o assunto é policêntrico e para entendê-lo é preciso fazer uma ampla análise não apenas do evento físico da queda em novembro de 1989, mas também dos processos que foram fundamentais para desencadear essa ruptura, nomeadamente as guerras mundiais e o avanço do socialismo. DA COSTA e LADWIG (2009) reforçam essa ideia quando dizem que as dimensões do fato “não cabem no contexto de explicações monolíticas”<sup>34</sup>, visto que o muro e todos os acontecimentos dentro do período que ficou conhecido como Guerra Fria não foram resultado de um fato isolado e também não provocaram consequências que se limitaram às Alemanhas (que a partir de 1990 voltariam a ser uma só) e à Europa, temas que são discutidos no livro: *Vinte anos da queda do Muro de Berlim* “[...] é incontestável que o acontecimento causou mudanças profundas nas diferentes partes do mundo e em diferentes áreas”<sup>35</sup>. E por esse motivo, complementam afirmando que “O objetivo do livro não é expor a Guerra Fria como o debate centralizador, mas as consequências para o mundo, com o fato e as transformações que se sucederam”<sup>36</sup>. “O binômio queda do muro de Berlim – fim da guerra fria faz emergir muito do que se vive hoje nas novas relações de trabalho, relações internacionais, empresariais, de negócios e, sobretudo culturais”<sup>37</sup>.

O capitalismo já fazia parte do dia a dia de muitas pessoas, mas não da vida dos alemães orientais, estes não tinham direito de escolher consumir o que queriam, não havia na RDA a mesma variedade dos supermercados da RFA, isso não apenas para alimentos, mas também para itens básicos. No período socialista, os cidadãos da RDA experimentaram um retrocesso ou uma estagnação por assim dizer, algo que ficava refletido até nos objetos, um assunto que rendeu livros ilustrados como o *DDR Design-Arbeit, Freizeit, Ferien* (em português trabalho, tempo livre, férias) do autor Günther

---

<sup>34</sup> DA COSTA, Rogério Santos e LADWIG, Nilzo Ivo (2009). *Vinte anos da queda do Muro de Berlim- um debate interdisciplinar*. Palhoça- SC: Ed. Unisul. p.6

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p.7.

Höhne publicado em 2018, cujo o objetivo é mostrar como eram os itens do cotidiano na Alemanha Oriental. Não podemos deixar de citar títulos como *The Berlin Wall: A world divided, 1961 – 1989*, do historiador britânico Frederick Taylor publicado em 2006, o fato de Taylor ser especializado na história moderna da Alemanha, torna inevitável a utilização desta obra na construção desta tese. Para o autor, “The Wall represented a uniquely squalid, violent—and, as we now know, ultimately futile—episode in the post-war world”<sup>38</sup> e para além desse simbolismo violento que massacrou quem viveu sob esse regime austero, o autor vai além quando fala sobre a iminência de um conflito armado que acabou não ocorrendo, mas perturbou os principais governantes do mundo, “The subsequent international crisis over Berlin [...], threatened the world with the risk of a military conflict—one that seemed as if it could escalate at any time to a terrifying nuclear confrontation between the US and the Soviet Union”<sup>39</sup>. Para fazermos um paralelo, é interessante perceber também as abordagens feitas em literaturas publicadas antes da queda do muro de Berlim, tal como a obra de Peter Lane, *Europe since 1945 an introduction*, publicado em 1985, “For many centuries European states dominated world affairs. Since 1945 they have been overshadowed by the Soviet Union and the United States”<sup>40</sup>. Esse protagonismo das então “maiores potências mundiais” foi a principal agenda política do século XX e só teria fim com o declínio do regime socialista quer na Alemanha Oriental quer na União Soviética. A URSS tinha um poderio muito grande, quer fosse na influência quer fosse no tamanho, pois era o maior país do mundo em território e também possui um forte poder bélico, por isso era difícil acreditar que essa potência iria falir. Para THER (2016), “nobody imagined that the Eastern Bloc would ever collapse, or that a neoliberal train was being put on track in the United Kingdom and the United States that was set to cross Europe in 1989”<sup>41</sup>. O interessante dessa análise é ver que Lane (1985) explica o que naquele momento tratava-se de um futuro incerto buscando explicações no passado, por outro lado, quando consultamos o que diz THER (2016), entendemos de uma melhor forma, pois os eventos passados têm um sentido mais claro, pois o final já é sabido, tornando a investigação mais próxima das nossas hipóteses e facilitando as comparações. A situação na Europa do Leste já vinha

---

<sup>38</sup> TAYLOR, Frederick (2006). *The Berlin Wall: A world divided, 1961 – 1989*. Londres: Harper Collins. p.9.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p.7.

<sup>40</sup> LANE, Peter (1985). *Europe since 1945 an introduction*. Londres: Barnes & Noble. p.1.

<sup>41</sup> TAYLOR, Frederick (2006). *The Berlin Wall: A world divided, 1961 – 1989*. Londres: Harper Collins. p.3.

dando os sinais de enfraquecimento, “The constant shortfalls in supply, the conspicuous injustices, and the growing economic gulf between East and West were among the factors that confounded communism (the ideology) and state socialism (the practice)”<sup>42</sup>. O que antes parecia ser difícil de acontecer, já avistava um cenário diferente, “In 1990, socialism was too unpopular to win any elections or loans from the West”<sup>43</sup>. Começava uma nova era, uma nova configuração mundial traçada após a queda do Muro e posteriormente com a concretização onírica, até antes de 1989, de unir novamente as duas Alemanhas, algo que representou não só a liberdade do povo alemão de Berlim oriental, mas também a libertação do totalitarismo soviético, que como qualquer outro governo totalitarista, pregava uma sensação de bem-estar social que não passava de divagações no imaginário dos chefes de estado e políticos da época. Quando falamos em liberdade num contexto mais amplo, é impossível pensar em duas situações: a liberdade de expressão e o fato de ser inevitável desassociar da liberdade de imprensa, pois o que antes era “barrado” agora seria cada vez mais livre dos filtros impostos pelos governantes, conforme afirmam DA COSTA e LADWIG (2009), “O fim da Guerra Fria teve um papel singular na administração, em função das perspectivas de mais informação e fluxo de informações a serem tratados [...]”<sup>44</sup>. E é justamente o acesso à informação que facilita o trabalho investigativo, nosso plano de fundo para as interpretações é a mídia impressa, não por acaso, para HOBBSAWN (1994), quanto mais próximo do presente, mais o historiador do século XX fica “refém” da imprensa diária ou periódica<sup>45</sup>. Outra situação que pensamos ao lembrar de liberdade é a liberdade econômica ou o famigerado liberalismo e o que ele pôde ter representado para um contexto latino-americano, mais especificamente para o Brasil, que na época já era o país mais rico da América Latina. Para DA COSTA e LADWIG (2009), a maior parte dos efeitos do fim da Guerra Fria para o Brasil foram indiretos e se baseavam praticamente em sua totalidade no novo impulso dado à globalização econômica em âmbito regional e mundial.

---

<sup>42</sup> *Ibidem*, p.5

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.7

<sup>44</sup> DA COSTA, Rogério Santos e LADWIG, Nilzo Ivo (2009). *Vinte anos da queda do Muro de Berlim- um debate interdisciplinar*. Palhoça- SC: Ed. Unisul. p.6

<sup>45</sup> HOBBSAWN, Eric J. (1994). *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo- SP: Companhia das Letras.

“Ou seja, a globalização ampliada pelo fim da Guerra Fria estimulou os esforços do Brasil em prol da integração regional e com vistas à inserção da economia brasileira nos grandes fluxos globais de comércio, de investimentos, de tecnologia e em outros circuitos relevantes da interdependência mundial”<sup>46</sup>.

Entender o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 é essencial para compreender o avanço do socialismo e o da União Soviética e entender porque o muro de Berlim permaneceu 28 anos (de 1961 a 1989) sendo esse símbolo da repressão e da Guerra Fria, além disso compreender como se deu o colapso da URSS em 1991. BURUMA (2005), questiona se a guerra realmente acabou em 1945, pois apesar de que desde então não houve um conflito mundializado, foi em 1989 que as hostilidades finalmente se encerraram, pois foi só então que a Polônia, Hungria, a Tchecoslováquia, a Alemanha Oriental e outras partes da Europa Oriental e Central ficaram livres do governo comunista<sup>47</sup>. FUKUYAMA (1992) completa essa ideia, ao identificar que esses países têm algo em comum “Those living in Eastern Europe and the Soviet Union think or hope that they are getting capitalist prosperity, since capitalism and democracy are closely intertwined in the minds of many”<sup>48</sup>.

No que se refere à produção acadêmica acerca do tema ao tomarmos como base as palavras-chave: Queda do Muro de Berlim, História da Alemanha e Divisão da Alemanha, alguns títulos se destacam, como a dissertação de Manoel Dirceu Martins, “Reunificação da Alemanha: o evento histórico na televisão”, nela são analisadas cinco produções audiovisuais, sendo uma da TV alemã e quatro da TV Globo, do Brasil. O autor inicia contextualizando os fatos, assim como mencionamos no começo deste texto, dessa forma, ele situa o leitor dentro da perspectiva que escolheu abordar, nesse caso foi mostrar a maneira como os jornalistas brasileiros “traduziram” os acontecimentos, quais as analogias foram feitas para promover a compreensão clara por parte dos espectadores sobre o que o antecedeu a queda, como estava o processo de transição e uma tentativa de mostrar como seria o futuro próximo, incluindo quais as

---

<sup>46</sup> DA COSTA, Rogério Santos e LADWIG, Nilzo Ivo (2009). *Vinte anos da queda do Muro de Berlim- um debate interdisciplinar*. Palhoça- SC: Ed. Unisul. p.26.

<sup>47</sup> BURUMA, Ian (2005). *Ano Zero: Uma História de 1945*. São Paulo- SP: Companhia das Letras.

<sup>48</sup> FUKUYAMA, F. (1992). *The end of history and the last man*. New York, The Free Press. p. 143

consequências para o Brasil, para isso, ele também apresenta ao leitor como estava a situação política brasileira<sup>49</sup> no ano da queda do Muro.

“Os autores brasileiros exploram símbolos recolhidos da cena filmada que sejam capazes de estabelecer uma ponte entre o mundo de lá e o Brasil de cá, recortes da realidade que funcionem como pílulas de tradução instantânea: o samba em cima do Muro, a eficiência dos bancos ocidentais que assumiam a tarefa de repassar os marcos alemães aos orientais na união monetária, os automóveis modernos do oeste substituindo os Trabants feitos de papelão do lado comunista”<sup>50</sup>.

Fontes do Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil renderam um artigo que trata do evento histórico através dessas fontes, que poderiam ser de diplomatas ou posicionamentos do próprio governo. “Em termos globais, a queda do muro de Berlim foi considerada como um dos acontecimentos mais importantes da história mundial e da história da Guerra Fria”<sup>51</sup>. Os aspectos econômicos são importantes para o entendimento do interesse de outras nações pela rápida derrubada do muro e um ponto final no comunismo. “A Alemanha se unificou em 1990, não apenas pelo interesse dos alemães, mas pelo interesse dos europeus e do próprio Capital”<sup>52</sup>. MEYER (2009) traz uma abordagem muito próxima de quem conviveu nas linhas de frente pelo fato de estar nas coberturas jornalísticas, esse grau de intimidade confere um perfil mais isento em seu livro, ele não nega que os Estados Unidos contribuíram para o fim da Guerra Fria, entretanto ele completa que outros (países) “ganharam” a guerra, mas não tiveram tanto reconhecimento “as agitações de 1989 foram menos resultado de uma revolução de massa que de um planejamento cuidadoso e de um trabalho sério de alguns poucos indivíduos corajosos e clarividentes – bem como dos erros e da miopia de outros”<sup>53</sup>.

---

<sup>49</sup> Nesse ano (1989) o Brasil se preparava para ir às urnas eleger o primeiro presidente após 21 anos de ditadura militar.

<sup>50</sup> MARTINS, Manoel Dirceu (2001). *Reunificação da Alemanha: o evento histórico na televisão*. 161 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de História, Direito e Serviço Social.

<sup>51</sup> ÁVILA, Carlos Federico Domínguez (2010). *A queda do muro de Berlim: um estudo com fontes brasileiras*. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 37, p. 93-110, out. p.94.

<sup>52</sup> GUSMÃO, Tallyta Rosane Bezerra de (2017). *Aspectos económicos da unificação da Alemanha 1990 - 2000*. Dissertação (Mestrado em História Económica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

<sup>53</sup> MEYER, Michael (2009). *The Year That Changed the World (The untold story behind the fall of the Berlin Wall)*. Nova York, EUA. Scribner. 278pp. p.10

A questão econômica entre Alemanha Oriental e Brasil, sem dúvida era um tema intrigante, pois apesar do capitalismo ser o modelo mais amplamente adotado na época, o regime socialista parecia dar um retorno positivo, ainda que depois tivesse um desfecho diferente como afirma ÁVILA (2010), “Para muitos, inclusive para os diplomatas brasileiros lotados em Berlim Leste, a RDA era – ou parecia ser – um dos mais bem-sucedidos exemplos de socialismo realmente existente no Leste Europeu”<sup>54</sup>. Sem dúvida essa realidade (do socialismo como algo positivo), que podemos chamar de disfarçada em alguns aspectos, não duraria muito, seria apenas o tempo de perceber as vantagens do sistema, como afirma Francis Fukuyama.

“The fact that capitalism was in some sense inevitable for advanced countries, and that Marxist-Leninist socialism was a serious obstacle to the creation of wealth and a modern technological civilization, may have seemed like commonplace knowledge by the last decade of the twentieth century”<sup>55</sup>.

As mudanças foram muitas, inclusive no aumento do número de países do mundo, que até então estavam sob o domínio de poucas nações.

“By 1980 the United Nations had welcomed over 100 new nations since its founding in 1945, and during the 1980s additional colonial areas, especially in the Caribbean and Pacific, gained their independence. Finally, in the 1989-1991 period, the collapse of Soviet empire brought real national sovereignty to satellite nations and independence to the former Soviet republics”<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> ÁVILA, Carlos Federico Domínguez (2010). *A queda do muro de Berlim: um estudo com fontes brasileiras*. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 37, p. 93-110, out. p.94.

<sup>55</sup> FUKUYAMA, F. (1992). *The end of history and the last man*. New York, The Free Press. p. 51.

<sup>56</sup> GOFF, Richard - [et al.] (2008). *The twentieth century and beyond: a brief global history*. 7ª ed. Nova York- EUA. p. 295.

## 2º CAPÍTULO- 1989 – A MEMÓRIA SUBSTANTIVA DE UMA DATA COM 200 ANOS.

Quando decidimos seguir nesse tema “Muro de Berlim”, uma das primeiras hipóteses de trabalho era analisar a possível relação que esse evento poderia ter com os ideais da Revolução Francesa, 200 anos antes, nomeadamente *Liberté, Égalité, Fraternité*<sup>57</sup>. A frase do conhecido historiador francês François Furet, “1789 é a chave para o antes e para o depois”, pode ser uma pista sobre a nossa ideia de associar esses acontecimentos. Enquanto FUKUYAMA (1992) diz, “The “Spirit of 1776,” or the ideals of the French Revolution, would vanquish the world's tyrants, autocrats, and superstitious priests”<sup>58</sup>, VIZENTINI (2009) complementa essa ideia ao dizer “A espetacular queda do Muro de Berlim, ícone da Guerra Fria, produziu um efeito simbólico e sistêmico semelhante ao da queda da Bastilha ocorrida exatamente 200 anos antes, a qual encerrou a era absolutista. Agora, segundo se afirmava em 1989, tratava-se da afirmação da globalização neoliberal e do fim do socialismo”<sup>59</sup>.

Os fatores que motivaram essa comparação são muitos, mas o principal deles é que foi o povo, leia-se os menos favorecidos e mais prejudicados, que causaram o início do que seria um dos maiores acontecimentos da História, ou seja os alemães orientais (e também os povos do leste dominados pela URSS), insatisfeitos<sup>60</sup> com o sistema socialista, começaram a se manifestar contra os abusos de poder, desta vez não de um rei, mas de uma classe política retrograda que parecia querer frear o desenvolvimento social em nome da preservação de ideais sem sentido e totalmente insustentáveis se falarmos do século XX, que foi um período marcado por grandes mudanças que na opinião de Eric Hobsbawm, moldaram o século XXI, além disso o historiador britânico no seu livro *Era do Extremos*, dá espaço para a opinião de 12 personalidades do momento da publicação (1994) também expressarem seus pontos de vista, nós destacamos a ideia do agrônomo francês, René Dumont, quando diz “Vejo-o apenas como um século de

---

<sup>57</sup> Em português: liberdade, igualdade e fraternidade, respectivamente.

<sup>58</sup> FUKUYAMA, Francis (1992). *The end of history and the last man*. New York, The Free Press.p.4.

<sup>59</sup> VIZENTINI, Paulo Fagundes. *De Berlim a Nova Iorque, 1989-2009: a queda do muro socialista e do muro financeiro (Wall Street)*. Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 46, p. 51-71, jul./dez. 2009. p.51. Disponível em: <http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>.

<sup>60</sup> Ressaltamos que nem todos alemães orientais eram contra o sistema vigente.

massacres e guerras”<sup>61</sup>, que faz muito sentido, tendo em vista o número muito expressivo de pessoas mortas nos conflitos.

“Compared to World War I, World War II was a true global conflict, involving all the world’s major powers and stretching from the Arctic Circle to the South Pacific. It lasted six years, killed roughly 60 million people, and ended with the destruction of two cities by atomic bombs, the culmination of centuries of development in weapons technology. As the world began to rebuild after 1945, all concerned had to face the possibility that, in another great war, the human race might destroy itself”<sup>62</sup>.

Para entendermos melhor, vamos voltar à Revolução Francesa, um evento que dada a sua importância, é considerado o marco inicial da Idade Contemporânea<sup>63</sup>, do qual os desdobramentos serviriam de base para a instalação de um novo ordenamento social, colocando fim em instituições que já eram ultrapassadas e ficariam para trás na Idade Moderna<sup>64</sup> primeiro na França (e posteriormente em outros países europeus) a substituição do poder absolutista e das interferências do clero pela república, instituição da democracia, uma definição clara dos poderes e dos direitos dos seres humanos. Naquela época a França era um país rural e a sociedade era estamental, ou seja, sem mobilidade de uma classe baixa para uma mais alta, tudo era determinado ao nascer e isso gerava muitas desigualdades sociais. O terceiro estado, como era chamada a classe dos trabalhadores e camponeses representava 97% da população e como se isso não fosse suficiente, eram essas pessoas (as mais pobres) que sustentavam o primeiro e o segundo estado (os mais ricos). Em 1787, foi realizada a Assembleia dos Notáveis, onde clero e nobreza se reuniram para resolver a crise orçamentária, porém decidiram aumentar os impostos dos mais pobres, causando ainda mais revolta. Já em 1789 uma nova Assembleia, a dos Estados Gerais, contou com a participação de todos os estados, mas com o mesmo peso de voto, ou seja, apesar de ser maioria o 3º estado teria o mesmo peso que os estados que eram a minoria da população. Por isso foi solicitado ao rei Luís XVI que mudasse essa realidade, para que todos tivessem o mesmo direito e que o peso da maioria fosse maior. Entretanto como o rei demorou a decidir, possivelmente

---

<sup>61</sup> HOBBSAWM, Eric J. (1994). *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo- SP: Companhia das Letras. p. 20.

<sup>62</sup> GOFF, Richard - [et al.] (2008). *The twentieth century and beyond: a brief global history*. 7ª ed. Nova York- EUA. p. 255.

<sup>63</sup> Período que se iniciou com a Revolução Francesa em 1789 e segue até os dias atuais.

<sup>64</sup> Período da História do Ocidente que se inicia no final da Idade Média em 1453 d.C. com a queda do Império Romano do Oriente (ou Império Bizantino) e termina com a Revolução Francesa no dia 14 de julho de 1789.

por não querer causar instabilidade nas classes mais altas, os deputados do 3º estado (classe dos não nobres) resolveram se separar e proclamaram em Assembleia Nacional Constituinte em 1789 sujeitando a monarquia à uma constituição e é em meio a esse contexto ocorre a Queda da Bastilha, onde funcionava uma prisão de presos políticos, sendo um símbolo do absolutismo e também foi publicada a Declaração dos direitos do homem e do cidadão, dividindo os poderes governamentais e abolindo o poder feudal, algo irreversível para a sociedade a partir de então e que provocaria mudanças muito importantes, sendo norteadoras para a construção e organização social de muitas nações até hoje.

Reforçando a nossa ideia de que a Revolução Francesa moldou os conflitos subsequentes, Furet (1983, P.21, apud FLORENZANO, 1995, p.99) afirma:

“Quando finalmente, em termos institucionais, a Revolução terminou, em termos intelectuais continuou; e continuou porque nem bem havia acabado de impor a República e se tornou claro que a Revolução é muito mais que a República. Ela é a anunciação de que nenhum acontecimento se esgota”

### 3º CAPÍTULO- O JORNAL DO COMMERCIO:

#### 3.1 ATRAVESSANDO A FLORESTA AMAZÔNICA PARA NOTICIAR

O Brasil ainda nem tinha completado 15 anos como República quando o *Jornal do Commercio* iniciou sua produção, o Rio de Janeiro ainda era, capital do país<sup>65</sup>, Manaus ainda usufruía das benesses do Ciclo da Borracha<sup>66</sup>, as diagramações e estrutura gráfica do jornal eram totalmente diferentes dos dias atuais, como podemos ver na capa da primeira edição, veiculada no dia 2 de janeiro de 1904<sup>67</sup>. O próprio jornal disponibiliza informações sobre sua história através do site<sup>68</sup>, aonde também é possível ter acesso às notícias online e ler no formato do jornal impresso, ou seja, com a mesma estrutura que ele é vendido nas bancas, mediante pagamento de assinatura. As edições mais antigas existem em um banco de dados, no entanto o recurso de busca por palavras-chave não é tão eficiente quanto o da Hemeroteca Nacional que fica dentro do site da Biblioteca Nacional do Brasil<sup>69</sup>, por esse motivo, escolhemos consultar este site alternativo. A escolha do jornal justifica-se pela credibilidade, já que sua história inicia nos primórdios do século XX, quando os conflitos militares que são base para este trabalho, ainda eram apenas “ensaiados” pelos países envolvidos, seguindo até os dias atuais, depois de ter noticiado todos os desdobramentos possíveis e imagináveis envolvendo não apenas as duas guerras mundiais, mas também praticamente todos os fatos importantes do século (XX). Para compreendermos melhor a história deste jornal, fica impossível desassociar do *período gomífero*<sup>70</sup>.

---

<sup>65</sup> O Brasil em toda sua história teve 3 capitais, Salvador- BA (de 1549 a 1763), Rio de Janeiro- RJ (de 1763 a 1960) e Brasília- DF (de 1961 aos dias atuais)

<sup>66</sup> Ciclo da Borracha ou Período Gomífero (1879- 1919) Momento da história econômica e social brasileira relacionado com a extração de látex da seringueira e comercialização da borracha na Amazônia, proporcionando grande impulso ao crescimento de cidades como: Manaus, Porto Velho e Belém, todas na região norte brasileira

<sup>67</sup> O *Jornal do Commercio* é o jornal mais antigo em circulação na Amazônia, e um dos mais antigos do Brasil, tendo sido fundado em 2 de janeiro de 1904, por Joaquim Rocha dos Santos, vendido depois a Vicente Reis, em 1909, que, em 1943, o vendeu para os Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Informação obtida no site do jornal. Disponível em: <http://www.jcam.com.br/Noticia/Biografia-de-Guilherme-Aluizio-mostra-uma-vida-de-amplo-sucesso--50626#.XPvE9y2b5Z0>. Acesso em 06/06/2019.

<sup>68</sup> <http://www.jcam.com.br/site/A-Empresa>

<sup>69</sup> <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<sup>70</sup> Um dos nomes utilizados para designar o Ciclo da Borracha na Amazônia.



FIGURA 01: IMAGEM DA COMERCIALIZAÇÃO DE BORRACHA EM MANAUS EM 1906- FONTE: ARQUIVO NACIONAL



FIGURA 02: CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO JORNAL DO COMMERCIO (02/01/1904)



FIGURA 03: PÁGINA INICIAL DO JORNAL DO COMMERCIO – VERSÃO ONLINE (11/04/2019)

O jornal foi fundado por Joaquim Rocha dos Santos em uma época que a economia amazonense estava fortemente ligada à produção de borracha, que era beneficiada a partir do látex da serigueira, árvore típica da região Amazônica. A borracha era usada principalmente na fabricação de pneus para automóveis, esse fato fez de Manaus uma das cidades mais desenvolvidas do período que ficou conhecido como *Belle Époque* brasileira<sup>71</sup>, a cidade foi umas das primeiras a ser urbanizada e a ter o telefone além de ser considerada a segunda cidade brasileira a ter energia elétrica<sup>72</sup>. Em 1906, o Jornal do Commercio foi o terceiro jornal na América do Sul a importar uma máquina linotipo<sup>73</sup>, usada na composição de seus textos. Acreditamos que a criação do jornal foi favorecida e acelerada pelo desenvolvimento do estado e de Manaus, especificamente, já que com o comércio aquecido a difusão de notícias locais e internacionais passou a ser uma necessidade e não o mero ato de ler e deixar o “papel” de lado. É indiscutível entre diversos autores os avanços que a capital do Amazonas e outras cidades da Amazônia tiveram durante esse período. Por se tratarem de cidades fora dos grandes centros da época, não era suposto que se desenvolvessem tão rapidamente, ou seja, a borracha e toda a riqueza adquirida com a produção dela foram fatores que corroboraram para um *boom* no crescimento das cidades.

“Em 1910, o Brasil torna-se o maior produtor e exportador mundial de borracha, chegando a exportar, aproximadamente, 40 mil toneladas do produto. Esse crescimento econômico da região amazônica gerou um significativo desenvolvimento urbano. Muitas cidades surgiram e outras se desenvolveram como, por exemplo, Manaus. Entre as grandes obras arquitetônicas dessa fase, destacam-se o Teatro Amazonas, em Manaus, o Teatro da Paz, em Belém, o Cinema Olympia, em Belém, o Palácio do Governo, o Mercado Municipal e o prédio da Alfândega, entre outros luxuosos e imponentes edifícios, que foram construídos sob inspiração da arquitetura europeia”<sup>74</sup>.

---

<sup>71</sup> A Belle Époque brasileira (bela época em francês), é uma vertente do movimento francês *Belle Époque*. Foi um período de mudanças culturais, artísticas, tecnológicas e políticas do Brasil de 1870 à 1931. As duas regiões que tiveram prosperidade nesse período foram: a região cafeeira, no sudeste (São Paulo e Minas Gerais) e a região do ciclo da borracha, no norte (Acre, Amazonas, Rondônia e Pará)

<sup>72</sup> No dia 22 de outubro de 1896 a iluminação pública a arco voltaico foi inaugurada em Manaus, sendo disponibilizada em 06 ruas. Informação retirada do site da atual concessionária de energia de Manaus-<http://www.eletobrasamazonas.com/cms/index.php/energia-eletrica-completa-120-anos-em-manaus/>- acesso em 11/04/2019.

<sup>73</sup> Linotipo ou linótipo é uma máquina inventada em 1886, na Alemanha, que funde em um bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado assim como o da máquina de escrever.

<sup>74</sup> D’AGOSTINI, S. (et al) (2013). *Revista Páginas do Instituto Biológico de São Paulo*. v.9, n.1, p.6-14, jan/jun.

Era natural que esse produto mobilizasse a cidade e o estado, logo, toda e qualquer descoberta que pudesse otimizar o aproveitamento do látex ou favorecesse a exportação, era “comemorado” pelo povo. Certamente a borracha, ou melhor o látex, era sem dúvida o produto mais importante do estado, pois a partir das riquezas geradas por ele o estado do Amazonas e principalmente a capital, Manaus, se desenvolveram muito nos finais do século XIX e princípios do século XX.

Esta notícia de 1908 exemplifica “[...] pois é de magna importância para nosso *producto* na Amazônia, o qual assim poderá ser exportado líquido, sem quebra e sem perda de valor”<sup>75</sup>.

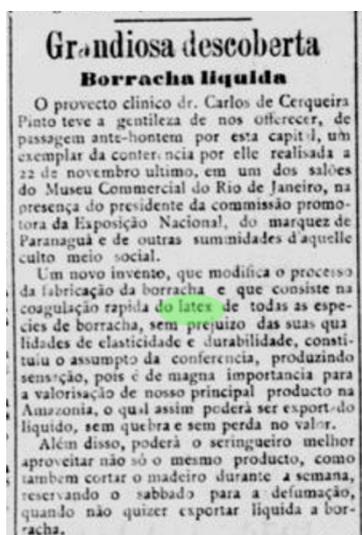


FIGURA 04: NOTÍCIA DE 8 DE FEVEREIRO DE 1908 SOBRE A DESCOBERTA DA BORRACHA LÍQUIDA. PÁG. 2.

“COUTINHO (2014, p. 33), “A partir de 1827, a borracha amazônica começa a aparecer na pauta de exportação regional com um embarque de 30 toneladas. Com a descoberta do processo de vulcanização, em 1939, e o aumento do uso dessa matéria-prima, os registros subiram para 1.445 toneladas no quadriênio 1840-1844 [...]” (apud COSTA, 2009, p.153)<sup>76</sup>.

No período eram comuns na Amazônia os “barões da borracha” contrastando com os “barões do café” de Minas Gerais e São Paulo. Enquanto na região sudeste eram empresários que enriqueceram da venda de café e da exploração dos trabalhadores, na

<sup>75</sup> *Jornal do Commercio* 08/02/1908, p. 2.

<sup>76</sup> COUTINHO, Rebeca Venâncio (2014). *A importância internacional da borracha brasileira e sua influência no desenvolvimento da Amazônia durante o Estado Novo: 1937-1945*. Universidade Federal de Roraima. Boa Vista- RR. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=DESENVOLVIMENTO+DO+AMAZONAS+GRACAS+A+BORRACHA&ie=UTF-8&oe=UTF-8>. Acesso em: 02.05.2019

região amazônica a borracha transformou donos de terras em “barões”, homens que não eram apenas ricos, mas também interessados em tornar Manaus uma cidade mais europeizada, trazendo espetáculos de teatro, traços arquitetônicos e materiais encontrados no velho continente para que a atmosfera fosse de um grande centro cultural da Europa. O exemplo mais belo e mais marcante dessa época, pode ser visto até hoje, trata-se do Teatro Amazonas, que começou a ser construído em 1882 e foi finalizado em 1896. Cheio de itens nobres como mármore de Carrara e grades de ferro importadas da Escócia.

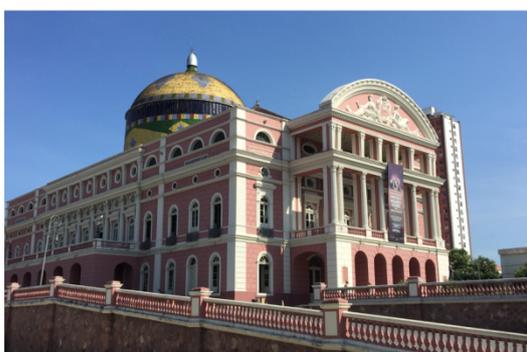


FIGURA 05: TEATRO AMAZONAS- JOÃO LUIZ ONETY ©



FIGURA 06: ÁREA INTERNA DO TEATRO AMAZONAS-SECRETARIA DE CULTURA DO AMAZONAS

“Manaus foi reformada para corresponder às expectativas das elites capitalistas em várias esferas geográficas, da municipal à mundial, passando pela esfera regional, pois o escoamento da borracha produzida dependia fortemente, até fins do século XIX, do porto de Belém”<sup>77</sup>.

Curiosamente, há relatos de que o mais importante para os frequentadores do teatro na época era o fato de serem vistos pela sociedade e não, o que para qualquer pessoa, seria o principal, assistir ao espetáculo. Como a cidade era praticamente a área central e lugares com pouquíssimas moradias, o entretenimento (para os ricos) era ir ao teatro, numa tentativa não apenas de diversão, mas também como um modo de afirmar o poder econômico.

---

<sup>77</sup> DE OLIVEIRA, Marcílio (2013). *Uma Narrativa Morfológica na Amazônia: Manaus, ligações e rupturas*. Universidade de Brasília – UnB. p. 49. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=teatro+amazonas+arquitectura+pdf&ie=UTF-8&oe=UTF-8>. Acesso em 02.05.2019



FIGURA 07: ANÚNCIO DE UM ESPETÁCULO NO TEATRO AMAZONAS NA EDIÇÃO DO JORNAL DO COMMERCIO DE 28 DE JULHO DE 1906. p.2.

O teatro, que hoje é imponente, na época da construção era ainda mais, pois tratava-se de um gigante no meio de uma cidade que praticamente resumia-se a uma floresta.



FIGURA 08: TEATRO NA ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO. FONTE: CARMÉLIA ESTEVES DE CASTRO

Atualmente ele recebe espetáculos regionais, nacionais e internacionais, além de todo o complexo onde ele está localizado, chamado de Largo de São Sebastião, ser ponto de encontro das famílias locais e dos turistas que se encantam com a charmosa arquitetura das casas dos arredores.

Em 1906, quando a borracha passava por seu primeiro ciclo (ou fase, como defendem alguns autores), ainda no auge, notamos uma certa preocupação retratada nos periódicos, a pergunta subliminarmente era a seguinte: quanto tempo que esse poder e retorno financeiro gerado pela exploração da borracha vai durar? E realmente, não o fim mas, o declínio considerável estava próximo, pois anos antes (em 1876) milhares de sementes foram contrabandeadas pelo botânico inglês Henry Wickham<sup>78</sup> e posteriormente plantadas em colônias britânicas como a Malásia e o antigo Ceilão (atual Sri Lanka), com isso até que as sementes tornassem árvores produtivas e que os colonos pudessem aprender a obter o melhor rendimento da *Hevea Brasiliensis*<sup>79</sup>, a produção amazônica ainda pôde gozar de exclusividade, mas não durou muito, como destacam alguns autores.

“COUTINHO (2014, p. 37), Neste contexto a partir de 1910 houve uma queda da exportação da borracha amazônica com a perda de seu monopólio, o que antes representava 100% da borracha exportada para o mundo, reduziu à metade, e mesmo com o início da Primeira Guerra Mundial que abriu novos espaços para a sua comercialização, “[...] os jornais locais publicavam notícias, que a borracha da Ásia alcançava a cifra de 70.000 toneladas, enquanto a exportação brasileira caiu para 37.000 toneladas” (apud SILVA, 2005, p. 25)”<sup>80</sup>.

Depois de contextualizarmos um pouco da história do *Jornal do Commercio* que se mistura inevitavelmente com a história do Amazonas e da Amazônia, voltamos à cronologia. Em 1943, o *Jornal do Commercio* entrou na "era Chateaubriand"<sup>81</sup>, quando foi integrado à rede Diários Associados e dessa forma passou a adquirir um perfil mais amplo, noticiando o que acontecia no Brasil inteiro. Como podemos encontrar na descrição da história do jornal no site do mesmo “Neste período o jornal notou-se por publicar noticiário nacional em destaque de forma quase instantânea, diminuindo o

---

<sup>78</sup> O caso foi tão emblemático para a história do Brasil e da Amazônia que esse britânico é considerado o pai da biopirataria.

<sup>79</sup> Nome científico da seringueira, árvore típica da região amazônica.

<sup>80</sup> COUTINHO, Rebeca Venâncio (2014). *A importância internacional da borracha brasileira e sua influência no desenvolvimento da Amazônia durante o Estado Novo: 1937-1945*. UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Boa Vista- RR. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=DESENVOLVIMENTO+DO+AMAZONAS+GRACAS+A+BORRACHA&ie=UTF-8&oe=UTF-8>. Acesso em: 02.05.2019

<sup>81</sup> Assis Chateaubriand (1892-1968) foi um magnata das comunicações no Brasil entre o final dos anos 1930 e início dos anos 1960, fundador dos Diários Associados, que foi o maior conglomerado de mídia da América Latina, que em seu auge contou com mais de cem jornais, emissoras de rádio e TV, revistas e agência telegráfica. Atualmente os Diários Associados contam com 50 veículos de comunicação, sendo jornais, revistas, rádios, emissoras de TV, websites e outras empresas.

isolamento informativo da região em relação ao restante do país”<sup>82</sup>, o pertencimento à Rede Diários Associados durou até 1984, quando iniciou a gestão do jornalista e empresário Guilherme Aluizio de Oliveira Silva que durou oficialmente até o seu falecimento aos 81 anos no dia 03 de junho de 2019.



FIGURA 09: JORNAL DO COMMERCIO- EDIÇÃO DO DIA 04/06/2019- UM DIA APÓS A MORTE DO ENTÃO DIRETOR-PROPRIETÁRIO

Apesar de estar no meio da floresta Amazônica, literalmente, o *Jornal do Commercio* desde o começo demonstrou ser internacional, afastando indiretamente a ideia de que seria apenas um jornal provinciano para uma população exígua, até porque o ato de informar-se é essencial e indispensável para qualquer ser humano. Nas informações do próprio site, constatamos a tentativa de marcar presença nos fatos regionais e também nos globais.

“Centenário, o *Jornal do Commercio* iniciou seu voo três anos antes de Santos Dumont contornar a Torre Eiffel. É testemunha e protagonista de dois ciclos de riqueza e desenvolvimento do Estado do Amazonas, de várias revoluções pelas quais a Terra de Santa Cruz teve que passar contornando os obstáculos para chegar ao Estado de direito no qual hoje vivemos”<sup>83</sup>.

<sup>82</sup> Informação do website do *Jornal do Commercio*. Disponível em: <http://www.jcam.com.br/site/A-Empresa>. Acesso em: 11/04/2019

<sup>83</sup> Disponível em: <http://www.jcam.com.br/site/A-Empresa>. Acesso em: 11/04/2019

É interessante observar a alusão feita pelo *Jornal do Commercio* a um dos primeiros nomes que o Brasil recebeu dos portugueses, quando Pedro Álvares Cabral chegou aqui em 1500. É evidente que o nome é muito anterior aos outros fatos mencionados, nomeadamente o voo de Santos Dumont e o Ciclo da borracha, entretanto de um modo mais peculiar as nomenclaturas anteriores podem ser usadas para dar ênfase na riqueza histórica do Brasil.

Ressaltamos inclusive, que o tema central para este trabalho, encontra-se mencionado no histórico do jornal.

“Mais longo que o regime inaugurado em Moscou, em 1917, assistiu à construção do muro que separou em duas a Alemanha do pós-guerra, viu também sua destruição, e assistiu a Europa ser redesenhada três vezes: nos dois pós-guerra e no fim do império soviético”<sup>84</sup>.

E depois de 115 anos, não podemos deixar de mencionar as diferenças observadas no papel, formação dos profissionais que escrevem as reportagens (que em 1904 não passavam por formação universitária para exercer a profissão de jornalista), questões estilísticas do texto e *layout*<sup>85</sup>. Além disso a proximidade do leitor era muito maior, até mesmo por questões demográficas, ou seja, o leitor se via representado de maneira explícita e individual e não como observamos atualmente, de modo coletivo e implícito.

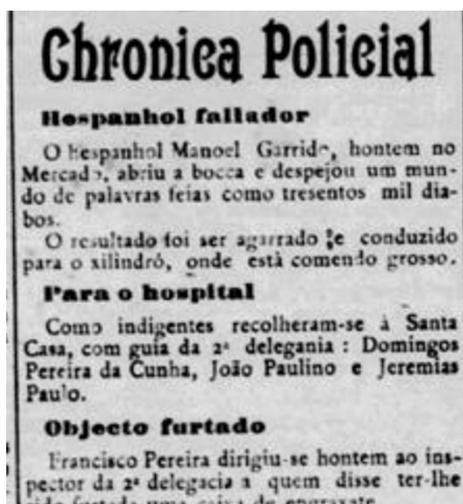


FIGURA 10: NOTA POLICIAL DO DIA 08/02/1908.

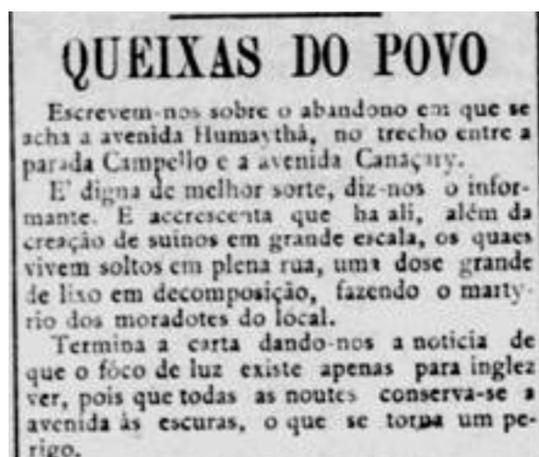


FIGURA 11: NOTA "QUEIXAS DO POVO DO DIA 08/02/1908.

<sup>84</sup> Disponível em: <http://www.jcam.com.br/site/A-Empresa>. Acesso em: 11/04/2019

<sup>85</sup> (do inglês) Modo de distribuição e arranjo dos elementos gráficos num determinado espaço ou superfície.

“O Jornal do Commercio é um registro vivo das mudanças ocorridas na maneira de se fazer jornal, tanto nas novas tendências e escolas do jornalismo quanto nas tecnologias utilizadas por seus colaboradores para fazê-lo chegar às mãos dos leitores. Surgiu no tempo dos tipos móveis, da composição manual, letra a letra, passando pelas máquinas linotipo, das composições em galeras<sup>86</sup> até os padrões mais modernos de impressão atuais”<sup>87</sup>.

Ao analisarmos a página 2 da edição do *Jornal do Commercio* de 8 de fevereiro de 1908, nos deparamos com um vasto conteúdo dividido em seções, que nos dias atuais existem, porém não com os mesmos títulos ou com críticas tão diretas a qualquer grupo social e/ou político, visto que as leis estão mais rígidas e poderiam “complicar” a situação do jornal perante os tribunais. As “queixas do povo” atualmente continuam presentes, mas em reportagem contextualizadas e que possibilitem que todos os envolvidos sejam ouvidos, ou seja quem sofre com o problema (o povo) e quem deveria cuidar do problema (o governo) ambos precisam ser citados na peça jornalística, para que haja imparcialidade e permita a interpretação do leitor. No que diz respeito às crônicas policiais, não é mais possível divulgar roubos sofridos pela população, tendo em vista o aumento vertiginoso da violência em várias cidades brasileiras, Manaus, infelizmente sofreu também, com isso é impensável divulgar furtos hoje em dia, o que pode ser feito é uma reportagem mostrando o perigo em determinado bairro, a constância no número de assaltos na cidade, etc. Outra nota que nos chama atenção, é a divulgação dos aniversariantes do dia, algo possível apenas em uma cidade pequena ou quando pensamos em jornais de publicados em uma época com menor rigor técnico, visto que nos dias atuais com o aumento demográfico, a proximidade com o leitor não se dá mais por meio de elogios ou felicitações, mas sim através da interação, principalmente por meio das redes sociais. O fato é curioso e nos faz pensar no sentimento de pertinência que os leitores deviam sentir.

---

<sup>86</sup> Tipo de forma onde eram depositadas as barras de chumbo que compunham uma linha de texto e seu conjunto formava a coluna de texto.

<sup>87</sup> Disponível em: <http://www.jcam.com.br/site/A-Empresa>. Acesso em: 11/04/2019

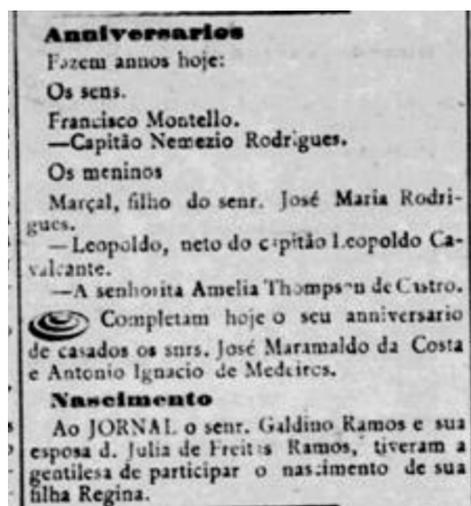


FIGURA 12: NOTA SOBRE OS ANIVERSARIANTES DO DIA 08/02/1908. PG.2.

Atualmente o *Jornal do Commercio* está mais voltado para o setor da economia, no começo do século XX o desenvolvimento era graças à borracha, hoje o estado e especificamente Manaus, conta com uma Zona Franca, que permite a isenção parcial de impostos para empresas de diversos setores instalados no que conhecemos como Polo Industrial de Manaus (PIM). Um assunto tão importante para o estado e para a cidade, sem dúvida, merece esse destaque.

“A partir dos anos 2000, o jornal segmentou-se buscando atender os interesses específicos, deu a seus leitores a oportunidade de conseguir ler, na Amazônia, um veículo impresso voltado basicamente para atividade econômica, voltado para a defesa dos interesses de crescimento e desenvolvimento econômico do Estado do Amazonas”<sup>88</sup>.



FIGURA 13: CAPA DO JORNAL DO COMMERCIO – VERSÃO ONLINE (03/05/2019)

<sup>88</sup> Disponível em: <http://www.jcam.com.br/site/A-Empresa>. Acesso em: 11/04/2019

Hoje após 115 anos, é considerado um dos mais antigos do Brasil e o mais antigo da Amazônia.

### **3.2 O MURO DE BERLIM E OS EDITORIAIS DO JORNAL DO COMMÉRCIO.**

Para muitas pessoas, o jornalismo “mostra a verdade”, mas o que é a verdade? Nós, jornalistas, por outro lado, concordamos que a prática jornalística deve “jogar luz” sobre os fatos, mantendo assim o princípio da isenção e permitindo a liberdade e interpretação do leitor, sem que este seja influenciado pelos ideais de quem escreve. Para (LAGE, 2001) as notícias são relatos de aparências codificadas (a) pelo código semiológico (ou linguístico), (b) pelas técnicas de nomeação, ordenação e seleção, (c) por um estilo e que ao obedecer estas três ordens de restrições ao elenco de possibilidades do enunciado, a verdade se apresenta como conformidade do texto com o acontecimento aparente<sup>89</sup>. Entretanto, há um momento que é permitida e explicitamente permitida a opinião de quem produz a reportagem e/ou ponto de vista do jornal, trata-se do editorial. O editorial é quando a empresa ou o jornalista que o escreve manifesta o próprio ponto de vista, os editoriais não são considerados produtos noticiosos, mas a partir deles conseguimos obter muitas informações sobre o posicionamento dos media através dos jornalistas, que geralmente não o assinam, já que este artigo representa muitas vezes uma visão coletiva. Certamente, o correto é que a estrutura da notícia seja respeitada e que sejam apresentados os lados da história e não apenas o ponto de vista do escritor de forma isolada, assim o jornalista deixa claro o seu modo de ver, mas ao mesmo tempo dá subsídios para o porquê de sua interpretação.

“Para a construção de um texto, portanto, é necessário selecionar os dados e ainda ordená-los, o que envolve a consideração de importância ou interesse. A técnica de produção industrial de notícias estabeleceu com este fim critérios de avaliação formal, considerando constatações empíricas, pressupostos ideológicos e fragmentos de conhecimento científico”<sup>90</sup>.

Em outros tempos, observava-se uma situação diferente, onde quem se manifestava não era necessariamente o dono do jornal ou um jornalista. Destacamos o editorial do

---

<sup>89</sup> LAGE, Nilson (2001). *Ideologia e Técnica da Notícia*. 3ª ed. - UFSC-Insular. p.99.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p.60.

*Jornal do Commercio* do dia 15 de dezembro de 1989, quando o autor foi o então embaixador da República Federal da Alemanha no Brasil no ano de 1989, Heinz Dittmann. Neste momento ele utilizou-se do fato de ser alemão para dar mais pessoalidade e firmeza no que escreveu, não apenas narrando uma série de fatos, mas sim colocando-se no lugar de quem experimentou e sofreu com a divisão política e física que fez parte das duas Alemanhas de 1961 a 1989, talvez isso, para uns, justifique a escrita do embaixador, enquanto para outros será um erro cometido por um jornal, já que tecnicamente um jornalista é quem teria as ferramentas textuais adequadas combinadas com a imparcialidade para que o leitor pudesse ter bases para sua própria leitura em seu sentido *latu sensu*. Nós acreditamos que o fato do jornal permitir a escrita de alguém de fora de seu quadro de jornalistas e/o cronistas é um indício que a empresa concorda com o posicionamento tomado por quem escreve.



FIGURA 14: EDITORIAL DO DIA 15/12/1989 DO JORNAL DO COMMERCIO

Observamos esse modo mais pessoal em diversos trechos, como:

“Em primeiro lugar, gostaria de manifestar a alegria e satisfação que nós, alemães da República Federal da Alemanha, estamos sentindo pelo fato de que a força pacífica da liberdade é capaz de superar fronteiras e possibilitar a reunião espontânea de famílias, amigos e conterrâneos”<sup>91</sup>.

<sup>91</sup> *Jornal do Commercio* 15/12/1989, p.4.

Dessa forma ele se coloca como personagem da história e não apenas como um observador que está a apontar suas conclusões, ao contrário ele ao invés de iniciar o artigo expondo as ideias, já começa com sua impressão pessoal acerca do tema.

É de sinalizar igualmente o fato de que ao mesmo tempo, se coloca com um ajudante na manutenção da boa relação com o Brasil, mostrando claro afã de fazer uma política que consistisse na cooperação entre as nações, principalmente sendo o Brasil um país promissor, já que bem como a Alemanha, o Brasil estava passando por sua abertura à redemocratização, de modelo democracia ocidental, momento de mudanças positivas num contexto de abertura de mercados. “Isto não diminuirá nosso engajamento no Brasil - que é muito profundo, como sabem- nem modificará nossa disposição de intensificar e ampliar ainda mais nossas relações com o Brasil”<sup>92</sup>. Outro fator que podemos analisar é o fato de quem assina ser alemão, o que gera mais propriedade ao falar dos percalços que os compatriotas tiveram que viver até chegar neste momento que é tido como um alívio e o começo de uma nova era, mas apesar da glória o povo não deixará de lembrar tão facilmente. “as profundas feridas causadas por um regime que o povo rejeitou ainda não cicatrizaram”<sup>93</sup>.

O tema “Muro de Berlim”, sem dúvidas, fez parte intensamente dos periódicos impressos e televisivos desde sua construção em 1961 passando pelo fim da Guerra Fria (e início da destruição de sua estrutura física) em 1989 até 1991 quando foi totalmente destruído. O início da derrubada do amontoado de tijolos e ferro não representou uma mudança completa na conjuntura da época, mas com certeza esse ato simbolizou o início da liberdade, que muitos, como os que nasceram depois de 1961, nem chegaram a saber o que era. É nossa linha de pensamento, seguir a pista aberta pela ideia de relacionar a queda do Muro de Berlim com a data mítica de 1789.

“The revolutions of 1989 have fundamentally changed the political, economic, and cultural map of the world. Resulting from the widespread dissatisfaction with Leninist ideological domination, they allowed for a rediscovery of democratic participation and civic activist”<sup>94</sup>.

---

<sup>92</sup> *Ibidem.*

<sup>93</sup> *Ibidem.*

<sup>94</sup> TISMĂNEANU, Vladimir (2009). *The Revolutions of 1989: Causes, Meanings, Consequences*. Vol. 18, No. 3, Revisiting 1989: Causes, Course and Consequences. p.9.

Outro aspecto que os textos dos editoriais comportam é o fato de ser muito comum observar um tom mais satírico e ao mesmo tempo satisfeito quando os jornais passaram a noticiar a queda do muro, mas não só isso, pois o fato de o ano seguinte (1990) ser o início da década, fica clara uma tentativa de esquecimento do passado ruim, como observamos em um trecho do *Jornal do Commercio*, “Muro de Berlim, mãe o que foi isso? Pai, como era a tal da Guerra Fria?”<sup>95</sup>. Ou seja, os jornais, através de seus jornalistas acabam por comemorar a queda do sistema socialista, pois notoriamente ela representaria um fôlego do qual muitos países precisavam para que pudessem crescer e se integrar ao mundo e também a esperança por mais igualdade e justiça social.

“Inegavelmente, a década de 80 trouxe imensas conquistas na área tecnológica. Mas não foi o progresso nesta área a sua característica fundamental para a humanidade. O importante foram as mudanças na área política com desdobramentos sobre a vida de populações inteiras- e de cada um de nós”<sup>96</sup>.

O autor deixa explícito que essa mudança não é um fato isolado no ano de 1989, mas sim a conclusão de uma década conturbada por manifestações e insatisfação de pessoas que lutaram até conseguir a liberdade. Apesar disso as revoltas, mortes e tristeza sofridas pelos alemães orientais são vistas, infelizmente, como parte do processo, pois a indignação popular foi um combustível para que o sistema começasse a entrar em colapso assim como o que acontecia do outro lado do oceano, no Brasil. Depois de 29 anos e 45 dias os eleitores voltaram às urnas para eleger o seu representante. Coincidência ou não, os 28 anos de jejum de liberdade na Alemanha e os 29 anos de ditadura militar brasileira chegaram ao fim juntos, era um tempo de esperança e oxigenação na sociedade que viria a ser ainda mais participativa e atuante, trazendo benefícios para si próprios e para suas nações quer seja na Alemanha quer seja no Brasil. Isso também é lembrado pelos periódicos através das notícias e dos editoriais, pois os empresários se beneficiariam com a abertura de mercados e com a sensação de que o povo é quem pode saber do seu destino. “Por isso, apesar da inflação e de outros problemas brasileiros, diga sem hesitação: Feliz década de 80, feliz década de 90”<sup>97</sup>, este

---

<sup>95</sup> *Jornal do Commercio* 14/01/1990, p. 3.

<sup>96</sup> *Ibidem*.

<sup>97</sup> *Ibidem*.

último trecho é um claro exemplo da parcialidade, aqui o jornal sinaliza o seu interesse pelo novo sistema econômico que passaria a vigorar em breve.

Depois da derrubada do muro e realização das eleições, faltava agora restabelecer o cenário para que ficasse igual antes 2ª Guerra Mundial, ou seja, a Alemanha unificada. O processo para a reunificação foi longo, pois era necessário avaliar as perdas e ganhos, para que o país, ou os países (no caso as duas Alemanhas) não entrassem em colapso é como explica o editorial do *Jornal do Commercio* de forma mais didática para a compreensão do leitor brasileiro, além disso, percebemos mais uma vez, o interesse econômico do jornal, que revela ter um perfil capitalista, interessado no equilíbrio financeiro, algo, teoricamente, benéfico para todos.

“O governo de Helmut Kohl tem desembolsado pesadas somas em marcos para cobrir os gastos com a reunificação. Quanto mais prolongado e polêmico se tornar o processo em termos políticos, maiores serão os custos. Isso explica porque a conferência que congrega os interesses dos grandes empresários na Alemanha (BDI) quer antecipar as eleições”<sup>98</sup>.

Nesse ano (1990) paralelo aos desdobramentos do fim da Guerra Fria e aos primeiros meses de adaptação à democracia no Brasil, acontecia no Oriente Médio, a Guerra do Golfo<sup>99</sup>, e por essa região do mundo ter um notório potencial petrolífero, as atenções se voltaram para os conflitos que tinham impacto direto na produção de combustíveis, algo vital para qualquer indústria. “É bom quantificar para que isso significa para a melhor compreensão brasileira. O aumento nos preços do petróleo desde junho elevou o índice de aumento das matérias-primas na Alemanha para 6,5% anuais”<sup>100</sup>. “A rearrumação do mapa europeu e suas dificuldades foram esquecidas passando para o segundo plano com a crise do petróleo”<sup>101</sup>. Passado um tempo, a situação dava sinais de melhora na Alemanha, e o país estava ainda mais forte e com a robustez de que teve uma ajuda substancial para se reconstruir, vale ressaltar que só para “reconstruir” Berlim foram usados 560 bilhões de dólares. Esses feitos não eram exclusivos dos

---

<sup>98</sup> *Jornal do Commercio* 11/09/1990, p. 4.

<sup>99</sup> Conflito Militar que durou de 2 de agosto de 1990 a 28 de fevereiro de 1991. A guerra foi entre o Iraque que havia invadido o Kuwait por diversas razões e as forças da chamada Coalizão internacional, liderada pelos Estados Unidos e patrocinada pela ONU.

<sup>100</sup> *Ibidem*.

<sup>101</sup> *Ibidem*.

alemães, pois os valores que foram “dados” são, na verdade, empréstimos, ou seja, as nações vão cobrar o preço dessa retomada do crescimento germânico.

“Os países em desenvolvimento não ficarão satisfeitos apenas com a contemplação dos triunfos sucessivos do processo de reunificação alemã. É lógico e justo que também queiram associar-se aos resultados do projeto, em seus aspectos econômicos e sociais”<sup>102</sup>.

### 3.3 AS NOTÍCIAS DO JORNAL COMMÉRCIO E O MURO DE BERLIM

Os editoriais, como já mencionamos neste trabalho, não são considerados produtos noticiosos, entretanto deles se obtém valiosas informações, principalmente quando se trata de jornais mais antigos, que atuaram em momentos da História onde não existiam rede sociais e a difusão do que era publicado era mais lenta. As notícias têm critérios que servem de termômetro para um meio de comunicação publicá-la ou não, esses critérios são chamados de valores-notícia. Segundo (WOLF, 1999) notícia é *“la comunicazione di un avvenimento, specialmente recente, destinato a un pubblico di massa e diffusa attraverso i mezzi di informazione”*. Essa definição proposta pelo sociólogo Mauro Wolf é apenas um dos conceitos que o jornalismo contemporâneo utiliza atualmente.

Apesar de que não eram propagadas com a rapidez que temos hoje, um método de replicação funcionava muito bem na década de 80 e 90, era o modo mais convencional de informar alguém, a informação popularmente chamada de *“boca a boca”*, quando alguém precisava ser ouvido e/ou queria passar alguma informação para que se espalhasse rapidamente, era dessa forma que era feito e isso atingia grandes contingentes de pessoas, que começaram a entender a importância de falar e de se manifestar para que os problemas fossem resolvidos ou ao menos os governantes percebessem que a população estava ali. No começo do ano de 1989 as tensões na Europa estavam cada vez mais agravadas, não sabemos se alguém já tinha certeza de

---

<sup>102</sup> *Jornal do Commercio* 14/10/1990, p. 4.

que em novembro daquele ano haveria uma ruptura física de um muro que separava o mundo em dois blocos e da ruptura ideológica que mudaria os rumos da política e economia internacional.

Além das tensões e revoltas populares que eram vistas como tentativa de cobrança por uma atitude mais enérgica da classe política, alguns países, interessados no que a abertura econômica poderia trazer em termos práticos para suas nações (financeiros) e em questões voltadas para o bom relacionamento entre os seus governantes, também “cobravam” medidas que revertersem a situação a qual se encontravam as Alemanhas, e quando pensamos em países exigindo atitudes dos outros, logo nos vem à cabeça os Estados Unidos.

A hegemonia dos EUA não foi conquistada no terceiro milênio como talvez pensam os pertencentes à geração Z<sup>103</sup>. Desde o começo do século XX os estadunidenses já tinham poder bélico e detinham influência sobre outras nações, não pela preocupação na qualidade de vida dos outros, mas sim pensando no que o bom relacionamento poderia “render” aos próprios Estados Unidos. É notória por parte dos americanos, a tentativa de aceleração pela ruptura do comunismo na Europa do Leste e a quebra física do Muro de Berlim, que também representaria o fim da divisão entre as Alemanhas. Ao mesmo tempo que condenam alguns atos, parabenizam outros, deixando claro o discurso político da ponderação.

---

<sup>103</sup> De acordo com o critério brasileiro, são os nascidos depois do ano 2000 até a atualidade.



FIGURA 15: REPORTAGEM DO DIA 17/01/1989 DO JORNAL DO COMMERCIO

Os EUA, quando não se manifestam através do próprio presidente, se pronunciam por meio dos secretários de Estado, como observamos no trecho a seguir:

“O secretário norte-americano de estado, George Schultz, elogiou ontem os progressos alcançados na União Soviética, quanto ao respeito aos direitos humanos, mas pediu ao seu governo que derrube o Muro de Berlim, que qualificou como “uma das mais ácidas intenções soviéticas”<sup>104</sup>.

No dia seguinte os EUA continuam em pauta pedindo fim as repressões dos países do Leste.

“O secretário de estado norte-americano, George Schultz, elogiou ontem o recente acordo entre leste e oeste sobre segurança e direitos humanos, mas insistiu que os países da Europa oriental acatem esses pactos e ponham fim a suas medidas repressivas”<sup>105</sup>

Quando ele se refere ao pacto, quer dizer prioritariamente o Pacto de Helsinque<sup>106</sup>, o qual vários países assinaram, mas se recusaram a cumpri-lo deixando margem para a incerteza e revoltas sociais na Europa.

<sup>104</sup> *Jornal do Commercio* 17/01/1989, p. 12.

<sup>105</sup> *Jornal do Commercio* 18/01/1989, p. 12.

<sup>106</sup> Conferência que aconteceu em Helsinque, capital da Finlândia entre 1973 e 1975. Garantia dos direitos inerentes à soberania, abstenção de recorrer à ameaça ou ao uso da força, inviolabilidade das fronteiras, respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais foram apenas alguns dos tópicos discutidos e assinados por mais de 30 países, incluindo os EUA, União Soviética, Canadá e 32 países europeus da época.

“[...] a polícia antimotim tcheca, armada com cassetetes, gás lacrimogênio e jatos d’água que enfrentou no domingo manifestantes pacíficos, violou diretamente o compromisso assumido pelo governo desse país a respeito do acordo de Helsinque”<sup>107</sup>.

Observa-se que as notícias, no que dizem respeito ao conteúdo, parecem não diferir de reportagens que lemos e ouvimos na atualidade, 30 anos depois da queda do Muro de Berlim. Percebemos a “insistência” por parte do governo ou de políticos de um governo em comemorar algo que não trouxe benefícios ao povo. Esse é o caso da comemoração dos 40 anos da Alemanha do Leste.

“O presidente soviético, Mikhail Gorbatchov, chegou ontem para os festejos do quadragésimo aniversário da Alemanha Oriental, enquanto se intensificavam as medidas de segurança para impedir distúrbios vinculados com a fuga em massa de alemães orientais para o ocidente”<sup>108</sup>.

Notamos que essas “medidas de segurança” nunca visaram a real segurança e bem-estar da população alemã do oriente, pelo contrário, estavam ali apenas para garantir que os mesmos não fugissem em busca de uma vida melhor e mais liberdade. Isso já podia ser percebido em 1961, quando o Muro foi construído, ao vermos que antes de período o espaço era aberto, mas como isso significava a perda de mão de obra e consequentemente perdas financeiras para a Alemanha Oriental, os cidadãos dos dois lados passaram a ter que conviver com esta barreira física, o que na metalinguagem um muro seria algo que serve de proteção, mas nesse caso só o que foi protegido foram os lucros dos socialistas. Ainda na mesma reportagem, é mostrada uma foto com pessoas colocando flores próximo ao Muro, o que fica na subjetividade do leitor se é por ocasião do aniversário ou no sentido de flores para um velório, o velório tardio da liberdade. Mesmo que tardia, a liberdade parecia estar prestes a chegar e isso já vinha sendo mostrado nos jornais. O fato é que a Alemanha estava sendo pressionada por todos os lados, leia-se as outras manifestações em países que também eram socialistas, mas já sofriam com protestos e revoltas. A Hungria, por exemplo, abriu suas fronteiras para permitir a passagem de alemães, algo que não agradou o governo. Uma das primeiras atitudes que levariam à derrubada do Muro foi a liberação que os alemães teriam para viajar, com direito a passaporte. “O novo dirigente de Berlim Leste, Egon Krenz disse que deverá ser redigida uma nova lei que garanta direitos de viagens aos alemães-

---

<sup>107</sup> *Ibidem.*

<sup>108</sup> *Jornal do Commercio* 07/10/1989, p. 14.

orientais”<sup>109</sup>. Para muitos isso já era um grande avanço depois de 28 anos de privação do direito de ir e vir, principalmente pelo fato de que Krenz tinha assumido há pouco tempo das mãos de Erich Honecker, que passou 18 no poder como líder da Alemanha Oriental e teve “mãos de ferro”, pois acompanhara a construção do Muro e também foi responsável pela *Schließbefehl*<sup>110</sup>, o que lhe custou prisão e condenação. Os dirigentes da Alemanha Oriental receberam na mesma moeda, literalmente, pois durante anos quem quisesse sair da parte oeste (capitalista e mais desenvolvida) e visitar a parte leste, precisava trocar os marcos alemães na proporção de um para um, ou seja, os ocidentais iriam perder pois a moeda do Leste era menos valorizada.

“Lüder disse ao Diário Express de Colônia que Bonn devia permitir aos visitantes alemães que trocassem marcos orientais por marcos ocidentais na proporção de um para um. O funcionário disse que o plano custaria ao erário ocidental cerca de 400 milhões de marcos, 216 milhões de dólares [...]”<sup>111</sup>.

Alguns dias depois do anúncio de liberação de viagens feito em 20 de outubro de 1989, “A Alemanha Oriental anunciou ontem que abriu suas fronteiras permitindo a saída dos seus cidadãos para qualquer parte do mundo, tornando supérfluas as instalações fronteiriças entre os Estados alemães e o próprio Muro de Berlim”<sup>112</sup>. Essa medida significava um alívio aos cidadãos orientais que ficaram durante anos privados não só de se locomoverem, mas também de terem acesso a uma série de coisas que o mundo capitalista proporcionava: a variedade de produtos, alimentos importados, brinquedos mais modernos, carros com maior durabilidade. Aos poucos, a população oriental ia se adaptando à nova realidade que gerava conflitos consigo mesmos, pelo fato de se perguntarem como puderam passar 28 anos sem aqueles itens e no caso de muitos, os nascidos depois de 1961, aquilo era literalmente o início de uma vida nova, a medida que os pontos de passagem pelo Muro eram abertos isso ficava mais claro na mente das pessoas e com o acesso à modernidade, tecnologia e à facilidade na comunicação e deslocamento, nascia aí outro fator importante, o poder de decisão. “ [...] o novo dirigente alemão oriental, Egon Krenz prometeu também que seriam realizadas eleições limpas no país”<sup>113</sup>.

---

<sup>109</sup> *Jornal do Commercio* 21/10/1989, p. 14.

<sup>110</sup> “Ordem de atirar” em alemão. Honecker mandava atirar em quem tentasse escapar de Berlim oriental.

<sup>111</sup> *Ibidem*.

<sup>112</sup> *Jornal do Commercio* 10/11/1989, p. 01.

<sup>113</sup> *Ibidem*.

Mesmo sem termos estado *in loco*, arriscamos dizer que o sentimento dos governantes e idealizadores de tudo isso, era de decepção e frustração, pois o que antes era um sonho, uma ideia e uma vontade tornou-se apenas parte da História, não sendo possível sua continuidade. A estrutura de tijolos que impediu a passagem das pessoas, pouco tempo depois do dia 09 de novembro de 1989, era uma lembrança que os alemães que queriam apagar da memória. “O muro de Berlim ficou praticamente obsoleto ao ser aprovada a liberdade de viagens para os cidadãos alemães-orientais”<sup>114</sup>.

Depois das revoltas e manifestações populares, não havia mais espaço para postergar atitudes que já deviam ter sido tomadas antes, nomeadamente a eleição livre como prometera Egon Krenz, então secretário-geral do partido socialista alemão. “Em uma sessão parlamentar sem precedentes, legisladores alemães-orientais, pela primeira vez em voto secreto, aprovaram o pedido da oposição para convocar eleições livres [...]”<sup>115</sup>. Apesar do esforço e ineditismo do feito, a data não foi subitamente escolhida. “O novo chefe de governo, Egon Krenz, se comprometeu a realizar eleições livres, mas não especificou detalhes, nem fixou uma data”<sup>116</sup>. Mesmo com as mudanças tardias e relutância por parte daqueles que apoiavam o comunismo, a política alemã já dava sinais de esperança no momento em que, pelo menos na nomenclatura a palavra “socialismo” foi desassociada do país.

“Alguns deputados na reunião de segunda-feira, 4 dias depois que as autoridades abriram as fronteiras com o ocidente e permitiram que se atravessasse livremente o muro de Berlim, pediram inclusive que se eliminasse na Constituição o parágrafo que designa o país como “socialista”<sup>117</sup>.

Mas, como palavras não mudam uma realidade, os deputados precisaram se posicionar de forma a não deixar dúvidas sobre qual era o “futuro” que queriam seguir, para isso, elegeram um não-comunista para presidente da Câmara e “[...] também elegeram um novo primeiro-ministro, o reformista comunista Hans Modrow, que imediatamente convocou um governo de coalisão”<sup>118</sup>. Mesmo que ainda não fosse um regime

---

<sup>114</sup> *Jornal do Commercio* 11/11/1989, p. 02.

<sup>115</sup> *Jornal do Commercio* 15/11/1989, p. 01.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

<sup>117</sup> *Ibidem*.

<sup>118</sup> *Ibidem*.

democrático, a postura dos deputados já era diferente. “Alemanha-oriental tem vários partidos não- comunistas, que tradicionalmente têm sido aliados dos comunistas. Porém, agora, estão começando a estabelecer cada vez mais sua independência no Parlamento”<sup>119</sup>. Percebemos que as mudanças são graduais, assim como na atualidade e que nem sempre agradam à totalidade, nem que seja um percentual irrisório diante da maioria, como foi o caso da votação pelas reformas propostas pelo então recém assumido primeiro-ministro. Ressaltamos que há trechos confusos ao leitor, como por exemplo: “Somente um dos 477 deputados presentes no Parlamento de 500 assentos votou com Modrow, uma indicação do apoio da câmara de reformas”<sup>120</sup>, se apenas 1 votou com ele, como ele seria apoiado para as reformas?, fica a indagação.

Depois do que parecia tão difícil, que era derrubar o Muro de Berlim, percebemos uma tentativa de atropelo dos protocolos e burocracias para que a Guerra Fria fosse encerrada. É notório que o término da guerra seria positivo para muitos países, tendo em vista que a Alemanha já naquela época estava figurando como uma grande potência econômica. Os EUA saem na frente quando o assunto é interferir nas políticas internas das outras nações, sempre, claro visando algo que favoreça à economia ou o bem-estar estadunidense e como pretexto usam a desculpa de promoverem a paz e o bom relacionamento entre as nações.

“O presidente dos Estados Unidos, George Bush, pediu ao seu colega o soviético Mikhail Gorbachev que trabalhem juntos na reunião de cúpula da próxima semana para “acabar de uma vez com a guerra fria”, ao mesmo tempo que descreveu as rápidas mudanças que estão acontecendo no leste europeu como “um final feliz para um dos mais tristes capítulos da História”<sup>121</sup>.

E parte dessa política de “boa-vizinhança” praticada pelos EUA estão os elogios que servem de um afago, falso, midiático, mas ainda assim um afago na tentativa de minimizar o isolamento dos países socialistas que eles (os EUA) também contribuíram.

“O secretário norte-americano de Estado, James Baker, celebrou ontem a abertura do muro de Berlim e se prepara para ir à Alemanha Oriental onde se encontra com o primeiro-ministro comunista Hans Modrow. Baker é a mais alta autoridade norte-americana a visitar o Estado comunista em quase duas décadas”<sup>122</sup>.

---

<sup>119</sup> *Ibidem*.

<sup>120</sup> *Ibidem*.

<sup>121</sup> *Jornal do Commercio* 24/11/1989, p. 07.

<sup>122</sup> *Jornal do Commercio* 13/12/1989, p. 07.

Inevitavelmente os países, já na década de 80, eram dependentes do apoio dos EUA, logo, não era uma boa atitude ignorar um pedido deles. E algo que poderia atender a essas exigências dos americanos e ao mesmo momento beneficiar a população alemã-oriental, eram as eleições, que já haviam sido postergadas numa tentativa de evitar o que era inevitável. “Os comunistas da Alemanha-oriental em encontro realizado anteontem à noite, concordaram em partilhar o poder com a oposição e antecipar as primeiras eleições livres no país para 18 de março, quase dois meses antes da data estabelecida”<sup>123</sup>. Essa antecipação do governo é uma resposta não só ao clamor popular que nessa altura já estava presente na Alemanha e em outros países da Cortina de ferro<sup>124</sup>, mas também uma preocupação com a situação econômica alemã.

“Os surpreendentes anúncios de anteontem à noite, divulgados após sete horas de negociações com as principais forças políticas do país, refletem o crescimento do sentimento de impaciência dos alemães orientais quanto ao governo do primeiro ministro comunista Hans Modrow”<sup>125</sup>.

“A economia da Alemanha Oriental está à beira de um desastre e muitos jovens trabalhadores estão trocando o país pelo Ocidente”<sup>126</sup> e mais uma vez observa-se uma situação recorrente, pois o Muro de Berlim foi construído justamente para evitar que a mão de obra qualificada abandonasse o país, algo que foi freado parcialmente com as estruturas de segurança nas fronteiras. “Mais de 340 mil alemães orientais se restabeleceram na República Federal da Alemanha ano passado e ultimamente saíram diariamente de seu país cerca de 2.500 alemães orientais”<sup>127</sup>.

Ávidos pelo conhecimento e tidos como referência pela tecnologia de vanguarda desde os anos 80 com a expansão de sua economia e pela dedicação aos estudos, os asiáticos, impressionam também com sua excentricidade. “A emissora japonesa de televisão Tokai comprou cerca de uma tonelada de pedaços do Muro de Berlim, derrubado em novembro ano passado”<sup>128</sup>. Os vendedores não foram divulgados, com isso observa-se que pelo menos assim o muro rendeu algo para alguém além dos comunistas que estiveram no poder enquanto ele ainda estava em pé. “Os pedaços do Muro de Berlim,

---

<sup>123</sup> *Jornal do Commercio* 30/01/1990, p. 07.

<sup>124</sup> Expressão usada para indicar a divisão da Europa após a 2ª Guerra Mundial, a Oriental (socialista) e a Ocidental (capitalista)

<sup>125</sup> *Ibidem*.

<sup>126</sup> *Ibidem*.

<sup>127</sup> *Ibidem*.

<sup>128</sup> *Jornal do Commercio* 14/03/1990, p. 07.

tidos como de grande valor histórico, foram adquiridos para integrar uma exposição cultural e Nagoya e depois serão mostrados em várias cidades do Japão”<sup>129</sup>. Por uma grande ironia do destino, o capitalismo tão evitado, agora parecia não dar trégua, na verdade, desde o seu surgimento ainda no século XV, ele se mostrava algo mais plausível a ser seguido, apesar de como qualquer sistema ter suas falhas ou pontos a serem melhorados. A própria Alemanha oriental queria ganhar com o muro. “Uma empresa de publicidade alemã-oriental quer preservar pelo menos um quilometro do Muro de Berlim para explorá-lo comercialmente”<sup>130</sup>. Apesar de todo o sofrimento causado não apenas pelo muro físico, quando lembramos das mais de 130 pessoas<sup>131</sup> que foram mortas ao tentarem atravessá-lo, mas também pela repressão que ele representava, o fato de manter parte dele como lembrança poderia ser um modo de mostrar o que foi ruim e que aquilo não deveria se repetir, ainda assim muitas pessoas queriam derrubá-lo para não precisarem reviver as lembranças a cada vez que precisassem passar por ele. As lideranças dos partidos conservadores, vencedores das eleições gerais de domingo passado, defendem a “destruição do muro o mais rapidamente possível”<sup>132</sup>.

As mudanças não foram apenas sociais e econômicas, há algo que vem antes disso tudo, a mudança comportamental. Uma das figuras mais importantes na história e nas definições do fim da Guerra Fria foi o último presidente da URSS, Mikhail Gorbatchov. Ao ver que o sistema socialista iria entrar em colapso devido às pressões externas e com a modernização em todos os aspectos adotadas pelos países, principalmente do ocidente, ele decidiu implementar uma série de medidas que visavam a modernização da economia soviética que podiam ser resumidas em duas palavras russas glasnost (transparência) e perestroika (reestruturação). Essas medidas causaram mudanças consideráveis no cenário não só da URSS, que chegou ao fim, mas também provocou a queda do Muro de Berlim e do sistema vigente na Alemanha Oriental e com isso o fim da Guerra Fria.

“Pressionado pelo colapso da URSS- e totalmente contra seus generais-, Gorbatchov estimulou a queda do muro de Berlim e o fim dos blocos geopolíticos, o corte dos arsenais, o fim da corrida

---

<sup>129</sup> *Ibidem.*

<sup>130</sup> *Jornal do Commercio* 24/03/1990, p. 11.

<sup>131</sup> Em toda a história do muro, 10 mil pessoas tentaram escapar e 5 mil conseguiram fugir, dessas 138 foram mortas. Os números variam de acordo com a fonte.

<sup>132</sup> *Ibidem.*

armamentista e a resolução dos conflitos regionais [...] abriu a URSS aos investimentos estrangeiros [...]"<sup>133</sup>.

---

<sup>133</sup> *Jornal do Commercio* 22/12/1990, p. 06.

## 4º CAPÍTULO- O JORNAL O GLOBO

### 4.1 DE UMA ALMA CARIOCA A UM JORNAL DE ABRANGÊNCIA NACIONAL.

Um dos maiores jornais impressos do Brasil nasceu do sonho do jornalista Irineu Marinho<sup>134</sup> em produzir um jornal com o perfil do Rio de Janeiro, na época capital do Brasil. O site do jornal é bem organizado e dividido em seções bem definidas, que alimentam a curiosidade dos apaixonados e sedentos por entender partes importantes da História. Na seção MEMÓRIA<sup>135</sup> há uma linha do tempo que mostra fotos e informações do jornal desde sua fundação em 29 de julho de 1925. Sua história começou anos antes, em 1911, quando Irineu Marinho fundou o jornal vespertino “A Noite”, do qual posteriormente ele perderia o título ao passar o controle do jornal a um dos sócios, que prometera vender as ações novamente a Irineu, entretanto, o acordo não foi cumprido e as ações não lhe foram revendidas.



FIGURA 16: CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO JORNAL O GLOBO (29/07/1925)

Nos chama atenção a manchete deste dia de estreia “*Voltam-se as vistas para a nossa borracha!*”, não podemos deixar de mencionar o fato de já em sua primeira edição *O Globo* tenha dado espaço à borracha e ao aumento vertiginoso de sua comercialização, período que já citamos no presente trabalho no momento da contextualização histórica

<sup>134</sup> Irineu Marinho Coelho de Barros (19/07/1876- 21/08/1925) foi o fundador do Jornal O Globo. Morreu menos de um mês depois da publicação do primeiro exemplar.

<sup>2</sup> <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/primeira-sede-9657099>

do *Jornal do Commercio*. Esse fato reforça a importância do látex<sup>136</sup> em contexto não apenas regional, já que além da Amazônia, o Brasil de modo geral se beneficiava com os ganhos vultosos<sup>137</sup>. No momento desta publicação do O Globo, a borracha já não era mais uma exclusividade amazônica, desde que milhões de sementes de seringueira foram contrabandeadas do Pará para a Ásia<sup>138</sup>. Anos depois, foi dos Estados Unidos que veio uma alternativa que daria um vigor temporário à produção de borracha na região amazônica, sendo que desta vez apenas no estado do Pará, que participou do chamado Segundo ciclo da borracha (1942-1945).

“Na segunda década do século XX, a dependência da Ford Motor Company quanto à produção de borracha natural dos britânicos atingiu o ponto máximo, incomodando substancialmente Henry Ford, que passou a considerar ter a sua própria plantação de seringueira”<sup>139</sup>.

Entretanto, como o nosso foco não é o período gomífero, nos limitamos a resumir esse momento histórico, a explicação mais detalhada sobre o processo que levou o declínio da produção de borracha, foi feita durante a justificativa dos jornais usados nessa dissertação.

Nos relatos no site do Jornal, a inspiração de Irineu Marinho é atribuída à uma viagem à Europa. Foi ao retornar que ele se dedicou à criação do O GLOBO, para isso juntou-se a antigos companheiros do “A Noite”. O jornal ficou instalado em uma zona estratégica do Rio de Janeiro no Largo da Carioca, considerado o coração do centro do Rio, já que o objetivo era cobrir toda a cidade e chegar com rapidez à notícia. “Um dos princípios

---

<sup>136</sup> Látex é um produto vegetal e é uma emulsão de micropartículas poliméricas em meio aquoso, podendo ser natural ou sintético. Na natureza, ele é produzido por algumas plantas como a seringueira.

<sup>137</sup> Vale salientar que o jornal “do Amazonas” foi fundado em 1904, ou seja 21 anos antes do jornal “do Rio de Janeiro”, porém pelo fato do período gomífero ter gozado de mais de um momento de glória, a publicação em 1925 torna-se relevante para a época. O que alguns autores chamam de primeiro ciclo da borracha (1879-1912) ocorreu nos estados de Rondônia, Acre e Amazonas, sendo este último o que obteve mais lucro e desenvolvimento, e a capital (Manaus) como sendo um símbolo da riqueza gerada pela extração do látex.

<sup>138</sup> Em 1876, o botânico inglês Henry Wickham contrabandeou 70 mil sementes de seringueira do estado do Pará para o Royal Botanic Gardens no Reino Unido, ele escondeu as sementes dentro de cestos trançados, sob folhas de banana. O contrabando das sementes é conhecido como o marco da biopirataria global, e ele o “pai” da biopirataria.

<sup>139</sup> DUARTE JR, Antônio Marcos (2015). *Fordlândia e Belterra: As cidades de Henry Ford na Amazônia*. GV Casos- Rev. Brasileira de Casos de Ensino em Administração- Rio de Janeiro- RJ. VOLUME 5, NÚMERO 1. Jan/Jun. p.03. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12660/gvcasosv5n1c1>. Acesso em: 21/05/2019

editoriais do vespertino era buscar a notícia em todos os setores da cidade, marca que permaneceu ao longo de toda a sua história”<sup>140</sup>.

“Por ser um lugar central, adequava-se perfeitamente às exigências da época para um jornal preocupado em não só noticiar os fatos importantes da cidade, mas em fazê-lo com agilidade, o que implicava ganhar tempo entre a apuração, a redação e a distribuição. Lá se instalou a primeira redação do vespertino. Consolidado, O GLOBO cresceu fisicamente, passou a ampliar suas tiragens e, por decorrência, a exigir mais espaço para suas instalações. O que seria resolvido com a transferência, em 1954, da sede para a Rua Irineu Marinho”<sup>141</sup>.

Na década de 1920 o Rio de Janeiro tinha em média 1.158.000<sup>142</sup> de habitantes bem diferente dos 6.689.000 atuais de acordo com a projeção do IBGE<sup>143</sup>. As questões sociais e econômicas também eram distintas, mas por ter sido a capital do país de 1763 a 1960, a cidade concentrava uma população considerável, inclusive superior à São Paulo, que atualmente é a maior cidade do Brasil com 12 milhões de habitantes. É interessante observar a tiragem no dia do lançamento do jornal, que mesmo tendo começado sem ser o que é hoje, já produziu um volume substancial de exemplares, foram 33.435. “Inicialmente, a distribuição ficou a cargo dos chamados “gazeteiros”. Em seguida, O GLOBO chegou às bancas”<sup>144</sup>. Na verdade, esse não era o nome que teria o periódico, Irineu Marinho promoveu um concurso batizar o jornal. “O resultado foi anunciado em 20 de junho de 1925, com o título “Correio da Noite” aparecendo como o mais votado. Mas essa patente já tinha dono, e o jornalista decidiu-se pelo segundo nome mais votado, “O Globo”<sup>145</sup>.

Irineu não teve muito tempo para contemplar o nascimento de seu jornal, pois no dia 21 de agosto de 1925, ou seja, menos de um mês depois da primeira publicação do O Globo, ele veio a falecer vítima de um ataque cardíaco.

---

<sup>140</sup> Informação do website do Jornal O Globo- coluna SOCIEDADE. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/alguns-numeros-do-rio-do-brasil-nos-anos-1920-1-16914183>. Acesso em: 14/05/2019

<sup>141</sup> Informação do website do Jornal O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/primeira-sede-9657099>. Acesso em: 14/05/2019

<sup>142</sup> Informação do website do Jornal O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/primeira-sede-9657099>. Acesso em: 14/05/2019

<sup>143</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- <https://www.ibge.gov.br>.

<sup>144</sup> Informação do website do Jornal O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292>. Acesso em: 14/05/2019

<sup>145</sup> Informação do website do Jornal O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292>. Acesso em: 14/05/2019



Os meios de comunicação contam com a tecnologia para o aperfeiçoamento não só do trabalho de produção da notícia, mas também para a divulgação. No caso dos meios impressos, as inovações foram sendo incorporadas para otimizar o uso do papel, tinta e também o acréscimo de elementos gráficos que pudessem ajudar no entendimento das notícias, um exemplo claro disso são as fotos. Nas décadas de 1920 e 1930 não era assim. O Globo foi o primeiro jornal brasileiro a publicar uma telefoto<sup>148</sup> quando a nadadora brasileira Piedade Coutinho se classificou para a prova final dos 400 metros nado livre na Olimpíada de Berlim em 1936, ela não venceu, mas o feito em si foi histórico, assim como saltam aos olhos as diferenças ortográficas da época, que para além do léxico com mais letras em certas palavras do que conhecemos hoje, o vocabulário era mais rebuscado.

“Quando Piedade Coutinho se classificou para as finais dos 400 metros livres, O GLOBO resolveu realizar um grande esforço de reportagem para publicar, imediatamente, uma telephotographia que fixasse a façanha extraordinária da nadadora. Era uma menina de 16 anos, gloria da natação brasileira, que enaltecia o nome sportivo do Brasil no maior certamen mundial, classificando-se entre as cinco maiores nadadoras de cinco continentes, de cinquenta e tres nações”<sup>149</sup> .

O jornal destaca outros feitos, que realmente tiveram grande importância na construção da memória e na solidez da sua credibilidade que O Globo viria a consagrar desde então, ainda que atualmente o Grupo Globo venha sendo criticado por algumas posturas que foram/ vem sendo tomadas, como por exemplo nas ocasiões em que as coberturas jornalísticas, principalmente relacionadas à política tornam-se tendenciosas por algum interesse específico ou claro desinteresse em mostrar algum lado da notícia e a mais expressiva das polêmicas, que foi o apoio ao Golpe Militar de 1964, algo que seria “justificado” anos de depois em diversas plataformas do grupo.

Antes de entrarmos em uma investigação mais profunda, as incertezas se o tema Muro de Berlim e tudo que o envolvia estava realmente ligado à redemocratização do Brasil, eram maiores, entretanto com o passar do tempo e o acesso às mais variadas literaturas, observamos que a Guerra Fria realmente moldou o mundo e a que a bipolarização não

---

<sup>148</sup> Equipamentos que serviam para enviar imagens. As fotografias em preto e branco eram transformadas em impulsos elétricos, que permitiam a transmissão pela linha telefônica em que o aparelho era conectado.

<sup>149</sup> Informação do website do Jornal O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/a-primeira-telefoto-9200015>. Acesso em: 14/05/2019

estava apenas restrita aos EUA e a URSS, mas às nações de uma forma geral. Alguns países<sup>150</sup> eram assumidamente neutros, como a Suíça<sup>151</sup>, a Índia, o Marrocos, a Indonésia e o Brasil. Ser neutro indicava não estar alinhado com nenhuma das duas ideologias de mercado, a capitalista sustentada pelos EUA e a socialista pela URSS. Entretanto nenhuma nação queria ser indispor, principalmente com os Estados Unidos, logo qualquer manifestação (ainda que distante) de um possível apoio aos socialistas, poderia ser vista como ameaça à consolidação do capitalismo. No caso do Brasil, essa “manifestação” foi interpretada ainda no governo do presidente Jânio Quadros<sup>152</sup> em 1961.

“Jango prezava por aproximações com os sindicatos e com os partidos de esquerda, parecia que enfim o Brasil teria um diálogo de maneira mais direta com o povo. As relações diplomáticas brasileiras estavam se tornando independentes e o presidente “assumiu a posição de não mais se alinhar automaticamente aos Estados Unidos” dessa maneira o Itamaraty buscou os países que fossem do interesse do Brasil, quer fossem de regimes comunistas, quer não”<sup>153</sup>.

Essa ideia de foco no que era importante para o país poderia ser interpretada de duas formas pelos americanos, ou como indiferença (que poderia significar um alinhamento mais de esquerda) ou como ingratidão, já que os EUA tinham ajudado o Brasil com empréstimos junto com ao Fundo Monetário Internacional. A situação se agravou quando Jânio renunciou<sup>154</sup> em 26 de agosto de 1961, já que depois da renúncia quem assumiria seria o vice, João Goulart, que naquele momento estava em missão diplomática na China, que era apoiadora do regime socialista soviético, esse fato apenas reforçou a vontade dos EUA em ajudar os militares a tomarem o poder e evitar que o Brasil se tornasse socialista, essa era a maior preocupação.

---

<sup>150</sup> Utilizamos um país neutro de cada continente, apenas para exemplificar. OBS: A Indonésia é considerada uma nação transcontinental, fazendo parte da Ásia e da Oceania.

<sup>151</sup> Em 20 de novembro de 1815, a neutralidade suíça foi reconhecida oficialmente pelas grandes potências européias, signatárias do Congresso de Viena. Áustria, França, Inglaterra, Portugal, Prússia, Rússia e Suécia reconhecem à Suíça o direito de se excluir dos futuros conflitos militares. Garantem também a inviolabilidade do território helvético. Informações obtidas no site <https://www.swissinfo.ch/por/a-neutralidade--um-princ%C3%ADpio-b%C3%A1sico/6086932>

<sup>152</sup> Jânio da Silva Quadros, mais conhecido como Jango foi o 22º presidente do Brasil, ficou no poder de 31 de janeiro de 1961 a 25 de agosto de 1961, quando renunciou.

<sup>153</sup> FERREIRA, Jorge. GOMES, Ângela. 2012 apud DOS REIS, Carla Darlem (2016). *O Poder das “Forças Terríveis”: A renúncia de Jânio Quadros e o ensaio para o Golpe Civil-Militar de 1964*. Boletim Historiar, n. 15, mai./jun. p. 56-71 | <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>. p. 58.

<sup>154</sup> O governo de Jânio foi conturbado, o partido dele, Partido Trabalhista Nacional (PTN) era pouco expressivo, desse modo o governo teve pouco apoio do Congresso, todos isso somado a algumas medidas impopulares como congelamento de salários, aumentos de preços dos combustíveis e adoção de uma política externa independente, o que naquele momento, em plena Guerra Fria, era complicado.

“Alegando garantir a ordem, foi formada uma junta militar com os ministros da Guerra, Marinha e Aeronáutica. Renato Mazzilli, o presidente do Congresso Nacional, tornava-se o presidente, mas a Junta Militar era quem dava as ordens no país. O Ministro da Guerra, Odílio Denys, queria garantir que Jango não tomasse posse a qualquer custo”<sup>155</sup>.

Ainda em 1961, visando não gerar crises entre os políticos e os militares, o Congresso adota o parlamentarismo, dessa forma João Goulart assumiria como presidente em setembro do mesmo ano juntamente com um primeiro-ministro, fator que limitaria seus poderes enquanto chefe de governo. Em 1963, o povo decidiu qual sistema de governo seria mais viável para o Brasil. “No plebiscito perguntou-se ao eleitor se este desejava a continuidade do sistema parlamentarista (SIM), ou se desejava o retorno ao presidencialismo (NÃO). Cinco em cada seis eleitores decidiram pelo NÃO”<sup>156</sup>.

Ainda que a vontade popular tivesse sido muito forte, Jango não pôde dar continuidade ao seu governo. “Goulart governou pouco mais de um ano imbuído dos poderes típicos do presidencialismo. Contudo não concluiu seu mandato, em razão de um golpe de Estado que o destituiu”<sup>157</sup>. Começava então em 1º de abril de 1964 o período da Ditadura e que durou até 15 de março de 1985, quando José Sarney tomou posse como presidente, depois das eleições indiretas que o elegeram como vice-presidente do candidato Tancredo Neves, que faleceu antes mesmo de tomar posse.

“Os homens e as instituições que viveram 1964 são, há muito, História, e devem ser entendidos nessa perspectiva. O GLOBO não tem dúvidas de que o apoio a 1964 pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país. À luz da História, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma”<sup>158</sup>.

Na edição de 1º de setembro de 2013, além da “errata” sobre ao apoio do grupo ao Golpe militar, podemos observar no canto esquerdo a seguinte chamada “A história do

---

<sup>155</sup> *Ibidem*, p.59.

<sup>156</sup> MELO, Demian Bezerra de (2009). *O plebiscito de 1963: inflexão de forças na crise orgânica dos anos sessenta*. Niterói- RJ. p.05. Disponível em: [http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2009\\_Demian\\_Bezerra\\_de\\_Melo-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2009_Demian_Bezerra_de_Melo-S.pdf).

<sup>157</sup> *Ibidem*, p.05.

<sup>158</sup> Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro- reportagem do O Globo online, dia 31/08/2013. Acesso em 15/05/2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>.

GLOBO na internet”, sendo o anúncio deste projeto de recuperação dos jornais ao longo dos anos.



FIGURA 18: CAPA DA EDIÇÃO ONLINE DO JORNAL O GLOBO (01/09/2013). A notícia de 2013 destaca no canto direito da capa o apoio do Grupo Globo ao Golpe militar, que admitiu ter sido um erro.



FIGURA 19: CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 02/07/1972 COM O DESTAQUE PARA A GUERRA DO VIETNÃ

No dia 2 de julho de 1972, O Globo saía na frente como um dos primeiros a veicular sua edição também aos domingos<sup>159</sup>, muitos anos antes até houve uma tentativa.

“Na segunda metade dos anos 30, chegou a circular uma edição dominical — “O GLOBO Matutino” —, mas somente nos anos 70, já com Evandro Carlos de Andrade como diretor de Redação, consolidou-se o projeto de publicar o jornal em dias ininterruptos”

Esta primeira edição dominical já nos dá um indício de que o jornal estava “aberto ao mundo” com a manchete “Delegação vietcong impõe condições para negociar”, pois em uma edição importante para a história do jornal, a principal notícia era internacional.

<sup>159</sup> O site do O GLOBO não menciona que foi o primeiro a fazê-lo, entretanto alguns sites da internet o classificam como o primeiro jornal brasileiro a veicular suas edições também aos domingos.

Logo imaginamos que a queda do Muro de Berlim bem como os fatores antecedentes e subsequentes seriam abordados pelo O Globo.

O então proprietário e diretor-redator-chefe, Roberto Marinho, assinou o editorial deste dia. “O GLOBO passa a circular aos domingos, era uma etapa cuja efetivação não podíamos mais adiar”<sup>160</sup>. O tom usado por Roberto Marinho foi assertivo, audacioso, como se realmente tivesse o poder de mensurar o tamanho do alcance de seu produto e talvez isso não era exagero, pois O GLOBO desde então já conquistara um “poder” no mercado de consumo de informações, algo que atualmente tem, porém de maneira muito mais dispersa e dividida, já que a internet, principalmente, enfraqueceu em partes alguns meios de comunicação devido à sua onipresença, interatividade e infinidade de informações que podem ser acessadas. Por esse e outros fatores, trechos como o a seguir hoje seriam tratados de modo cômico devido à pretensão como se apenas este meio detivesse o controle da informação, “Se somos de segunda a sábado o jornal lido em todo o país [...] como se explicaria se O GLOBO prosseguisse privando os seus leitores, aos domingos, da continuidade de sua presença?”<sup>161</sup>. E por falar em “presença”, em 1982 para deixar o jornal ainda mais com a o perfil do Rio de Janeiro, como era o sonho de seu pai, Roberto Marinho implementou os “jornais de bairro”, algo que deixaria a “alma” do O Globo realmente carioca, levando em conta às dimensões da cidade.

“Os Jornais de Bairro mostraram-se valiosos na cobertura dos assuntos do dia a dia das comunidades no Rio e no Grande Rio. Permitiram focar questões de grande interesse para uma determinada área da cidade, mas que não teriam espaço no GLOBO”<sup>162</sup>.

Como já mencionamos neste capítulo, a cronologia do site MEMÓRIA vai da fundação do jornal em 1925 até a morte de Roberto Marinho, em 2003. Portanto, para fins de resumir a história, a partir de 1985 a 2003, iremos mencionar de modo breve os principais fatos envolvendo a cronologia, todos obtidos no site<sup>163</sup>. Em 1985 e 1986 o jornal fez a troca das antigas máquinas de escrever por computadores e com isso

---

<sup>160</sup> *O Globo* 02/07/1972, p. 01.

<sup>161</sup> *Ibidem*.

<sup>162</sup> Informação do website do Jornal O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/jornais-de-bairro-9173648>. Acesso em: 02/06/2019

<sup>163</sup> <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/>

modernizou o processo de escrita das notícias e também de produção do periódico. Em 20 de dezembro de 1995, O GLOBO mudou seu padrão gráfico.



FIGURA 20: CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 20/12/1995

“Adotou-se uma tipologia mais moderna, um logotipo adaptado às cores da bandeira brasileira e um novo conceito de redação. Na primeira página da edição do dia 20, uma quarta-feira, havia uma emblemática charge de Chico Caruso: o jornalista Roberto Marinho, em caricatura, aparecia lendo O GLOBO em oito diferentes padrões gráficos, representando as mudanças do jornal desde a sua fundação, em 1925”<sup>164</sup>.

17 anos depois, outra reforma gráfica deixaria o jornal ainda mais moderno.

“Em 2012, O GLOBO passou por um novo processo de mudanças gráficas, com um redesenho que aperfeiçoou o projeto de 95. Na capa da edição do dia 29 de julho, que marcava o lançamento desse novo visual, o título “O novo GLOBO” chamava para uma informação aos leitores: “O seu jornal está de cara nova hoje, quando completa 87 anos de fundação e 17 anos depois da última reforma gráfica”<sup>165</sup>.

Em julho de 1996, foi lançado o site do GLOBO, que naquele momento era apenas uma cópia idêntica da versão impressa, algo que posteriormente seria aperfeiçoado para o estilo atual, ou seja, cada meio com sua plataforma, identidade própria e seus conteúdos personalizados.

<sup>164</sup> Informação do website do Jornal O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/reforma-gracutefica-9178726>. Acesso em: 02/06/2019

<sup>165</sup> Informação do website do Jornal O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/reforma-gracutefica-9178726>. Acesso em: 02/06/2019



FIGURA 21: CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO ONLINE DO O GLOBO 29/07/1996, UMA CURIOSA EDIÇÃO QUE JÁ DEIXA CLARO A IMPORTÂNCIA QUE A PUBLICIDADE TERIA DALI EM DIANTE, NESTA PÁGINA ELA OCUPA UM ESPAÇO DE DESTAQUE E TAMANHO SUPERIOR INCLUSIVE ÀS NOTÍCIAS.

Em 1999, outra grande mudança, a inauguração do Parque Gráfico do GLOBO.

“[...]o maior e mais moderno da América Latina — ocupa uma área de 175 mil metros quadrados. Suas máquinas têm capacidade de imprimir 800 mil exemplares nos dias úteis e dois milhões aos domingos. O investimento total para erguer o parque foi da ordem de US\$ 180 milhões”<sup>166</sup>.

Em 6 de agosto de 2003, aos 99 anos, morreu Roberto Marinho, acreditamos que pelo tamanho de sua contribuição e dedicação não apenas a uma empresa, mas ao sonho de seu pai que depois “moldaria” o seu destino, a cronologia do jornal siga apenas até 2003, como símbolo do fim de uma era bem-sucedida, ainda que O GLOBO permaneça nas bancas 16 anos depois da morte de Roberto e figure como um dos jornais mais importantes do Brasil.

Atualmente, há de salientar a sua participação na GDA<sup>167</sup> (Grupo de Diários da América), uma corporação que integra 11 jornais com mais influência na América Latina (sic): La Nación (Argentina), O Globo (Brasil), El Mercurio (Chile), El Tiempo (Colômbia), La

<sup>166</sup> Informação do website do Jornal O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/parque-graacuteefico-9197388>. Acesso em: 02/06/2019

<sup>167</sup> O GDA foi fundado em 1991 pelos jornais El Comercio do Peru, El Mercurio do Chile e La Nación da Argentina. Atualmente é composto por 11 jornais. A proposta é criar uma rede de interação e confiança para deixar a América Latina mais informada.

Nación (Costa Rica), El Universal (México), El Comercio (Peru), El Nuevo Día (Porto Rico), El País (Uruguai), El Nacional (Venezuela) y La Prensa Gráfica (El Salvador).

#### **4.2 O MURO DE BERLIM E OS EDITORIAS DO O GLOBO.**

Como já falamos no capítulo anterior, os editoriais mesmo que não sejam, de imediato, considerados produtos noticiosos (já que carregam um teor opinativo que destoa do verdadeiro ato de fazer jornalismo, que dentre as muitas definições é mostrar um fato ouvindo os dois lados (ou quantos forem envolvidos), deixando as interpretações a cargo do leitor, ouvinte ou telespectador), porém enfatizamos que ainda assim é possível entender muitas situações a partir da análise dessa parte do jornal tão rica em informações quer sejam noticiosas ou de caráter ideológico da empresa que “fabrica” o jornal.

Apesar de maior do que *Jornal do Commercio*<sup>168</sup>, em termos estruturais e de abrangência, *O Globo* não seccionou em nenhum das edições obtidas por nós dos anos de 1989 e 1990 um EDITORIAL, ou seja, não manifestou a opinião corporativa de maneira separada das notícias ou deixando claro seu posicionamento. No entanto, ressaltamos que pode tê-lo feito através de crônicas escritas por profissionais que podiam ou não estar trabalhando na empresa na época dos fatos, tendo em vista que há uma escolha em que fará a crônica, entendemos que nenhuma empresa permitirá críticas e/ou opiniões que não estejam em consonância com seus interesses. A partir deste dado, discorreremos, portanto, sobre todas as crônicas<sup>169</sup> publicadas em distintas editoriais, já que não há seções com o nome de EDITORIAL, diferente da estrutura adotada pelo *Jornal do Commercio*.

---

<sup>168</sup> Das 20 páginas obtidas dos anos de 1989 e 1990, o *Jornal do Commercio* publicou 4 editoriais.

<sup>169</sup> Das 103 páginas obtidas dos anos de 1989 e 1990, o *O Globo* publicou 12 crônicas.

## A União Soviética e a Europa Ocidental

L. G. NASCIMENTO SILVA

Já se foi o tempo em que os governantes soviéticos viviam segregados no território nacional. A Rússia dos Tsares, como a União Soviética a partir de 1917, nunca abriram verdadeiramente suas fronteiras; lam-pouco seus dirigentes viajaram ao exterior. Agora é justamente o contrário: Gorbachov converteu-se mesmo em um "globetrotter"; não esquentam lugar.

Recentemente visitou os Estados Unidos, a Inglaterra, a China, a Alemanha; está no momento na França, e irá logo depois à Itália.

Em toda a parte tem angariando uma marcante popularidade, não se limitando a conversar com os dirigentes dos países; mas imbuindo-se mesmo entre o povo, tagarelando com este, questionando-o sem temores. E assim vai em toda a parte ampliando uma áurea de simpatia.

Por que querará ele expandir assim sua presença? É que a afirmação da "Glasnost" e da "perestroika" segue em marcha lenta. Por isso mesmo é que seus problemas situam-se no âmbito interno, estão no cerne de seu país, e são de natureza vária.

Em primeiro lugar está a economia: há na União Soviética atualmente um visível estado de enfraquecimento da economia. A "perestroika" é antes um discurso formal do que uma realidade de transformações da economia do país. Essas são lentas, muito lentas.

Depois, existe, cada vez mais evidente, o problema das na-

cionalidades: a União Soviética é um mosaico de nações. Estônia, Letônia e Lituânia, pressionadas cada uma delas por suas nacionalidades, buscam a independência.

Do outro lado da União Soviética há seis repúblicas mullmanas com mais de 50 milhões de habitantes, ou seja, 20% da população soviética, que também aspiram afirmações próprias, e que vêm provocando choques étnicos, especialmente no Kazakstan e no Ouzbequistão.

Mas, o objetivo principal que agora busca o dirigente supremo soviético é o de integrar o seu país na comunidade européia: voltar-se para o Ocidente. Isso mesmo ele o disse em sua recente visita à Alemanha, prometendo assegurar o direito de autodeterminação "para todos os povos e Estados", e integrar a economia soviética com a do Ocidente, constituindo uma "casa comum européia".

Agora, com sua viagem à França, esse propósito é mais uma vez afirmado por seu porta-voz Vadim Zagladine em declarações prestadas, em debate com o ex-ministro das Relações Exteriores da França, Jean François-Poncet, e recolhidas por "L'Express". Nelas afirma o conselheiro de Gorbachov que "a partir do Plenum" do Comitê Central de abril de 1985 surgiu, imediatamente a idéia de que nós devíamos desenvolver novamente nossas relações com a Europa... e que suas relações com esta deveriam obedecer à idéia de uma "casa comum" européia..." "os russos

aspiram reintegrar a Europa sob a base de uma cooperação profunda com os países europeus sem exceção alguma. A "casa comum" constitui o prosseguimento do desenvolvimento do processo pan-europeu introduzido em Helsínki".

Nesse debate François-Poncet objetou logo que "Para que a 'casa comum' tenha um sentido, é preciso que se fixe a ela a democracia pluralista como objetivo", e ela deve "significar a supressão de certo número de barreiras que, no momento, dividem a Europa. Penso naturalmente no muro de Berlim e na fronteira que percorre a Alemanha." Quando poderá ocorrer isso? É o que todos nós nos perguntamos.

Agora, na visita de dois dias que fez à França, Gorbachov teve uma agenda carregada: 22 acordos bilaterais foram assinados nas áreas de cooperação em projetos espaciais, telecomunicações, construção aeronáutica, ciência e tecnologia, e intercâmbio militar.

Como ocorreu na visita à Alemanha Ocidental, Gorbachov acentuou mais uma vez que o seu país "precisa do Ocidente e estamos aqui para examinar a fundo as formas de cooperação". No banquete que lhe foi oferecido pelo Presidente François Mitterrand, compareceu ele a "perestroika" a uma revolução como a francesa, dizendo, mais, que ela "tem um grande destino e não se limitará ao contexto soviético".

Será mesmo que isso ocorrerá? É o que a Europa Ocidental se questiona.

FIGURA 22: CRÔNICA DO DIA 08/07/1989. PG. 6.

A primeira crônica é do dia 08 de julho de 1989, com o título "A União Soviética e a Europa Ocidental", ela reforça a iminente queda do bloco socialista, algo que parecia ser cada vez mais difícil de evitar, quanto mais as pressões por parte dos países componentes da URSS iam avançando mais dificuldades tinha aquele que seria o último líder soviético, Mikhail Gorbachov. O cronista parece não ter dúvidas sobre a situação enfrentada por Gorbachov, como podemos ver nos trechos "Já foi se o tempo em que os governantes soviéticos viviam segregados no território nacional"<sup>170</sup> ou ainda "Gorbachov converteu-se em um "globetrotter"<sup>171</sup>; não esquentam lugar"<sup>172</sup>, ambos fazendo alusão ao fato do líder soviético não estar mais "enclausurado" no Kremlin<sup>173</sup> como um sinal da própria incredulidade na autossuficiência da URSS, que há tempos já demonstrara fraqueza e por isso mesmo, numa tentativa de se mostrar próximo dos considerados países mais bem sucedidos (leia-se capitalistas e ocidentais) ele vinha buscando sinalizar que não queria o isolamento, mas sim uma aproximação, "[...] o objetivo principal que agora busca o dirigente supremo soviético é o de integrar seu país

<sup>170</sup> O Globo 08/07/1989, p.06.

<sup>171</sup> (do inglês) viajante ao redor do mundo

<sup>172</sup> *Ibidem*.

<sup>173</sup> Complexo de prédios que abrigava a sede da URSS. Atualmente é sede do governo da Federação Russa.

na comunidade europeia: voltar-se para o Ocidente”<sup>174</sup>, isso porque naquele momento suas duas políticas internas, a *glasnost* (do russo: transparência) e a *perestroika* (do russo: reestruturação), ambas ao invés de melhorarem a situação da União Soviética acabaram gerando um clima de instabilidade, insatisfações e rebeldia de vários grupos étnicos que compunham a URSS, como por exemplo Estônia, Letônia e Lituânia que buscavam por sua independência como se quisessem “pular” do barco que estava prestes a afundar.

“Do outro lado da União Soviética há seis repúblicas muçulmanas com mais de 50 milhões de habitantes, ou seja, 20% da população soviética que também aspiram afirmações próprias, e que vem provocando choques étnicos, especialmente no Cazaquistão e no Uzbequistão”<sup>175</sup>.

Parece que Gorbachov estava esquecendo que para integrar era necessário apresentar uma contrapartida, ou seja, algo que beneficiasse ou fosse de interesse comum à Comunidade Europeia e não apenas uma questão unilateral. Essa contrapartida tinha endereço, Berlim, e seu famoso e detestado muro. Em uma visita do líder soviético à França, o ex-Ministro de relações exteriores francês, Jean François Poncet a respeito da “casa comum”, ou seja, da parceria que os russos queriam firmar com a Europa, deu seguinte declaração.

“Para que a “casa comum” tenha um sentido, é preciso que se fixe a ela a democracia pluralista como objetivo e ela deve significar a supressão de certo numero de barreiras que, no momento, dividem a Europa. Penso naturalmente no Muro de Berlim e na fronteira que percorre a Alemanha. Quando poderá ocorrer isso? É o que todos nós nos perguntamos”<sup>176</sup>.

Observamos algo curioso no tanto nos editoriais do *Jornal do Commercio* quanto nas crônicas do O Globo, o intervalo temporal é muito aleatório, ou seja, não há uma periodicidade exata, fica o questionamento se esse “recurso” foi usado para quando as empresas julgaram necessário comentar tais fatos, quer seja por terem alguém com repertório técnico para tal ou pelo fato dos acontecimentos lhes serem favoráveis, outra hipótese é a de que só houve manifestação corporativa quando havia similitudes entre a notícia e a política da empresa. A primeira crônica do O Globo no ano de 1989 (sobre o tema Muro de Berlim) foi a que comentamos acima, no dia 08 de julho, a próxima seria mais de 2 meses depois no dia 13 de setembro. Entretanto, antes disso, em maio a

---

<sup>174</sup> *Ibidem.*

<sup>175</sup> *Ibidem.*

<sup>176</sup> *Ibidem.*

Hungria decidiu dismantelar a cerca de arame que a separava da Áustria neutra<sup>177</sup>, com isso muitos alemães aproveitaram para seguir para o território austríaco e de lá seguir para a Alemanha Ocidental. Óbvio que a repercussão na Alemanha (oriental) não foi do agrado das autoridades, que posteriormente a esse fato fizeram um acordo com autoridades húngaras para frear essas fugas em massa, mas com as altas pressões da sociedade e o com o claro desinteresse húngaro em ajudar os soviéticos, o acordo foi revogado no dia 12 de setembro daquele ano.

“Hungarian Foreign Minister Gyula Horn announces suspension of agreement requiring Hungary to prevent emigration of East Germans to West; within next 36 hours 10,500 East Germans pass into Austria, arriving in West Germany 9/11-12. East German press agency 9/12 calls Hungarian action "violation of legal treaties"; Soviet spokesman Gannadi Gerasimov says Hungary's action is "very unexpected" but "does not directly”<sup>178</sup>.

Nesse contexto o jornal dá indícios de que apoia a fuga como uma tentativa de escapar do regime.

“É certamente um estímulo à fuga do regime alemão-oriental; e uma válvula enorme de escape, ao Sul, contrapondo-se à brutalidade do Muro de Berlim, das guaritas de vigias, das cercas eletrificadas e dos campos minados com que uma Alemanha quis isolar-se da outra”<sup>179</sup>.

E as críticas se intensificam quando o nome é Erich Honecker, então Chefe de Estado da República Democrática Alemã, um personagem importante da história da Alemanha, “Mais um estímulo estupidamente reforçado de dentro, da retaguarda desse aparato carcerário, pelo imobilismo do regime comandado por Erich Honecker [...]”<sup>180</sup>, e sem dúvida uma figura decisiva para o Muro de Berlim pois acompanhou a construção em 1961, dentre as várias funções que assumiu destacam-se a chefia de Estado da RDA e o cargo de Secretário-geral do Partido Socialista Unificado da Alemanha, em ambos ele ficou no poder até 18 de outubro de 1989, quando foi substituído por Egon Krenz. Honecker era criticado por sua postura severa além dos crimes que cometeu durante a Guerra Fria, como um dos responsáveis pela ordem de atirar em pessoas que cruzassem o Muro. Como já mencionamos em outros momentos deste trabalho, é recorrente a postura egoísta dos políticos, algo que acreditamos que continua igual depois de 30

---

<sup>177</sup> No dia 26 de outubro de 1955, então, o Conselho Nacional aprovou em Viena a Constituição da Áustria, selando o compromisso de neutralidade do país. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1955-áustria-torna-se-neutra/a-663086>. Acesso em 11/06/2019.

<sup>178</sup> HAYES, Peter (1989): “*Chronology 1989*.” Foreign Affairs 69, no. 1. p. 213-257.

<sup>179</sup> O Globo 13/09/1989, p.04.

<sup>180</sup> *Ibidem*.

anos. Devido a sua austeridade, Honecker parecia não estar preocupado em integrar ou flexibilizar medidas consideradas já obsoletas em outros países (por terem sido tomadas há muito tempo), enquanto Gorbatchov instituía medidas inovadoras na URSS, o colega alemão não deu importância em fazer o mesmo, “[...] enquanto se organiza a perestroika, na União Soviética, enquanto se movimentam aos trancos e barrancos, Hungria e Polônia, a República Democrática Alemã permanece a mesma”<sup>181</sup>.

É interessante observar que apesar de ter as características de uma crônica, essa peça do dia 13 de setembro de 1989 não segue um padrão gráfico, ou seja a tipologia textual se apresenta de forma diferente, dividida propositalmente em pequenos textos, todos com o mesmo plano de fundo, mas não em forma de texto corrido, isso por um lado pode complicar o entendimento de um leitor menos experiente com o tema, por outro pode aguçar o interesse em ler o próximo texto, já que percebemos uma clara intenção em promover um contraste, mostrando o que estava acontecendo em outros lugares e o que acontecia na Alemanha-oriental, acreditamos que possa ser uma forma de deixar ainda mais evidente o abismo social provocado pelo socialismo.



FIGURA 23: CRÔNICA DO DIA 13/09/1989.

Em um dos pequenos textos o autor menciona uma certa “inovação” sobre a organização partidária de países do Leste, como Hungria e Polónia e também a própria URSS, “Na União Soviética, a instituição democrática típica, o Parlamento, sai da

<sup>181</sup> *Ibidem*, p.04.

formalidade e se encontra com a realidade”<sup>182</sup>. Depois desse comentário o outro texto é aberto com uma frase de efeito (ou título depende da intenção do jornal, não sabemos) para realmente contrastar, “E na Alemanha Oriental?”<sup>183</sup>, como se quisesse causar uma surpresa ou expectativa na resposta que já era de conhecimento por todos. No mesmo parágrafo continuam as críticas em um tom provocante, “Ali não se vota para valer, de nada valendo sequer a anulação da cédula eleitoral”<sup>184</sup>. Há momentos de críticas ao povo também por considerá-los, talvez, alienados.

“Quanto à imprensa, seu conceito pode ser medido pela prática de 83% dos habitantes, à noite: preferem a noticiosos, sintonizar a programação ocidental de TV, de seriados como Dallas [...] “o vale dos ignorantes”<sup>185</sup>.

Não sabemos ao certo qual hipótese seguir, mas acreditamos que hajam várias interpretações para o porquê de um tom mais incisivo ao criticar as pessoas, ou quem escreve é alemão e participou, ainda que a distância, desses processos sociais ou o autor tenta nivelar a sociedade de um modo homogêneo utópico, como se todos fossem obrigados a assistir às notícias. A partir disso, acreditamos que um dos motivos pelos quais a população não assistia aos noticiários se deve à incredulidade gerada pelos filtros impostos pelo governo alemão, como se dissessem “Por que e para que vou assistir algo que está distorcido e direcionado num viés que é positivo apenas para o governo e não para o povo?”. Hoje em dia, esses recortes ideológicos já são comuns nos media, em 1989, certamente não era improvável mostrar apenas o que era interessante aos partidos e governos.

Apesar da “divisão” em pequenos textos, existe um título global (amplo) da crônica é, o que reforça a ideia de que se trata de uma crônica com um só foco, mas dividida em trechos com “subtítulos” para dar fluidez nos assuntos. “O voto com os pés” é explicado dentro da crônica, “Ora, onde não se vota com a voz e com as mãos, vota-se com os pés, sempre que se pode – fugindo”<sup>186</sup>. Não se vota com a voz, pois não se tem o direito de questionar nem de se manifestar e não se vota com as mãos, pois o gesto simbólico de

---

<sup>182</sup> *Ibidem.*

<sup>183</sup> *Ibidem.*

<sup>184</sup> *Ibidem.*

<sup>185</sup> *Ibidem.*

<sup>186</sup> *Ibidem.*

escolher um candidato e colocar a cédula na urna, ainda não era uma realidade na vida dos alemães-orientais. A crônica é finalizada do mesmo modo que começou, crítico, direto e sem subterfúgios. Para nós, não há dúvidas sobre o posicionamento do jornal, algo que atualmente existe, mas muitas vezes é camuflado com os artifícios da linguagem jornalística, ao passo que nessa ocasião (em 1989) não houve o interesse em preservar a imparcialidade. O trecho final funciona como um reforço do porquê a Alemanha-Oriental não estava com a razão e partir daí entram dados ainda que muito amplos, sem fonte ou precisão.

“O percentual elevado de jovens que estão se refugiando na Alemanha-Ocidental mostra que a fuga é à falta de opções e à restrição na expressão determinadas pelo enquadramento ideológico-partidário de toda a população. A fuga é ao imobilismo social resultante menos de limitações econômicas que da alienação da liberdade”<sup>187</sup>.

A última frase conclui a ideia proposta no título sobre o voto com os pés, “Com os pés e atravessando as fronteiras, os alemães orientais estão votando pela liberdade”<sup>188</sup>, pois apesar de não estarem escolhendo um representante, ao migrar estão expressando sua insatisfação com o sistema vigente e indicam não suportar a vida no país. Corroborando para a nossa opinião sobre o intervalo temporal nas publicações, a próxima crônica foi no dia 16 de novembro, uma semana depois do marcante 9 de novembro, dia que o Muro começou a ser derrubado. Ressaltamos dois fatos que aconteceram no dia anterior, 15, nesta data o Brasil comemorava 100 anos da instalação da República<sup>189</sup> e também ia às urnas pela primeira vez depois de 21 anos de Ditadura Militar e 39 anos sem direito ao voto, já que a última vez que foram às urnas foi em 1960. As datas são complexas devido a uma série de acontecimentos essenciais para o entendimento da cronologia que já mencionamos neste trabalho, até mesmo neste capítulo.

“A divisão ideológica do mundo na Guerra Fria, entre Leste e Oeste, comunistas e capitalistas, se reproduzia, em maior ou menor medida, em cada país. No Brasil, ela era aguçada e aprofundada pela radicalização de João Goulart, iniciada tão logo conseguiu, em janeiro de 1963, por meio de plebiscito, revogar o parlamentarismo, a saída negociada para que ele, vice, pudesse assumir na renúncia do presidente Jânio Quadros. Obteve, então, os poderes plenos do presidencialismo. Transferir parcela substancial do poder do Executivo ao Congresso havia sido condição exigida pelos militares para a posse de Jango, um dos herdeiros do trabalhismo varguista. Naquele

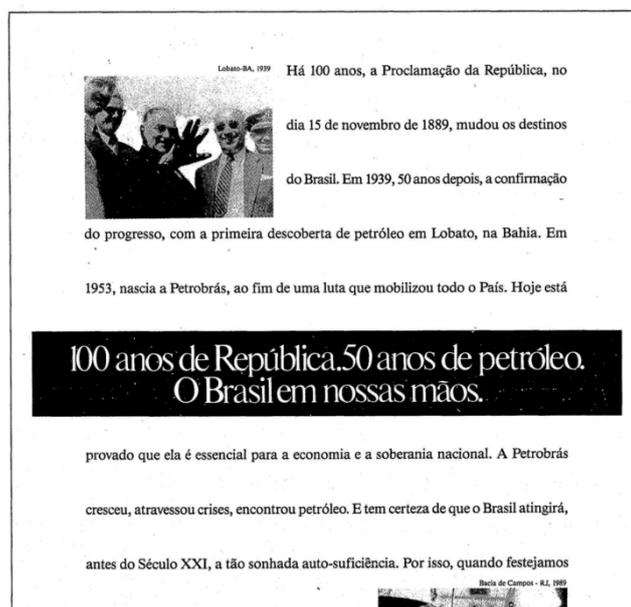
---

<sup>187</sup> *Ibidem*.

<sup>188</sup> *Ibidem*.

<sup>189</sup> Em 15 de novembro de 1889, um grupo de militares do exército brasileiro, liderados pelo marechal Manuel Deodoro da Fonseca, destituiu o então imperador Dom Pedro II e assumiu o poder no país, instituindo um governo provisório republicano, que se tornaria a Primeira República Brasileira (1889-1930)

tempo, votava-se no vice-presidente separadamente. Daí o resultado de uma combinação ideológica contraditória e fonte permanente de tensões: o presidente da UDN e o vice do PTB. A renúncia de Jânio acendeu o rastilho da crise institucional<sup>190</sup>.



Lobato-BA, 1939

Há 100 anos, a Proclamação da República, no dia 15 de novembro de 1889, mudou os destinos do Brasil. Em 1939, 50 anos depois, a confirmação do progresso, com a primeira descoberta de petróleo em Lobato, na Bahia. Em 1953, nascia a Petrobrás, ao fim de uma luta que mobilizou todo o País. Hoje está

**100 anos de República. 50 anos de petróleo.  
O Brasil em nossas mãos.**

provado que ela é essencial para a economia e a soberania nacional. A Petrobrás cresceu, atravessou crises, encontrou petróleo. E tem certeza de que o Brasil atingirá, antes do Século XXI, a tão sonhada auto-suficiência. Por isso, quando festejamos

Bacia de Campos - RJ, 1953

FIGURA 24: PROPAGANDA DA PETROBRAS NA EDIÇÃO DO DIA 16/11/1989. PG.35.

Como mencionamos acima, o Brasil estava comemorando 100 anos da transição da Monarquia para a República e por ocasião deste fato, o governo publicou uma nota comemorativa da Petrobrás<sup>191</sup> aproveitando os 50 anos da primeira descoberta de petróleo em solo brasileiro para dar mais força à data. Nós acreditamos nos benefícios do petróleo e da Petrobrás para o desenvolvimento do Brasil, entretanto recentemente a empresa que era sólida e tida como uma referência no ramo se viu envolvida em escândalos de corrupção, como o Petrolão<sup>192</sup> e por isso, além de ter perdido valor de mercado, vem sofrendo com essa mancha em sua reputação, o que dificulta a entrada de capital estrangeiro. Desde 2014 a estatal, seus funcionários e ex-funcionários vem

<sup>190</sup>Trecho obtido na edição online do O Globo do dia 31/08/2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>. Acesso em 13/06/2019.

<sup>191</sup> Petróleo Brasileiro S.A., mas conhecida como Petrobras foi fundada em 1953 é uma empresa de capital aberto (sociedade anônima) especializada na indústria de óleo, gás natural e energia. Apesar de ter mais de 600 mil acionistas, o Governo brasileiro é o acionista majoritário. Atualmente produz em média 1 milhão 765 mil barris de petróleo por dia. Informações disponíveis em: <http://www.petrobras.com.br/pt/quem-somos/perfil/>. Acesso em 13/06/2019.

<sup>192</sup> Nome dado ao esquema de corrupção e desvio de verbas na Petrobrás, que se iniciou no governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003- 2010) e continuou nos governos posteriores, sendo alvo da investigação batizada de Operação Lava Jato.

sendo alvo de constantes investigações que têm revelado um complexo esquema de corrupção do qual participam políticos de diversos partidos e vários escalões e até mesmo políticos de outros países, a esse conjunto de operações foi dado o nome de Operação Lava Jato<sup>193</sup>. É interessante observar uma mensagem subliminar ou não, deixada na propaganda, "A Petrobrás gostaria de lembrar que sem democracia não há crescimento, desenvolvimento, progresso político e social"<sup>194</sup>, dando impressão de que o governo estaria "alfinetando" o tempo do militarismo no Brasil, não sabemos se foi algo intencional, entretanto a disposição da propaganda e da crônica sobre a "Reunificação da Alemanha"<sup>195</sup> e a prosperidade, numa mesma página dão indícios de uma possível intenção do jornal em enfatizar que na Europa já tinha ficado claro que a democracia e a liberdade eram a melhor solução e que neste caso o Brasil não deveria "ficar para trás". Outro fato que nos chama atenção é disposição da crônica na seção de economia e não de política, além da página, que foi deixada para o final do periódico e não no começo, como geralmente vinham antes.

Por um bom tempo, as grandes potências europeias da época da Guerra Fria<sup>196</sup>, nomeadamente Reino Unido e França, ainda que tivessem tido perdas após a Segunda Guerra Mundial, ainda conseguiram aproveitar uma certa exclusividade econômica e também um destaque político no continente, visto que a Alemanha perdeu muito mais e encontrava-se dividida, e mesmo a porção Ocidental sendo próspera, ainda não estava em sua melhor forma. Indiscutivelmente, a República Federal da Alemanha- RFA,

---

<sup>193</sup> A Operação Lava Jato é um conjunto de operações da Polícia Federal do Brasil que começaram em 17 de março de 2014 e seguem até hoje em sua 61ª até o momento. O nome surgiu porque uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis era usada para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas. Desde então vários funcionários, ex-diretores da empresa e políticos de vários estados do Brasil foram investigados. É considerada o maior esquema de corrupção que o Brasil já teve. Fonte: Ministério Público do Brasil: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-lava-jato/entenda-o-caso>.

<sup>194</sup> O Globo 16/11/1989, p. 35.

<sup>195</sup> Nesta data não se trata da Reunificação propriamente dita, a qual só seria concluída nos anos 1990, em 1989 eram apenas os desdobramentos a partir da queda do Muro de Berlim, que viriam a acelerar os processos, imaginamos que esta tenha sido a intenção do editor do jornal neste dia.

<sup>196</sup> Período histórico de disputas não-armadas envolvendo os Estados Unidos e a União Soviética, entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991). É chamada "fria" porque não houve guerra no sentido literal, com armas, mas sim uma disputa ideológica.

mesmo sem o considerável reforço da RDA, face aos seus exuberantes resultados, já líder absoluta da CEE<sup>197</sup>.

Com isso, a tentativa de acreditar que uma possível reunificação alemã tardaria era uma ilusão que “agradava” esses países, principalmente a França. Já nesse contexto de “pós queda” do Muro de Berlim o então presidente francês, François Mitterrand disse que não temia a unificação, no entanto não era esperado pelas nações europeias que tudo ocorresse tão rapidamente. Daí vinha uma outra preocupação, que era qual seria o papel e a posição da Alemanha dentro deste bloco, é notório que seria necessário um remanejamento para que a prosperidade de um não afetasse outro.

“A derrubada do Muro de Berlim bem antes do esperado vai fazer com que os perplexos formuladores da CEE repensem não só nas bases desses tratados, mas também a posição da própria Alemanha no Mercado Comum”<sup>198</sup>.

Como já mencionamos em diversos momentos deste trabalho, os interesses dos países geralmente não giram em torno de uma perspectiva pensada na unidade comum e na prosperidade transacional, mas sempre ao redor daquilo que possa garantir benefícios para a sua própria nação. O autor da crônica parecia compartilhar da mesma ideia quando diz: “Compreendo, em parte, os temores de franceses e ingleses, pode-se imaginar o que, em futuro não muito distante, será a Alemanha após a inexorável reunificação”<sup>199</sup> ou ainda “A próspera RDA é seguramente a nação mais bem organizada e com o mais alto padrão de vida do bloco socialista”<sup>200</sup>. Essa prosperidade, sem dúvida era fruto do já conhecido senso de organização e de seriedade alemão.

“Os alemães, com sua inigualável disciplina e capacidade de trabalho, conseguem êxito sob qualquer regime, como obtiveram com o nazismo de Hitler e mais recentemente sob o estalinismo do Ex-presidente Honecker”<sup>201</sup>.

---

<sup>197</sup> Organização internacional criada durante a assinatura de um dos dois Tratados de Roma de 1957, que estabelecia um mercado comum europeu. Os primeiros países a assinar foram França, Itália, Alemanha Ocidental e os três países do Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo), posteriormente outros países entrariam. Em 1992 durante a assinatura do Tratado de Maastricht o termo Comunidade Econômica Europeia foi substituído por Comunidade Europeia, nessa ocasião foi criada União Europeia.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p.35.

<sup>199</sup> *Ibidem*.

<sup>200</sup> *Ibidem*.

<sup>201</sup> *Ibidem*.

## A reunificação da Alemanha

CARLOS TAVARES DE OLIVEIRA

A velocidade com que se precipitam os acontecimentos na Alemanha Oriental surpreende o Mundo e mais ainda os políticos e técnicos da Comunidade Económica Europeia (CEE). Estão superadas, inclusive, as recentes e cautelosas previsões do experimentado Presidente da França, François Mitterrand, segundo as quais a "reunificação das duas Alemanhas é coisa para daqui a dez anos". Tentando simular o conhecido receio francês de um Estado germânico forte, Mitterrand, em Bonn, após encontrar-se com o chanceler Helmut Kohl, disse "não ter medo dessa união", assinalando que a decisão compete antes de tudo ao povo alemão. Contudo, muito antes do que poderiam supor os franceses e demais membros da CEE, terão eles de enfrentar realmente uma Alemanha mais poderosa ainda.

após a inexorável reunificação. Indiscutivelmente, a República Federal da Alemanha — RFA, mesmo sem o considerável reforço da RDA, face aos seus exuberantes resultados, já é a líder absoluta da CEE. No ano passado teve o maior Produto Interno Bruto (PIB) da Comunidade, em torno de US\$ 1,1 trilhão (no Mundo, atrás apenas dos EUA, URSS e Japão), proporcionando a sua população (61 milhões de habitantes) a renda per capita recorde de US\$ 18,5 mil. No comércio internacional, então, sua atuação tem sido espetacular, acumulando impressionante elenco de recordes. Atingindo o total de US\$ 323 bilhões, deteve a liderança das exportações, significando participação majoritária de 12,5% no bolo do mercado mundial. O índice de exportação/PIB chegou a 35% e o de importação/PIB (outro recorde) alcançou 20%. Permaneceu também em primeiro lugar nas exportações mundiais de produtos industrializados, com 19,5% do total, deixando longe o Japão, em 2º, com 17,1%.

Por seu turno, é também digno

FIGURA 25: CRÔNICA DO DIA 16/11/1989.

Na crônica, o autor continua demonstrando sua admiração no sentido amplo da palavra pelos expressivos resultados da RFA, reforçando sua opinião através de estatísticas e porcentagens. "No ano passado teve o maior Produto Interno Bruto (PIB) da Comunidade, em torno de US\$ 1,1 trilhão (No mundo atrás apenas de EUA, URSS e Japão)"<sup>202</sup>. Se por um lado é impressionante a capacidade de recuperação da Alemanha após ter sido arrasada durante a Segunda Guerra, por outro é parcialmente justificável após a ajuda americana através do Plano Marshall<sup>203</sup>.

"A ajuda financiada pelo Plano Marshall não aconteceu apenas na Alemanha. Até 1952, outros países europeus ocidentais necessitados receberam adubo, matérias-primas, combustíveis, máquinas e medicamentos no valor aproximado de 13 bilhões de dólares. Da ajuda americana de quase 3,3 bilhões de dólares no pós-guerra, o governo de Bonn pagou mais de um bilhão de dólares até meados de 1978, como previa o acordo"<sup>204</sup>,

Havia uma tentativa em camuflar ou ignorar o fato de que sem o Plano Marshall, seria difícil "devolver" a glória e a estrutura organizada que a Europa tinha conquistado até então, "Os alemães ocidentais agora não gostam de falar nesse providencial plano americano, para não admitir que pelo menos parte do seu êxito econômico é devido à magnanimidade dos vencedores da Guerra"<sup>205</sup>.

<sup>202</sup> *Ibidem*.

<sup>203</sup> Plano de reconstrução desenvolvido pelos EUA e anunciado em junho de 1947 para ajudar a recuperar os países europeus devastados pela Guerra. As ajudas giraram em torno dos US\$ 13 bilhões.

<sup>204</sup> Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1947-é-anunciado-o-plano-marshall/a-568633>. Acesso em 21/06/19.

<sup>205</sup> *Ibidem*.

Do lado oriental, apesar de um possível lamento dos cidadãos por não terem tido acesso a esses mesmos valores significativos e essenciais na reconstrução do Oeste, até porque com esses recursos, a disparidade seria ainda maior, já que houve uma espécie de “congelamento” inclusive dos desejos, já que os cidadãos não tinham direito a ter o que gostariam e/ou produtos importados, mas sim o que era permitido pelo governo. Por isso, poderia haver um orgulho ainda maior já que tudo que foi conquistado ali era fruto do próprio esforço alemão-oriental, nós compartilhamos da opinião do cronista.

“Na realidade o mérito dos alemães orientais seja até maior, pois sem a ajuda da URSS e muito menos dos EUA, conseguiram reconstruir o país, tornando a sua economia umas das mais prósperas da área socialista”<sup>206</sup>.

Isso pode ser explicado, em partes, pela facilidade em encontrar o capital humano a preços mais baixos que na parte ocidental, com isso as empresas aproveitaram para investir, até porque o poder de compra dos habitantes da RDA estava começando a subir.

“Mesmo antes da histórica demolição do muro de Berlim, os grandes grupos alemães (Volkswagen, AEG, Daimler Benz, Schering, etc), prevendo a implantação da perestroika, prepararam projetos para investir na RDA visando aproveitar a mão-de-obra mais barata e, também, a explosão compradora do mercado local, de alto poder aquisitivo”<sup>207</sup>.

Para destoar do ritmo muito alternado de publicações das crônicas, que O Globo vinha seguindo até, a próxima crônica foi apenas dois dias depois da anterior, precisamente dia 18 de novembro, com um título curioso “Um muro ameaça cair”, sendo que fisicamente o Muro de Berlim já tinha começado a ser derrubado 9 dias antes. Entretanto fica claro que a intenção não foi realçar algo já sabido, mas sim, fazer alusão à queda iminente da União Soviética e que o “muro” na verdade, pode ser interpretado como uma barreira não apenas de concreto, mas uma ideologia que não deu certo, face ao capitalismo mais feroz e lucrativo para todos, “ a verdade é que as razões que levaram a sua criação estão hoje decididamente superadas”<sup>208</sup>, até mesmo os então socialistas que compunham a URSS não estavam mais dispostos em “montar” blocos nesse muro em ruínas, já não era visto nenhuma vantagem sob nenhum ângulo. Uma grande potência como a União Soviética teve que recuar e reconhecer que já não podia

---

<sup>206</sup> *Ibidem*.

<sup>207</sup> *Ibidem*.

<sup>208</sup> O Globo 18/11/1989, p. 09.

mais frear os desenlaces e os “divórcios” além disso quem deixava o socialismo e ia em busca do sonho capitalista de um país próspero, era a aceito no grupo dos ocidentais, uma demonstração de apoio que enfraquecia qualquer contrapartida dos soviéticos.

“A Polônia e a Hungria já buscaram o apoio do mundo ocidental e estão recebendo. A Tchecoslováquia e a Alemanha Oriental, estas, se voltam para sua próspera e pujante vizinha: a República Federal Alemã”<sup>209</sup>.

O cronista lança uma pergunta: “Será que estaremos nos aproximando do fim do Império Soviético?”, esse questionamento foi ganhando força com as pressões sociais cada vez mais intensas, já que a população queria ter acesso aos bens de consumo e também à liberdade assim como os habitantes dos países ocidentais. Aos poucos os fatos iam caminhando em um ritmo consonante ao que buscavam os países capitalistas e isso agradava, principalmente os EUA.

“Os Estados Unidos acompanham a evolução dos fatos com grande acuidade. O Presidente George Bush, em pronunciamento feito no dia 9 deste mês, saúda a Alemanha Oriental de abrir suas fronteiras como significando um “bom desenvolvimento”<sup>210</sup>.

Repete-se o comentário sobre a preocupação de franceses e alemães com a perda da hegemonia que era muito provável de acontecer, principalmente depois de uma Alemanha reunificada e mais fortalecida “A França e a Grã-Bretanha, essas temem esse quadro de uma Europa sob hegemonia alemã, que pode apontar para um ressurgimento do poderio que a ascensão de Hitler, afinal, representou”<sup>211</sup>. Todas essas mudanças são esperadas não só pela população diretamente atingida pelas decisões, mas também é notório que os jornais, por se tratarem de empresas e por consequência, capitalistas, preocupavam-se com a estabilidade dos mercados econômicos, no Brasil não era diferente, principalmente ao analisarmos os fatos complicados que o país esteve envolvido nos últimos 20 anos, muito semelhantes aos vividos no Leste Europeu, respeitadas as proporções. Esse otimismo que identificamos como uma atitude contínua na escrita jornalística dos periódicos, parece querer reverberar a todo custo os benefícios que essa “nova era” vai trazer, “A queda do muro de Berlim não é, assim, um

---

<sup>209</sup> *Ibidem.*

<sup>210</sup> *Ibidem.*

<sup>211</sup> *Ibidem.*

fato que irá perturbar o equilíbrio europeu. Longe disso. Ela significará a reunificação europeia e acena para um cenário otimista a partir de 1992”<sup>212</sup>.

Ele segue otimista ao dizer “O futuro está indicando que viveremos num Mundo melhor e mais harmônico e isso é o que convém a todos”<sup>213</sup>. Analisamos o fato de, tecnicamente, a palavra “todo” e suas derivadas serem pronomes indefinidos, ou seja, dependem de um contexto para terem um significado não ambíguo. Para nós, “todos” pode ser num sentido literal, de humanidade ou ainda “todos” de um grupo, como por exemplo, todos países desenvolvidos, todos os países capitalistas, as interpretações seguem assim como a própria definição do pronome.

Continuando no ritmo quase que de uma unidade mensalmente, a próxima crônica foi no dia 3 de dezembro, o que ressaltamos que pode inclusive ser descaracterizado como crônica, já que alguns autores defendem que uma crônica requer periodicidade e sequência, ou seja, algo padronizado e organizado de tal maneira que tenha dia definido, permitindo assim que o leitor saiba que naquele dia ele poderá ter uma opinião mais precisa e menos isenta. O título já começa de uma maneira bem sugestiva “Meu muro caiu...”, possivelmente uma alusão à musica de mesmo interpretada pela cantora Maysa<sup>214</sup> em 1958, cujo a melodia é melancólica. Acreditamos que, caso essa hipótese seja verdadeira, é pelo fato de que a queda do Muro naquele momento já era uma melancolia, algo inevitável, como a saudade que aqueles que estiveram no poder durante esse tempo estariam sentido ao ver tudo ser destruído. Vale destacar que essa crônica com um tom humorístico, é assinada de modo fictício pelo jornalista Agamenon Mendes Pedreira, que na verdade é um personagem criado por dois humoristas brasileiros, Hubert Aranha e Marcelo Madureira em 1989. Ou seja, apesar do tom engraçado, o plano de fundo que baseia o que foi escrito a partir das fotos, de modo fictício, enfatizamos, é verdadeiro, portanto algumas informações são possíveis de serem analisadas e comentadas. Notamos esse tom mais direto e revelador da total ojeriza que o então jornalista sentir pelo muro, em trechos como: “Mas estes tempos

---

<sup>212</sup> *Ibidem.*

<sup>213</sup> *Ibidem.*

<sup>214</sup> Maysa Figueira Monjardim, mais conhecida como Maysa, 6 de junho de 1936 —22 de janeiro de 1977), foi uma das maiores cantoras do Brasil em sua época, sendo lembrada até hoje.

sombrios já ficaram para trás na lata de lixo da História”<sup>215</sup>, deixando claro que apesar dos acontecimentos serem importantes porque moldam a história e ajudam nas interpretações do que pode vir a ser o futuro, “ele” (ou eles, já que eram dois humoristas) era totalmente contra o muro acreditando que ele podia ter sido derrubado antes se houvesse mais empatia para com os outros e diálogo entre os envolvidos. Outro momento de crítica é quando o autor descreve o que acontecia por lá como algo já do passado:

“O Muro da Vergonha cheio de cacos de vidro, arames farpados e pastores alemães raivosos impediam que carteiros do Ocidente Livre levassem as boas novas do Mundo Ocidental, finalmente foi tombado pelo Patrimônio Histórico Alemão”<sup>216</sup>.

Destacamos os termos “Muro da Vergonha”, “Ocidente Livre” e “Mundo Ocidental”. Os jornais, não apenas os que tivemos acesso para este trabalho, mas também outros que consultamos, usavam com frequência o termo “Muro da Vergonha”, por motivos que não suscitam a necessidade de explicarmos, em paralelo a isso o termo “Mundo Ocidental” era uma denominação aos países não necessariamente à esquerda do Meridiano de Greenwich<sup>217</sup>, mas sim daqueles que eram capitalistas e na época mais desenvolvidos, notoriamente poucas nações do oeste eram realmente desenvolvidas ou tidas como países de 1º mundo<sup>218</sup>. Acreditamos que a expressão “Ocidente Livre” é um fantasiosa ou forçada, o que alguns poderiam analisar como um momento de elogio exagerado às práticas políticas americanas, já que “livre” no sentido claro da palavra, as nações aliadas não estavam, elas até poderiam estar livres das ideologias: socialista e capitalista, mas não significava dizer que não deviam prestar certa obediência a alguém, nomeadamente aos Estados Unidos, já que este era poderoso o suficiente para “ajudar” financeiramente uma nação arrasada pelas guerras, como foi o caso da Alemanha, mas também agia com a frieza vingativa de quem é implacável com quem não compartilha

---

<sup>215</sup> O Globo 03/12/1989, p. 05.

<sup>216</sup> *Ibidem*.

<sup>217</sup> O Meridiano de Greenwich é um meridiano estabelecido em 1851 e definido por acordo internacional em 1884 que tem o propósito de dividir o globo terrestre em ocidente e oriente, tem esse nome porque passa pela cidade de Greenwich no Reino Unido. Uma das suas funções é possibilitar a medição da longitude e estabelecer fusos horário entre os países.

<sup>218</sup> Conceito originado da Guerra Fria, para identificar o conjunto de países que se posicionaram à favor do capitalismo e se aliaram aos EUA. O termo atualmente também é usado para descrever os países desenvolvidos. Havia ainda os seguintes conceitos: Países de “Segundo Mundo” no qual entrava a União Soviética e seus aliados e os Países de “Terceiro Mundo” representando países não-alinhados e/ou neutros, classificação que hoje em dia é mais usada para países não desenvolvidos.

dos mesmos pensamentos, exemplo do que fizeram com a URSS e vem fazendo até os dias atuais em nações como Cuba, que sofrem um bloqueio econômico<sup>219</sup> devastador, que faz com que aqueles que a visitam se sintam num lugar muito mais arcaico e atrasado do que deveria ser.

É curioso e criativa a associação de nomes da política alemã/ europeia a nomes conhecidos no Brasil até hoje, ainda que esses personagens não tenham relação nenhuma com os lugares citados, o autor (por meio de seus dois criadores) usou imagens verdadeiras com legendas criativas, mas que contem um tom mais ácido em alguns momentos: “Assim que soube que estavam botando abaixo o Muro da Vergonha, o Governador Toupeira Franco, o rei do buraco fundo, imediatamente voou para Berlim, a fim de colocar uns tapumes e iniciar uma de suas obras que não acabam nunca”, claramente uma crítica ao perfil recorrente em governantes brasileiros, provavelmente era o caso de Moreira Franco<sup>220</sup> também. Destacamos que apesar de ser uma figura conhecida por ter ocupado vários cargos em âmbito nacional, nós de modo direto, ou seja, sem termos acompanhado no momento em que esteve no poder, não conhecemos sua reputação enquanto ex-governador do Rio de Janeiro.

A criatividade vai além das figuras políticas: “Intelectuais e patos dissidentes também querem respirar os ventos da liberdade que sopram do Leste europeu, e por isso, cruzam impávidos a Cortina de Ferro em passo de ganso”<sup>221</sup>. Como são vários momentos, nos limitamos a comentar apenas mais um, por ter sido o que mais nos chamou atenção, até por considerarmos que leva um tom mais pesado dos que os anteriores, já que envolve a intimidade de uma parlamentar brasileira, algo que nunca deveria ter sido liberado, no entanto, hoje em dia com a mudança nas leis e também no

---

<sup>219</sup> Em 1960 os EUA restringiram uma série de atividades entre americanos e Cuba, posteriormente o bloqueio econômico passou a ser lei. Em 17.12.2014 o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama anunciou a tomada de algumas medidas para o fim do embargo. Anos depois em 16.06.2017 o atual presidente, Donald Trump cancelou esse acordo, afirmando que é necessária uma definição mais clara e que algumas medidas têm que ser tomadas em Cuba para que ele seja revogado, tal como a libertação de presos políticos.

<sup>220</sup> Toupeira Franco na verdade foi um termo satírico para se referir ao então governador do Rio de Janeiro, Moreira Franco que governou de 1987 a 1991. Atualmente ele está envolvido em diversos esquemas de corrupção, principalmente os da Operação Lava Jato, chegando a ser preso no dia 21/03/2019, mas dias depois (em 25/03/2019) sendo solto por decisão de um desembargador.

<sup>221</sup> *Ibidem*.

pensamento de várias camadas sociais, ofensas a mulheres são repudiadas por qualquer meio de comunicação sério que preza pelo respeito de quem o assiste, ouve ou lê.

“A paz finalmente volta a reinar entre os povos do leste europeu. Até a Deputada radical Jandira Feghalli, que voltava de suas férias na Albânia, o Paraguai da Europa Oriental, confraterniza e se deixa bolinar por soldados soviéticos que há muito tempo não viam uma mulher”<sup>222</sup>.

Dias depois, mais precisamente no dia 9 de dezembro, quando estava completando um mês do início da destruição do Muro de Berlim, uma nova crônica feita por um nome já conhecido por ter assinado outros que usamos neste trabalho, L.G. Nascimento Silva, tratava-se de Luís Gonzaga do Nascimento e Silva ex-ministro do Trabalho e Previdência Social nos anos 60. O peso de ter alguém que é da área de política reforça o porque de uma análise mais detalhada e de críticas melhor pontuadas, talvez, do que se fossem feitas por um jornalista generalista, por exemplo.

É simbólico esse um mês do início da queda, como se fosse um período experimental pelo qual as Alemanhas, o povo alemão e todos os países que esperavam uma resposta clara sobre o que ia acontecer quando o muro caísse e o sistema entrasse em colapso, tivessem a chance de observar na prática a situação, livre das especulações criadas para atrapalhar o desenvolvimento dessa história de uma maneira mais fluente. Durante esse mês, muitas reviravoltas aconteceram, possibilitando uma “decantação” dos ânimos, ou seja, um filtro do que poderia ou não ser viável para o mundo, já que neste contexto era uma estabilidade global e o conceito de comunidade que estavam “na moda” nos jornais, e como já mencionamos em vários momentos deste trabalho, as empresas de comunicação, por serem capitalistas e dependentes da relação que o poder de compra provoca nos investimentos em propaganda, já que isso é o principal meio de faturamento de uma empresa de mídia, obviamente iriam apoiar uma vitória capitalista, que iria beneficiar não apenas os EUA e alguns países europeus de forma mais rápida, mas também o Brasil que estava saindo de uma ditadura e estava abrindo os olhos ao “mundo novo”, respirando ares de consumo até então restritos e podendo sinalizar que era capaz de participar da divisão e gestão do dinheiro que circulava no mundo mais globalizado.

---

<sup>222</sup> *Ibidem.*

Depois de lermos muitas notícias sobre o assunto, percebemos que boa parte da demora na resolução desses conflitos, é devido à má vontade dos governantes. É interessante ver como o ritmo tornou-se acelerado após a queda do Muro de Berlim, por isso nos indagamos ainda que não seja possível uma resposta precisa: por que isso não foi feito antes?. As conversas entre os líderes dos principais países envolvidos, EUA e URSS parecia estar mais amena e focada em um objetivo comum, ainda que houvesse certa resistência soviética em atender algumas exigências dos EUA, que como sempre tiveram a intenção de manter a hegemonia e para isso diziam subliminarmente que isso era o melhor para o mundo, como se afirmassem “todos podemos ter poder, mas nós, os EUA, temos que ter mais”, exemplo disso é um encontro entre as duas potências, no qual os americanos sugerem uma redução na capacidade bélica dos soviéticos. Atitudes como essa, coincidentemente ou não, mantiveram e ainda mantem os EUA na primeira posição das economias mais desenvolvidas do mundo

“[...] Ambos (Gorbatchov e Bush) afirmaram que o entendimento a que chegaram representava uma nova era no relacionamento bilateral, o fim da guerra fria, e uma aproximação para a assinatura do esperado tratado para reduzir pela metade as armas nucleares estratégicas. Trata-se, pois, de um acontecimento fundamental que deverá produzir uma rele transformação no equilíbrio de poderes entre as duas nações”<sup>223</sup>.

Gorbatchov<sup>224</sup>, o último líder da União Soviética já estava tendo destaque no noticiário internacional e isso se intensificaria ainda mais devido à postura mais flexível e menos austera, de quem parecia estar disposto a recuar e perder a fim de promover um futuro mais promissor à sua nação, algo que não aconteceu da forma que ele esperava após a implantação de suas políticas econômico-sociais mais conhecidas, a *glasnost* e a *perestroika*, ambas já mencionadas em vários momentos deste trabalho.

“Estamos deixando uma época de guerra fria para entrar em uma nova época”<sup>225</sup>, essa frase do líder soviético era uma tentativa de convencer de uma vez as outras nações, que o propósito era deixar para trás o passado caótico. Apesar disso, notamos que a complexidade das informações somada ao fato de que esse reordenamento não

---

<sup>223</sup> O Globo 09/12/1989, p. 06.

<sup>224</sup> Mikhail Sergeevich Gorbatchov é um estadista e político russo. Oitavo e último líder da União Soviética, foi Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) de 1985 a 1991. Foi Presidente da União Soviética de 1990 a 1991. Ideologicamente, sua identificação inicial era com os ideais marxistas-leninistas, algo que iria mudar no início da década de 1990, se inclinando à social democracia.

<sup>225</sup> *Ibidem*.

dependia apenas de um país, tornava o cenário mais difícil e até mesmo confuso de interpretar, pois de um lado o líder soviético se esforça para estabelecer uma “paz”, por outro, os dirigentes da URSS não concordavam com a anexação Alemanha Oriental com a Ocidental, exceto aqueles países que já tinham demonstrado apoio ao bloco capitalista, porque sabiam que isso significaria mais desenvolvimento para suas nações, é o caso de Polônia e Hungria.

“Há problemas que precisam ser aplainados, tais como a unificação das duas Alemanhas. O muro de Berlim foi derrubado em novembro último, mas remanescem as dificuldades para unir os dois países. O chanceler Helmut Kohl insiste em que seu país se reunificará com a parte oriental da Alemanha, mas os dirigentes desta não acolhem tal pretensão, e têm, sem dúvida, o apoio soviético nesse sentido”<sup>226</sup>.

Já falamos neste trabalho sobre o modo estadunidense de controlar tudo que seja possível mesmo longe de seu território, isso por um lado é negativo para as outras nações que precisam “obedecer” as ordens americanas, por outro pode ser uma vantagem já que os EUA já na época eram uma grande potência e poderiam garantir proteção e desenvolvimento a quem os apoiasse e ainda que houvesse desejo de acelerar tudo, percebemos através das notícias, decisões/ opiniões muito ponderadas do então presidente George Bush, como esta: “[...] não se deve esperar para já uma mudança profunda nas fronteiras europeias”<sup>227</sup>, para nós, um ponto de vista sensato. Ele continua explicando o porquê dessa espera.

“Para tanto será preciso que se verifiquem as condições necessárias para uma reunificação das Alemanhas, e que são, ao seu ver, as seguintes: em primeiro lugar que o povo alemão tenha adquirido liberdade suficiente para decidir sozinho seu próprio destino; em segundo lugar que a reunificação seja pacífica e gradual, porque ninguém deseja mudar o equilíbrio de forças; e finalmente que a Alemanha que assim se formar, faça parte da integração dos 12 países europeus no único mercado de 320 milhões de pessoas em 1992 e passe a ser membro da OTAN<sup>228</sup>. E essa condição significa obviamente que a Alemanha unificada deixe de participar do Pacto de Varsóvia<sup>229,230</sup>.

---

<sup>226</sup> *Ibidem.*

<sup>227</sup> *Ibidem.*

<sup>228</sup> Organização do Tratado do Atlântico Norte- Aliança militar intergovernamental baseada no Tratado do Atlântico Norte, que foi assinado em 4 de abril de 1949. A organização constitui um sistema de defesa coletiva através do qual seus 29 Estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização.

<sup>229</sup> Pacto de Varsóvia foi uma aliança militar formada em 14 de maio de 1955 pelos países socialistas do Leste Europeu e pela União Soviética, o nome se deu porque o tratado foi assinado em Varsóvia, Polônia. Os países estabeleceram um compromisso de ajuda mútua em caso de agressões militares, sendo um contraponto à OTAN.

<sup>230</sup> *Ibidem.*

O Partido Comunista soviético ainda parecia tentar reverter a fragilidade que vinha sofrendo, principalmente com o abandono do apoio de alguns países como Hungria e Polônia que passaram mirar num futuro mais próspero junto aos ocidentais.

“[...] Gorbatchov [...] reafirma que o partido comunista soviético deve reter seu monopólio do poder [...] no presente estágio complexo... os interesses da consolidação da sociedade induzem a conveniência de mantermos um só partido”<sup>231</sup>.

Essa fala é curiosa e mostra algo que permanece até os dias atuais quando observamos os discursos dos políticos, a tendência a justificar algo errado e prejudicial para o povo como algo necessário para um momento mais “glorioso” no futuro, como disse Paul Göbbels<sup>232</sup>, “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”. Gorbatchov continua sua justificativa.

“No presente estágio complexo... os interesses da consolidação da sociedade induzem a conveniência de mantermos um só partido”. O pluralismo partidário deve ser deslocado para um momento mais oportuno, afirma o líder soviético”<sup>233</sup>.

Quem escreveu a crônica resumiu o discurso de Gorbatchov da seguinte forma “Entenda-se, esse imbrólio...”<sup>234</sup>, algo que não é possível em uma notícia (uma peça informativa), mas se torna totalmente possível dentro de uma peça argumentativa/opinativa como a crônica ou o editorial.

O tema “Muro de Berlim” foi amplamente trabalhado pelos jornalistas durante todos esses anos, mais especificamente em 1989 e 1990, ambos foco de análise neste trabalho, não apenas no que dizia respeito ao muro físico e os desdobramentos políticos, mas também a uma série de assuntos alusivos, nos quais a palavra “muro” era facilmente empregada como se fosse uma “metáfora esclarecedora”, um dos muitos exemplos é a crônica do dia 19 de dezembro de 1989, onde um dos temas centrais é a dívida externa<sup>235</sup> do Brasil.

“O desaparecimento do muro de Berlim, considerado como um dos mais importantes do nosso século, marca o início da construção de um novo Mundo, no qual ainda falta destruir outros tantos muros, que separam os países e impedem a colaboração mundial para um

---

<sup>231</sup> *Ibidem*.

<sup>232</sup> Foi Ministro da Propaganda na Alemanha entre 1933 e 1945 durante o período que Hitler estava no poder, após o suicídio do führer (líder) ele assumiu o cargo de chanceler no mesmo dia (30.04.1945) e se suicidou no dia seguinte.

<sup>233</sup> *Ibidem*.

<sup>234</sup> *Ibidem*.

<sup>235</sup> Dívida externa é o somatório dos débitos de um país, resultantes de empréstimos e financiamentos contraídos no exterior pelo próprio governo, por empresas estatais ou privadas.

desenvolvimento harmonioso e equitativo. Falou-se, assim, nos muros invisíveis da suspeição, da dívida, dos mal-entendidos e das frustrações recíprocas. Para a América Latina e de modo específico para o Brasil, há um outro muro a destruir que é o da dívida externa”<sup>236</sup>.

Percebemos uma preocupação na fala de quem escreve, o autor, Arnaldo Wald<sup>237</sup>, mostra conhecimento técnico ao abordar os assuntos e os justifica de uma forma que vai além das paixões ideológicas, de quem seria apenas contra o socialismo mas não saberia sustentar a opinião de modo crítico e consistente. Nós, como jornalistas, apoiamos essa iniciativa, que nem sempre é feita pelos jornais, mas quando alguém que tem contribuições embasadas e comentários com informações, a população, se souber interpretar de modo crítico, sai ganhando, pois não se deixará levar apenas por suposições. “É cada dia mais evidente que a nossa economia não tem vocação autárquica e que o momento histórico, no qual vivemos, deve ensejar a abertura econômica [...]”<sup>238</sup>. Imaginamos que Wald fala de uma abertura econômica consciente, já que no período da Ditadura Militar (1964- 1985) o Brasil abriu sua economia ao capital estrangeiro e fez muitos empréstimos, cresceu, mas cresceu com bases não sólidas, pois a dívida literalmente iria ser cobrada e desde então só cresceu. Dados do Banco mundial divulgados em uma reportagem da BBC<sup>239</sup> em 13 de dezembro de 2018, explicam de forma detalhada como o país teve o chamado “milagre econômico”, mas ao mesmo tempo problemas como o aumento da desigualdade social e a hiperinflação, além da pior parte, o aumento vertiginoso da dívida externa, que foi da casa dos US\$ 3,4 bilhões em 1964 para mais de 100 bilhões de dólares em 1985, quando os militares deixaram o poder, isso representou um endividamento em relação ao PIB que foi 15,7% em 1964 para 54% em 1985. Ou seja, o Brasil teve, ainda que por pouco tempo, um período de crescimento, mas, como para isso foram necessárias medidas desordenadas e sem oposição, já que o regime era militar, o que parecia ser positivo tornou-se uma mancha na reputação do país, então o que antes se desenvolveu, no final da ditadura militar (1985), não representava mais um “porto seguro” para os investidores e já nessa época

---

<sup>236</sup> O Globo 19/12/1989, p.04.

<sup>237</sup> Advogado e então professor catedrático da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). Atualmente continua advogando em seu escritório próprio.

<sup>238</sup> *Ibidem*.

<sup>239</sup> 50 anos do AI-5: Os números por trás do 'milagre econômico' da ditadura no Brasil. Acesso em 25.07.2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45960213>

perdia para países menores e sem tantas riquezas como as encontradas nas terras brasileiras.

“Não há dúvida que, se a credibilidade de que estão começando a gozar os países do leste, já justifica novos investimentos, com muito mais razão poderão ocorrer no Brasil no momento em que inspirar confiança políticas e tiver definições econômicas claras [...]O Brasil tem condições de receber capitais, tecnologia e know-how e de utilizá-los para aumentar nossa renda per capita, modernizando simultaneamente nosso parque industrial”<sup>240</sup>.

Como já comentamos em outros momentos deste trabalho, há alguns anos os jornais tinham algumas seções bem diferentes das existentes hoje. Apesar das redes sociais terem favorecido a participação e interação popular, os filtros são muito maiores já que a liberdade e facilidade também é muito mais ampla. Ainda nessa crônica do dia 19 de dezembro de 1989, não podemos deixar de destacar um comentário na seção cartas do leitor, momento em que a opinião pessoal de alguns indivíduos era expressa no jornal. Uma delas com o título “socialismo”, o leitor diz o seguinte trecho:

“Fala-se tanto do sucesso do socialismo democrático na Europa ocidental. Por que então os socialistas foram derrotados sucessivamente nas urnas na maioria dos países democráticos, inclusive França, Portugal e Grécia”<sup>241</sup>.

Não duvidamos que sempre houve e sempre haverá filtros político-ideológicos em qualquer meio de comunicação, por essa razão tudo o que é publicado obviamente não fere os ideais do jornal, caso contrário não seria exposto. Com isso há uma suposta intenção de mostrar que na Europa o socialismo estava perdendo e que aqui no Brasil ele também não seria uma boa opção. Nesse contexto, Luis Inácio Lula da Silva (o Lula) e Fernando Collor de Mello disputaram dois dias antes da publicação desta crônica, a vaga de presidente do Brasil no segundo turno das eleições, sendo Lula do Partido dos Trabalhadores (PT), socialista e de esquerda enquanto Collor era do então Partido da Reconstrução Nacional (PRN), de direita. O vitorioso, Fernando Collor, foi amplamente apoiado pela mídia brasileira, inclusive pelo Grupo Globo, proprietário do Jornal O Globo e da TV Globo, que na ocasião foi acusada de favorecimento do candidato ao supostamente editar os “melhores momentos” do debate que antecedeu o segundo turno e foi exibido ao vivo no dia 14 de dezembro, nessa ocasião foram selecionadas as partes nas quais Collor se sobressaía e as que Lula não apresentava um desempenho tão

---

<sup>240</sup> *Ibidem.*

<sup>241</sup> *Ibidem.*

bom. No site Memória Globo<sup>242</sup>, destacam-se trechos dessa cobertura especial, inclusive sobre essas polêmicas, que foram “esclarecidas” por aqueles que cuidaram da edição do Jornal Nacional daquele dia.

“Os responsáveis pela edição do Jornal Nacional afirmaram, tempos depois, que usaram o mesmo critério de edição de uma partida de futebol, na qual são selecionados os melhores momentos de cada time. Segundo eles, o objetivo era que ficasse claro que Collor tinha sido o vencedor do debate, pois Lula realmente havia se saído mal”<sup>243</sup>.

O próprio presidente eleito, reconheceu esse favorecimento 20 anos depois das eleições e apesar da vitória ele não completou o mandato após sofrer um *impeachment*<sup>244</sup>, “O que eu percebia é que havia um receio dos meios de comunicação mais importantes é que um eventual governo comunista pudesse ter um efeito negativo sobre os meios de comunicação”<sup>245</sup>. Algo que reforça a nossa ideia de que as empresas realmente tiveram essa intenção de “evitar” que os ideais socialistas pudessem se propagar pelo país caso não filtrassem ou “moldassem” as informações que vinham da Europa, e quando usamos o verbo moldar, queremos chamar a atenção não para uma adaptação na notícia, mas sim, num enquadramento ideológico mais “interessante” aos olhos da mídia, que nesse caso estava focando nas relações capitalistas e as consequências positivas que elas teriam para o Brasil e por conseguinte, para elas mesmas.

Ainda na mesma plataforma (Memória Globo), a TV Globo emitiu a seguinte nota sobre a possível edição tendenciosa ao candidato Collor.

“O episódio provocou um inequívoco dano à imagem da TV Globo. Por isso, hoje, a emissora adota como norma não editar debates políticos; eles devem ser vistos na íntegra e ao vivo. Concluiu-se que um debate não pode ser tratado como uma partida de futebol, pois, no confronto de ideias, não há elementos objetivos comparáveis àqueles que, num jogo, permitem apontar um vencedor. Ao condensá-los, necessariamente bons e maus momentos dos candidatos ficarão fora, segundo a escolha de um editor ou um grupo de editores, e sempre haverá a possibilidade de um dos candidatos questionar a escolha dos trechos e se sentir prejudicado”<sup>246</sup>.

---

<sup>242</sup> <http://memoriaglobo.globo.com>

<sup>243</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm>. Acesso em 26.07.2019.

<sup>244</sup> Em 29.09.1992 foi aberto o processo de impeachment na Câmara dos Deputados e Collor foi afastado do governo, em 29.12.1992, o Senado se reuniu para votar o impeachment e por 76 votos a favor e 3 contra, ele foi condenado à perda do mandato e à inelegibilidade por oito anos.

<sup>245</sup> Entrevista concedida por Fernando Collor ao Portal de notícias UOL em 15.11.2009. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/especiais/eleicoes-1989/ultnot/2009/11/15/ult9005u10.jhtm>. Acesso em 26.07.2019.

<sup>246</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm>. Acesso em 26.07.2019.

Esta crônica do dia 19 de dezembro de 1989, foi a última do O Globo sobre o muro de Berlim naquele ano, a próxima viria no dia 3 de fevereiro do ano seguinte, com o título “Quem tem medo das duas Alemanhas unidas?”, é interessante observarmos esse título, ele indica muito do que vem acontecendo há muitos anos, momentos que nós já mencionamos em diversos trechos deste trabalho, pois com uma Alemanha unificada e mais forte ainda do que já era, o poderio econômico tenderia a ultrapassar as grandes economias do bloco na época (e até hoje) Reino Unido e França. A capacidade de trabalho e recuperação alemã impressiona e ainda que Berlim e Alemanha do Leste tenham sido ajudadas economicamente, a manutenção no posto de maior economia<sup>247</sup> da Europa e da União Europeia desde então chocaram e ao mesmo tempo preocuparam as nações mais interessadas no controle econômico mundial. O cronista escreve de uma forma, que concordamos, ao dizer que é inútil lutar contra e/ou opinar se acredita ou não na reunificação.

“A preocupação com a unificação alemã e de natureza vã. Em primeiro lugar porque esse é um movimento irreversível: a Alemanha se reunirá mesmo, em breves dias, e os países aliados já concordaram há muito tempo com essa reunificação, que é da natureza das coisas”<sup>248</sup>.

O autor dá um destaque para a queda do muro de Berlim como um fator preponderante para a reunificação dos países, como se ele fosse um catalisador neste processo duradouro e burocrático e com o alívio que a população sofreu após a queda do Muro, vieram ao mesmo tempo os problemas econômicos, a Alemanha Ocidental preocupava-se com o que poderia vir a gastar para estabilizar economicamente a nação e a Alemanha Oriental preocupava-se com o aquilo já tinha perdido (e continuava perdendo), o exemplo disso era o capital humano que atravessava a fronteira em busca de melhores condições de vida. “Impossível deter essa emigração, que tem por principal motivação a mais alta remuneração dos empregos e o elevado nível de vida da parte Ocidental da Alemanha”<sup>249</sup>. Dentro desse contexto da reunificação alemã, temos duas figuras de destaque, no lado soviético, o já mencionado várias vezes neste capítulo, Mikhail Gorbatchov e na Alemanha Ocidental o chanceler Helmut Kohl, que buscou de forma

---

<sup>247</sup> Segundo dados do Banco Mundial, Alemanha está no 4º lugar como maior economia mundial, Reino Unido e França ficam com 5º e 6º lugar respectivamente.

<sup>248</sup> O Globo 03/02/1989, p. 09.

<sup>249</sup> *Ibidem*.

equilibrada acelerar a “fusão” dos dois países, mas ao mesmo tempo tentando minimizar as consequências para ambos, tornando-as menos danosas possíveis.



FIGURA 26: Marco alemão oriental (Ostmark) do ano de 1975



FIGURA 27: Marco alemão (Deutsche Mark) do ano de 1989

O principal exemplo era a questão monetária, já que o *Deutsche Mark* (marco alemão) usado na RFA era mais valorizado que o *Ostmark* (marco alemão oriental) usado na RDA. Ou seja, alguém que quisesse entrar no lado leste teria que trocar os marcos alemães pelos marcos alemães orientais no câmbio de um para um, logo teria uma perda no valor que estivesse levando consigo. Kohl falava em uma “comunidade contratual” após as eleições na Alemanha Oriental, como sendo o começo das tratativas para a reunificação, e que o próximo passo seria a unificação econômica e monetária dos dois países. “O Deutsche Mark absorverá o Ostmark, e a política monetária de ambos os países será dirigida pelo Bundesbank da Alemanha Ocidental, com o apoio também em funcionários da Alemanha Oriental”<sup>250</sup>. Esse fato gerou preocupação nos alemães orientais que, se não bastassem todas as perdas que já tinham tido e o atraso pelo qual passaram, ainda teriam que se preocupar com a questão monetária no apagar das luzes da RDA.

“Com a morte da RDA anunciada, os alemães orientais fazem uma corrida desesperada às lojas para gastar o mais rapidamente possível os marcos orientais, que perderiam o valor (apesar da união monetária estar programada para primeiro de julho de 1990, ou seja, quase cinco meses à frente). Os consumidores compram de tudo, sem critério. Não importa a mercadoria, o que vale é adquirir algo em troca do dinheiro que vai evaporar”<sup>251</sup>.

Três dias após o histórico dia, O Globo publicava sua crônica sobre o tema, “À zero hora, na última quarta-feira 3 de outubro, terminaram 41 anos de divisão nacional da Alemanha, que passaram a constituir, de fato, um único país”<sup>252</sup>. Essa divisão que se

<sup>250</sup> *Ibidem*.

<sup>251</sup> MARTINS, Manoel Dirceu (2001). *Reunificação da Alemanha: o evento histórico na televisão*. 161 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de História, Direito e Serviço Social. p.60.

<sup>252</sup> O Globo 06/10/1990, p.07.

manteve por tanto tempo causou sérios problemas, por melhor dizer, um grande atraso, seja cultural, político, social e econômico<sup>253</sup> na parte oriental. E justamente por conta das diferenças econômicas e sociais entre as duas Alemanhas, o governo da parte ocidental teve o cuidado ao se resguardar das consequências que a reunificação traria, essa organização germânica chegou a ser comentada pelo cronista de modo jocoso, “[...] um livro de 243 páginas, que são fruto do perfeccionismo teutônico- cogita de tudo desde os possíveis problemas de saúde dos papagaios até a sequência correta da mudança dos avisos de sinalização”<sup>254</sup>. A RDA, até então, só pedia ajuda, mas não ajudava, e isso, claro, era algo que intensificava a preocupação dos ocidentais que temiam que o país agora unificado, perdesse a hegemonia e o poder conquistado, por outro lado os soviéticos queriam garantir algum benefício, como se quisessem uma espécie de “taxa de rescisão contratual” dos alemães.

“Do Leste só partem pedidos para crescentes apoios financeiros. O chanceler alemão, Helmut Kohl, concordou em pagar à União Soviética, no mínimo DM 18 bilhões (US\$ 11,5 bilhões) para retirar suas tropas e permitir a união alemã”<sup>255</sup>.

Quando utilizamos a metáfora da “taxa de rescisão contratual”, claramente entendemos que trata-se de uma situação que não merecia ser considerada pelos alemães, já que quando há quebra de contrato, quem rescinde paga a multa como forma de compensar uma perda e no caso da Alemanha, foi ela quem saiu perdendo durante todos esses anos, para nós, se a União Soviética saiu “perdendo”, foi porque não aprendeu a ser autossuficiente neste período da Guerra Fria, apenas explorou o potencial humano e os recursos naturais de países menores e menos desenvolvidos sem se preocupar com o que aconteceria em algum momento, a dissolução dessas nações, por isso não se sustenta, principalmente no que diz respeito à economia, e isso provavelmente tirava o sono de muitos russos. “É que os russos agora preocupam-se, principalmente, com a Alemanha, que poderá, ela só, ajuda-los a livrar-se da iminente catástrofe econômica que os ameaça”<sup>256</sup>. Se tudo isso foi e vinha sendo necessário para unir de vez a Alemanha, Helmut Kohl não duvidou ao fazer esse trabalhoso

---

<sup>253</sup> Ainda que a RDA fosse a maior potência do Leste na época, os valores do PIB e de outros indicadores econômicos eram muito menores que a RFA.

<sup>254</sup> *Ibidem.*

<sup>255</sup> *Ibidem.*

<sup>256</sup> *Ibidem.*

reordenamento político, “Veremos a força que Alemanha pode exercer pelo mundo, e, com ela, desenvolver suas potencialidades”<sup>257</sup>. Sem dúvida, esse potencial econômico e a riqueza das duas Alemanhas, mais realçado na porção ocidental ajudou a acelerar esse processo ou pelo menos viabilizá-lo de modo mais concreto, direto e menos utópico, “Não fossem, os prodigiosos índices de desenvolvimento da ex- Alemanha Ocidental, alcançados paralelamente com os avanços no campo da social-democracia, e os alemães poderiam estar ainda a boa distância da reunificação”<sup>258</sup>. Quando Kohl fala na “força alemã”, entendemos isso como uma tentativa de fazer esquecer os anos de atraso da parte oriental e que partir da reunificação haveria uma junção de forças e não mais uma competição tola, tendo em vista que os mais interessados deveriam também ser os mais beneficiados, nomeadamente o povo e não os políticos com seus interesses alheios ao bem-estar social, “[...] o país que saiu dos escombros da Segunda Guerra para os níveis atuais de grande potência sente-se na obrigação de sepultar para sempre a memória do passado agressivo”<sup>259</sup>.

Para compreender melhor o tema, basta olharmos alguns mapas que revelam dados interessantes, como por exemplo, estes sobre onde se localizam as sedes das principais empresas alemãs (à esquerda) no qual facilmente observamos que o lado ocidental concentra muito mais empresas que o lado oriental e o sobre o tamanho médio das fazendas em hectares no ano de 2010 (à direita), onde vemos que o lado leste ainda é muito mais ligado à agricultura.

---

<sup>257</sup> *Ibidem.*

<sup>258</sup> O Globo 09/10/1990, p. 06.

<sup>259</sup> *Ibidem.*



FIGURA 28: LOCALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS EMPRESAS ALEMÃS

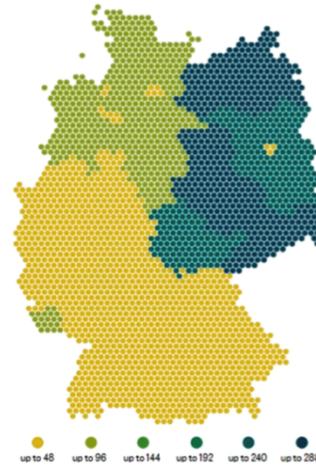


FIGURA 29: TAMANHO DAS FAZENDAS EM HECTARES NO ANO DE 2010

Mais uma vez, quem escreve a crônica passa a mensagem de que é contra o comunismo/socialismo, mais um exemplo que reforça nossa teoria, de que as empresas estavam preocupadas em reforçar os ideais liberais e que tentariam afugentar o modelo comunista, obsoleto e prejudicial para o desenvolvimento do país.

**6 • OPINIÃO** O GLOBO

## Reunificação e cooperação

**N**ÃO poderiam ser mais categóricos os compromissos assumidos pela nova Alemanha com a paz mundial. Além de todas as demonstrações que tem oferecido ao testemunho internacional de sua opção pacifista, o país que saiu dos escombros da Segunda Guerra para os níveis atuais de grande potência sente-se na obrigação de sepultar para sempre a memória do passado agressivo.

**M**AIS do que os compromissos de uma paz imobilista, a Alemanha reunificada exprime, pela voz do Chanceler Helmut Kohl, a decisão de buscar esse objetivo de forma criativa. Os inimigos se chamam agora pobreza, ignorância, subdesenvolvimento, poluição ambiental, narcotráfico, terrorismo; para o esforço do combate a todos eles, a prosperidade alemã está apta a proporcionar meios excepcionais. Não fossem, aliás, os prodigiosos índices de desenvolvimento da ex-Alemanha Ocidental, alcançados paralelamente com os avanços no campo da social-democracia, e os alemães poderiam estar

ainda a boa distância da reunificação.

**A**S fundamentais contribuições da perestroika e as pressões libertárias partidas do próprio povo da extinta RDA necessitavam, para que se completasse o quadro, do poder de atração exercido pelos sucessos políticos, econômicos e sociais separados do lado oprimido apenas pelas decadentes barreiras que tinham no Muro de Berlim a sua mais ostensiva tradução.

**A** FORÇA do exemplo democrático esmagou, sem deixar vestígios, quatro décadas de totalitarismo comunista e fez da livre passagem pelo Portão de Brandemburgo uma epopeia feérica. O que chegara a parecer inexpugnável conheceu desmoralizante e escandalosa desagregação numa fração de segundo da História. Tudo passou a dar certo, tudo fluiu sem qualquer dificuldade dramática, depois de estabelecidas as bases da integração que a nação livre soube tão bem processar.

**O** QUE cabe agora esperar da reintegração alemã é que não se esgote nas suas tarefas internas e europeias. De fato, a nova Alemanha tem compromissos, voluntariamente assumidos, fora dos interesses do clube do Primeiro Mundo. Os países em desenvolvimento não ficarão satisfeitos apenas com a contemplação dos triunfos sucessivos do processo de reunificação alemã. É lógico e justo que também queiram associar-se aos resultados do projeto, em seus aspectos econômicos e sociais.

**S**Ó existirá um novo tipo de "perigo alemão" se, mesmo pacífica, a prosperidade da nação resgatada e refeita não se irradiar do seu núcleo para as áreas menos centrais ou periféricas da comunidade internacional. Basta a introspecção do poder para torná-lo incompatível com as exigências do mundo interdependente do nosso tempo, no qual as desigualdades crônicas e agudas só continuarão suportáveis com a terapia da cooperação.

FIGURA 30: MOMENTO "OPINIÃO" DO JORNAL O GLOBO DO DIA 09/10/1990

"A força do exemplo democrático esmagou, sem deixar vestígios, quatro décadas de totalitarismo comunista e fez da livre passagem pelo Portão de Brandemburgo uma epopeia feérica"<sup>260</sup>. Nós concordamos com a opinião do autor e ao mesmo tempo como jornalistas, enfatizamos que o gênero opinativo defere o juízo de valor por parte de

<sup>260</sup> *Ibidem*.

quem escreve, sendo um componente indispensável para os editoriais, caso o contrário seriam apenas notícias sem interpretação. Uma notícia como essa lida nos dias de hoje, geraria uma série de críticas para o meio que a publicou, pois de alguma forma alguém argumentaria que o comunismo era positivo sim e que o jornalista estava errado ao pensar daquela forma. O cronista completa ainda que as outras nações não aceitariam ser ultrapassadas pela Alemanha sem uma contrapartida, ou seja, sem obter algo positivo também, já que o desenvolvimento estava ainda mais crescente no país. Algo que 30 anos depois sabemos que não aconteceu na sua totalidade, pois apesar da maioria desses países ter elevado IDH, a Alemanha tem indicadores mais elevados que Polônia, Hungria e outros do Leste europeu, sendo até hoje a grande potência da Europa e da União Europeia.

“Os países em desenvolvimento não ficarão satisfeitos apenas com a contemplação dos triunfos sucessivos do processo de reunificação alemã. É lógico e justo que também queiram associar-se aos resultados do projeto, em seus aspectos econômicos e sociais”<sup>261</sup>.

### 4.3 AS NOTÍCIAS DO O GLOBO E O MURO DE BERLIM

Desde o começo nossa intenção enquanto investigadores deste tema, foi para além de verificar nossa hipótese de pesquisa, fazer um contraste entre um grande jornal de cobertura nacional e outro menor e mais regional, assim escolhemos O Globo e o Jornal do Commercio. O modo como o assunto foi explorado fica claro quando vemos a quantidade de notícias veiculadas nos anos de 1989 e 1990, de acordo com nossa pesquisa: 91 páginas<sup>262</sup> no O Globo contra 16 no Jornal do Commercio. Isso reflete até mesmo no teor das notícias, pois um jornal maior demanda mais investimentos, como o fato de ter um correspondente *in loco*, que precisam “justificar” esses gastos por meio da produção intensa de reportagens, ao passo que um periódico de pequeno porte evita gastos com algo de menor relevância, visto que se utilizam das agências de notícias, que geralmente vendem a reportagem de maneira individual. Seguiremos a mesma estrutura do capítulo anterior, iniciando com a história do jornal, seguido da análise dos

---

<sup>261</sup> *Ibidem*, p.06.

<sup>262</sup> Quando utilizamos o termo “página”, queremos dizer que o termo “Muro de Berlim” apareceu nos recursos de busca em determinadas, podendo aparecer mais de uma vez em cada página, logo sendo possível mais de uma notícia por página.

editoriais (ou crônicas, no caso do O Globo) e posteriormente a análise das outras peças noticiosas. A primeira notícia do ano de 1989 que o jornal publicou envolvendo o Muro de Berlim foi uma inusitada fuga.

## Alemães fogem de Berlim Oriental em ultraleves

**BERLIM OCIDENTAL** — Numa operação planejada há longo tempo, um homem, cuja identidade não foi divulgada, conseguiu fugir ontem de Berlim Oriental em um ultraleve, dirigido por um amigo, e com apoio de outro aparelho pilotado por uma terceira pessoa. Os dois ultraleves, de fabricação austríaca — do tipo Fox II —, desceram em Berlim Ocidental diante do antigo prédio do Reichstag e próximo do Muro de Berlim, e foram observados pelo soldado soviético que se encontrava de sentinela no Monumento aos Mortos de Guerra (soviéticos) em Berlim Ocidental.

Suas estruturas metálicas, semelhantes às de helicópteros, recobertas com tela, foram pintadas de verde com desenhos de camuflagem e distintivos soviéticos. Esse tipo de aparelho monomotor, de dois lugares, pode voar a até 110 quilômetros por hora, e a altitude muito baixa, enganando os radares.

A Polícia de Berlim Ocidental não deu detalhes sobre a fuga, limitando-se a informar que os dois aparelhos, que ontem pela manhã se achavam diante do Reichstag, tinham sido trazidos para a cidade há duas semanas, de outra parte da Alemanha Ocidental. Mais tarde, o grupo fensor dos Di-



Policiais desmontam os ultraleves que desceram defronte do Reichstag

reitos Humanos 13 de Agosto contou que o fugitivo foi apanhado do lado comunista por um amigo, que já vivia em Berlim Ocidental. O outro aparelho acompanhou o primeiro, funcionando como uma espécie de reserva, para o caso de haver algum problema no pouso na Alemanha Oriental, no início da operação.

Os organizadores da fuga, que consideram perdidos os dois ultraleves — dois aparelhos do tipo Fox II — já que certamente serão confiscados, disseram que os gastos com a operação serão compensados em parte por meio da venda de um filme feito durante a espetacular ação.

FIGURA 31: O GLOBO- EDIÇÃO DO DIA 27/05/1989

Em maio, as tensões e protestos já faziam parte da agenda política dos países e do cotidiano das pessoas e apesar de cientes do risco de serem alvo da *Schließbefehl*<sup>263</sup> e acabarem suas vidas sendo parte das estatísticas de mortos durante esse período, alguns se arriscavam. “Um homem, cuja identidade não foi divulgada, conseguiu fugir ontem de Berlim Ocidental em um ultraleve, dirigido por um amigo e com apoio de um outro aparelho pilotado por uma terceira pessoa”<sup>264</sup>. O mais curioso e até engraçado, por mais que a situação seja grave a ponto de alguém precisar fugir assim do próprio país, é imaginar a seguinte cena, “foram observados pelo soldado soviético que se encontrava de sentinela”<sup>265</sup>, esse é um exemplo de como a necessidade ou a agonia podem fazer o ser humano usar de toda sua inteligência e engenhosidade para sair de situações extremas, “Suas estruturas metálicas, semelhantes às de helicópteros, recobertas por tela, foram pintadas de verde, com desenhos de camuflagem e distintivos soviéticos”<sup>266</sup>. Notícias como essa reforçavam a necessidade de romper com esse sistema obsoleto e também alimentavam o imaginário dos Estados Unidos que

<sup>263</sup> “Ordem de atirar” em alemão. Os soldados tinham ordem para atirar em todos que tentassem cruzar a fronteira.

<sup>264</sup> O Globo 27/05/1989, p. 18.

<sup>265</sup> Ibidem.

<sup>266</sup> Ibidem.

tentariam a todo custo provar que, o que muitos achavam utopia, seria possível, leia-se reunificar a Alemanha e varrer o comunismo, “O Presidente dos EUA, George Bush, desafiou ontem a URSS a derrubar o Muro de Berlim a fim de acabar com a guerra fria e por fim à trágica divisão da Europa”<sup>267</sup>, entretanto em junho o estresse era constante e nesse período os soviéticos não acreditavam na derrota dos ideais que sustentavam nem pareciam estar dispostos a ceder, “O Kremlin já respondeu que o muro permanecerá”<sup>268</sup>, os EUA insistiam: “O mundo já esperou demais, Chegou o momento”<sup>269</sup>, Nós em alguns momentos deste trabalho já defendemos a ideia de que realmente o comunismo não trouxe nada de positivo para as nações que de modo compulsório serviram de “cobaia” para a aplicação das ideias egoístas dos governantes, por isso o muro acabou sendo apenas parte de uma história que todos querem esquecer, quer sejam os que sofreram por ele, quer sejam os que investiram cifras expressivas para conter o que em 1989 seria incontível, “Esse muro se ergue como um monumento ao fracasso do comunismo. Deve ser derrubado!”<sup>270</sup>. Ninguém poderia imaginar, mas 15 dias depois uma notícia iria reiterar esse desejo de Bush, “O Presidente soviético Mikhail Gorbatchov disse ontem que o muro de Berlim será demolido, quando houver condições para isso”<sup>271</sup>, com essa manifestação o líder da URSS já demonstrava uma flexibilidade que incomodava os comunistas, era a sensatez prevalecendo, tomando o espaço das decisões oligárquicas e autoritárias que não eram favoráveis ao sonhado mundo globalizado e de paz, entretanto Gorbatchov completa “[...] há outros problemas tão ou mais importantes a serem resolvidos na Europa”<sup>272</sup>, apesar desse tom usado para suavizar a “crítica subliminar”<sup>273</sup> ao comunismo e as suas consequências até então, ele se mostrava totalmente aberto à uma nova realidade europeia e para o desejo de união, “Nada é eterno no mundo, e o muro poderá desaparecer, uma vez que deixem de existir as condições que criaram a necessidade de construí-lo”<sup>274</sup> e num contexto de guerra, qualquer sinal de comprometimento em não atacar era bem visto,

---

<sup>267</sup> *O Globo* 01/06/1989, p. 18.

<sup>268</sup> *Ibidem*.

<sup>269</sup> *Ibidem*.

<sup>270</sup> *Ibidem*.

<sup>271</sup> *O Globo* 16/06/1989, p. 15.

<sup>272</sup> *Ibidem*.

<sup>273</sup> Ao dizer que o muro teria que ser derrubado, ele estaria desagradando seus colegas socialistas que compactuavam com a manutenção do muro e do sistema vigente.

<sup>274</sup> *Ibidem*.

“[...] podemos desde já saudar a disposição desses dois países no sentido de que em solo alemão volte a surgir uma guerra”<sup>275</sup>.

Paulatinamente, o comunismo ia se enfraquecendo e mais difícil seria retomar a força de outrora, a Hungria foi um dos países que primeiro tomou atitudes para devolver a liberdade ao povo alemão, quando destruiu a cerca entre a fronteira com a Áustria, decisão que claramente seria louvada pelos norte-americanos, que continuariam a estimular as nações por meio de elogios e parcerias, para que seguissem o exemplo húngaro e acelerassem o processo, “Depois de aplaudir a abertura húngara para a economia de mercado e a decisão de realizar eleições livres em 1990, Bush ofereceu uma “associação com os EUA para impulsionar as reformas húngaras”<sup>276</sup>, ele completa enaltecendo o esforço para por em prática as mudanças, “O desafio que este país está empreendendo é enorme e histórico: conseguir estruturar mudanças políticas e uma economia descentralizada sobre as ruínas do fracassado sistema stalinista”<sup>277</sup>. Essa abertura húngara, tanto econômica quanto política e também geográfica, alimentou o sonho, até então distante dos alemães.

Domingo, 13 de agosto de 1989

O GLOBO

O MUNDO • 35

## Alemanha Oriental: 1,5 milhão querem sair

HAMBURGO, Alemanha Ocidental — Cerca de 1,5 milhão de alemães-orientais querem ir para o Ocidente, informou ontem o jornal alemão-ocidental “Welt am Sonntag”, baseando-se em um relatório confidencial do serviço secreto da Alemanha Ocidental. Hoje se completam 29 anos da construção do Muro de Berlim, e ontem as autoridades alemães-orientais disseram que ele não será derrubado, pois continuam a existir as razões pelas quais foi erguido.

De fato, o Governo da Alemanha Oriental, país de 16,6 milhões de habitantes, está diante de uma situação muito semelhante à de 1961: centenas de alemães-orientais tentam fugir, e milhares pressionam para conseguir partir. Desde o início do ano, houve 50 mil fugas e foram recebidos entre 600 mil e um milhão de pedidos de saída do país. Na representação de Bonn em Berlim Oriental há 131 alemães-orientais, e na Embaixada alemã-ocidental em Budapeste outros 158,

enquanto diariamente se informa sobre fugas pelas fronteiras entre as duas Alemanhas, e entre a Alemanha Oriental e a Hungria.

Nas margens do Rio Spree, na fronteira entre as duas Alemanhas, foram colocadas escadas semelhantes às de piscinas, para facilitar as fugas dos alemães-orientais, depois de um dos fugitivos, exausto após cruzar o rio a nado, morrer afogado por não conseguir escalar as escarpadas margens.

Desde princípio do ano, 800 alemães-orientais foram detidos pela Polícia húngara, quando tentavam atravessar a fronteira com a Áustria. Um funcionário da Alfândega húngara na localidade fronteiriça de Sopron disse que só nos dez primeiros dias deste mês foram presos 120 pessoas. A maioria atravessa a fronteira em carros em alta velocidade, pois os guardas não têm permissão para atrair.

De acordo com o Ministério do Interior da Hungria, as pessoas que

são interceptadas na fronteira, procurando escapar, recebem uma advertência, se for sua primeira tentativa. No caso de serem de novo apanhadas, um selo especial é colado em seus passaportes. Se houver uma terceira vez, o detido é simplesmente expulso do território húngaro. O êxodo de alemães-orientais pela Hungria aumentou mais ainda nos últimos meses, quando esse país acabou com as barreiras de arame far-

pado e sistemas de segurança na fronteira com a Áustria. Para o regime comunista da Alemanha Oriental, as fugas em massa são apenas “o resultado da pressão política, ideológica e econômica” exercida pelo Ocidente contra os países socialistas, disse ontem o jornal “Neue Deutschland”, a propósito do aniversário do Muro. Segundo o jornal oficial, continuam a ocorrer tais “agressões”, que levaram à construção do Muro para “proteção” da Alemanha Oriental.

FIGURA 32: O GLOBO- EDIÇÃO DO DIA 13/08/1989

Se não bastassem os números expressivos de pessoas que já haviam fugido, “Desde o início do ano, houve 50 mil fugas e foram recebidos entre 600 mil e um milhão de pedidos de saída do país”<sup>278</sup>, a quantidade de desejosos por um futuro melhor no lado oeste era grande, “cerca de 1,5 milhão de alemães orientais querem ir para o Ocidente, informou ontem o jornal alemão “Welt am Sonntag”<sup>279</sup>. A pluralidade em relação ao

<sup>275</sup> *Ibidem*.

<sup>276</sup> *O Globo* 13/07/1989, p. 21.

<sup>277</sup> *Ibidem*.

<sup>278</sup> *O Globo* 13/08/1989, p.35.

<sup>279</sup> *Ibidem*.

muro de Berlim continuava forte, Bush afirmando que ele precisaria ser derrubado e Gorbatchov condicionando a abertura como dependente da resolução de outros problemas, e os chefes do poder alemão-oriental. O líder soviético tivera, dois meses antes, um discurso mais flexível quanto a derrubada do muro, entretanto em pleno aniversário de 28 anos do muro, “autoridades alemães-orientais disseram que ele não será derrubado, pois continuam a existir as razões pelas quais foi erguido”<sup>280</sup>. E se pensarmos nas razões negativas, elas realmente ainda existiam mesmo com a pressão dos EUA, a força popular e o sofrimento de muitos, como no momento da superlotação da Embaixada da Alemanha Ocidental em Budapeste, “Por estar com sua capacidade de receber pessoas absolutamente esgotada, a Embaixada [...] será fechada ao público a partir de hoje e permanecerá nessa situação até novo aviso”<sup>281</sup> e com esse episódio, mais uma vez os EUA pedem ajuda para que o processo de reunificação seja acelerado, “O Presidente George Bush fez ontem, dia em que a construção do Muro de Berlim completou 28 anos, um apelo à União Soviética para que colabore na reunificação da Alemanha”<sup>282</sup>. Ainda que com o passar do tempo as tensões “ajudassem” a montar aquele que seria o cenário do futuro, nem os países nem os cidadãos estavam livres dos percalços e da constante ameaça de pobreza que assolava os moradores não apenas da Alemanha Oriental, mas também dos outros países do leste.

“Cerca de um milhão de pessoas deverão deixar este ano os países europeus do bloco comunista, num êxodo classificado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) como o mais intenso desde a Segunda Guerra Mundial”<sup>283</sup>.

A Hungria, em maio começou a destruir a cerca na fronteira com a Áustria, gerando um mal-estar com o governo da Alemanha Oriental, depois de indas e vindas no que dizia respeito à permissão de deixar ou não os refugiados livres, outras instituições, também intervieram, “Embora um acordo bilateral obrigue a Hungria a repatriar os refugiados, líderes das igrejas cristãs húngaras pediram ao Governo do Primeiro-Ministro Miklos Nemeth que permita aos alemães tomar os destinos desejados”<sup>284</sup>. E os pedidos foram rapidamente aceitos por Budapeste.

---

<sup>280</sup> *Ibidem*.

<sup>281</sup> *O Globo* 14/08/1989, p.11.

<sup>282</sup> *Ibidem*.

<sup>283</sup> *O Globo* 10/09/1989, p.34.

<sup>284</sup> *Ibidem*.

“O Governo húngaro abriu suas fronteiras a partir da meia-noite de ontem, permitindo assim que qualquer um dos milhares de alemães-orientais refugiados no país emigre para o Ocidente. Imediatamente cerca de sete mil pessoas iniciaram o maciço êxodo, considerado o mais intenso da Alemanha Oriental desde a construção do Muro de Berlim em 1961”<sup>285</sup>.

Ninguém poderia imaginar que o acordo (supracitado) viesse a ser rompido em tão breve tempo, entretanto a atitude húngara, sem dúvida, foi a de um país que não poderia arcar com as consequências que o número elevado de pessoas sem emprego, sem dinheiro e sem moradia e que também estava buscando um novo caminho social, como elogiou o então ministro do exterior alemão ocidental, Hans Genscher, “ O gesto é um claro exemplo das novas ideias que começam a ser postas em países do Pacto de Varsóvia”<sup>286</sup>. Inimaginável também foi a estrutura logística que a Alemanha Ocidental disponibilizou para levar os cidadãos para território alemão (do oeste), “Além dos carros particulares, os refugiados contarão com trens capazes de transportar até 2.730 pessoas a cada duas horas”<sup>287</sup>.

A Hungria parecia mesmo ser a “ovelha negra” do Pacto de Varsóvia<sup>288</sup>, já que após o feito de liberar sua fronteira com a Áustria, recebeu apoio apenas da Polônia, a única nação participante da aliança, as outras expressaram indignação e surpresa, sem entender o porquê daquilo que consideram uma “traição” aos protocolos já firmados anteriormente. “Os países do Pacto de Varsóvia estão manifestando solidariedade à Alemanha Oriental e criticando a Hungria por ter facilitado o êxodo de alemães do leste para a Alemanha Ocidental”<sup>289</sup>, enquanto isso, jornais comunistas atacam a atitude húngara numa tentativa de “criminalizar” uma possível aliança com os EUA, “Correm dólares para os bolsos dos reformistas, que são amigos dos capitalistas”<sup>290</sup> e mesmo com as pressões dos países socialistas, o governo da Hungria não cedeu e enfatizou, “que manterá a fronteira com a Áustria aberta até o próximo dia 7 de outubro”<sup>291</sup>.

---

<sup>285</sup> *O Globo* 11/09/1989, p.34.

<sup>286</sup> *Ibidem*.

<sup>287</sup> *Ibidem*.

<sup>288</sup> Aliança militar formada em 14 de maio de 1955 pelos países socialistas do Leste Europeu e pela URSS, o tratado recebeu esse nome pois foi assinado em Varsóvia. O objetivo era estabelecer um compromisso de ajuda mútua em caso de agressões militares, assim como os países ocidentais fizeram por meio da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

<sup>289</sup> *O Globo* 14/09/1989, p.18.

<sup>290</sup> *Ibidem*.

<sup>291</sup> *Ibidem*.

A antes poderosa URSS já começava a temer pelo seu enfraquecimento, era uma situação límpida e indubitável para todos, já que nem a população sofrida nem os países que começavam a se rebelar, faziam questão de esconder a pressão, até pouco tempo impensável devido às retaliações e até prisão de quem se manifestava, “Moscou está alarmada com os acontecimentos na Alemanha Oriental, que aliados à intrangisência do governante Partido Socialista Unificado (comunista) e à insatisfação popular, podem levar “a manifestações de massa dificilmente controláveis, o mais tardar na primavera do próximo ano (março)”<sup>292</sup>. O receio de manifestações “primaveris” acabou se tornando uma realidade invernal, já que o agravamento das manifestações e a queda do Muro se deram antes da virada do ano, ainda em novembro.

Apesar da Alemanha Oriental estar sob o domínio socialista e de Berlim Leste ter sido dividida em 4 zonas de influência, sendo uma delas sob o controle soviético, os governantes pareciam querer se afastar cada vez mais da URSS, que na altura adotava uma postura mais flexível em suas agendas político-econômicas, ao passar pelas reformas sociais de Gorbachov (Glasnost e Perestroika), era um sinal claro da intrangisência e, na nossa opinião, da total falta de interesse em salvaguardar o direito ao bem-estar social dos cidadãos, “Além de ter reduzido ao mínimo às consultas a Moscou, Berlim Oriental já rejeitou vigorosamente as sugestões do Kremlin para que promova reformas similares às realizadas na URSS”<sup>293</sup>.

O critério que adotamos para buscar as notícias para as análises feitas neste trabalho foi através de palavras-chave com o termo “Muro de Berlim”, entretanto em algumas páginas dos jornais, encontramos mais de uma informação relevante sobre o tema, ainda que a manchete e/ou o teor não contenha exatamente essas palavras. Ainda no dia 16 de setembro de 1989, outras notícias ocupam espaços de destaque na página do jornal e estão próximas umas das outras pelo critério de pertinência e relevância, ou seja, elas se complementam pois tratam do mesmo plano de fundo URSS e a crise migratória em Berlim Oriental e na RDA como um todo, “Enquanto alemães-orientais

---

<sup>292</sup> *O Globo* 16/09/1989, p.20. Título da manchete: URSS teme rebelião na Alemanha Oriental.

<sup>293</sup> *Ibidem*.

continuam passando por esta cidade da fronteira (Passau), o jornal local publicou um suplemento com mais de quatro mil ofertas de emprego, muitas delas incluindo apartamento ou quarto”<sup>294</sup>, essa valorização só era possível também pelo fato de que a Alemanha Ocidental, capitalista, já gozava de mais desenvolvimento do que sua vizinha RDA, pois além de ter tido mais apoio para se reestruturar após a Segunda Guerra, tinha uma população superior graças, em parte, às fugas anteriores ao Muro, “As qualificações dos fugitivos estão atraindo empregadores de toda a Alemanha Ocidental para os acampamentos de refugiados”, os números dispensam legenda, “De 1948 a 1961, quando o Muro foi construído, 12 milhões de alemães passaram para o Ocidente”<sup>295</sup>. A URSS, já ciente da perda gradativa do poder perante as nações que a integravam, começou a mostrar seu apoio em uma tentativa, talvez, de suavizar uma ruptura, “Em reunião com dirigentes da Estônia, Letônia e Lituânia, o presidente da URSS, Mikhail Gorbatchov prometeu real soberania às três repúblicas bálticas, com a preservação da federação”<sup>296</sup>. Evidente que o líder soviético queria garantir o que restava da estabilidade da URSS enquanto potência global, já que quanto mais nações compusessem a URSS, mais forte ela seria, além disso, ter o apoio para as suas reformas, principalmente para a *perestroika*<sup>297</sup>, seria vital para a retomada do crescimento no país. Por outro lado, as tensões entre os países do Pacto de Varsóvia, as manifestações de cunho nacionalista em vários países e principalmente o êxodo dos alemães-orientais para o ocidente, reforçavam nos países a ideia de que desintegrar da URSS poderia ser penoso, mas seguir um destino independente poderia ser melhor do que contar com o apoio de uma “gigante desidratada”. A situação não era nada favorável, até quem antes demonstrava insistência na resolução dos conflitos, acabou abrindo mão, deixando para o líder soviético escolher sozinho os rumos que deveria seguir para poder salvar a URSS da crise, “Funcionários do governo americano estão cada vez mais temerosos de que o presidente Mikhail Gorbatchov, seja vencido pelos problemas que está enfrentando, mas acreditam que Washington quase nada poder fazer para ajudá-lo”<sup>298</sup>. Nós, depois

---

<sup>294</sup> *O Globo* 16/09/1989, p.20. Título da manchete: Fugitivos já têm emprego e moradia.

<sup>295</sup> *Ibidem*.

<sup>296</sup> *O Globo* 16/09/1989, p.20. Título da manchete: Moscou promete soberania às Repúblicas do Báltico.

<sup>297</sup> Reestruturação em russo, juntamente com a Glasnost (transparência) foi uma das medidas implementadas por Mikhail Gorbatchov para a recuperação e desenvolvimento da URSS.

<sup>298</sup> *O Globo* 16/09/1989, p.20. Título da manchete: EUA observam, mas sem interferir.

de analisarmos muitas notícias similares sobre o tema, acreditamos que na verdade os EUA estavam negligenciando a situação, como retaliação a todas as problemáticas causadas durante o período da Guerra Fria e talvez por não quererem que aconteça com a URSS o mesmo caso da Alemanha (até então, nos referimos à porção ocidental), que acabou assustando as grandes nações europeias com seu desenvolvimento, dessa forma continuariam como a grande potência mundial (e desde então a com o maior PIB do mundo).

Depois de muitas críticas para os alemães-orientais que estavam em fuga e para a Alemanha Ocidental que os estava ajudando, A RDA autorizou a liberação de imigrantes que estavam refugiados em embaixadas na então Tchecoslováquia e na Polônia, apesar da atitude, o fato não foi do agrado dos dirigentes orientais, “O governo [...] classificou os refugiados de “traidores da pátria”, e disse que entre eles há um grande número de “inúteis, irresponsáveis e criminosos”<sup>299</sup>. Mesmo com as duras críticas, esse afrouxamento nas duras leis poderia ser uma tentativa de “limpar” a imagem negativa que o país construiu em todos esses anos.

“Observadores ocidentais acreditam, entretanto que o verdadeiro motivo da autorização tenha sido a intenção de criar uma imagem mais positiva no Ocidente, às vésperas do quadragésimo aniversário da criação do país, no próximo dia 7”<sup>300</sup>.

A oferta de empregos no ocidente estava começando a ficar mais escassa, até porque a maioria dos imigrantes orientais queriam viver nas cidades grandes, símbolo do famigerado e tão sonhado capitalismo, “Com 8% de desemprego e uma carência enorme de moradias, a maior parte das cidades alemãs pouco podem oferecer aos fugitivos; uma cama ao lado de outras ou um container, uma espécie de barraco”<sup>301</sup>. Nos chama muito atenção o fato da enviada especial, Graça Magalhães-Ruether, comparar o tipo de moradia na Alemanha com as favelas, algo que mesmo após 30 anos continua sendo parte do imaginário de muitas pessoas que não conhecem a realidade do brasileira e tendem a generalizá-la, “Embora mais confortáveis que os barracos das favelas brasileiras, essas moradias improvisadas em containers são piores que as casas

---

<sup>299</sup> *O Globo* 02/10/1989, p.12.

<sup>300</sup> *Ibidem*.

<sup>301</sup> *O Globo* 08/10/1989, p.32.

e os apartamentos que tinham na RDA”<sup>302</sup>. Naquele momento a situação parecia piorar para ambas as Alemanhas, a que recebia os fugitivos (ocidental) já não conseguia dar vazão às necessidades do que chegavam e a oriental sofria com a falta de mão de obra, “A fuga em massa deste ano- até o final de setembro vieram 130 mil pessoas para o Ocidente- causou profundas feridas”<sup>303</sup>, e mesmo com a falta de esperança, ainda houve quem levasse a situação de maneira cômica, “os mais jovens contam a piada da temporada: o novo feriado do país é o “dia dos que ficaram”<sup>304</sup>.

Assim como os países socialistas que já tinham deixado de “pedir permissão” da URSS, buscando independência social e também política através da tentativa de se desassociarem do Partido Comunista da URSS (PCUS), os cidadãos da Alemanha Oriental queriam fazer o mesmo, mesmo com o fato do pluripartidarismo ser proibido no país, “Um grupo de dissidentes alemães-orientais no qual figuram vários pastores protestantes e sacerdotes católicos, formou sábado um partido social-democrata (SPD) [...]”<sup>305</sup>, seria difícil imaginar este cenário de terror psicológico (e físico) que a população sofria sob o controle de Erich Honecker, então presidente da RDA, sendo apaziguado ou completamente renovado, entretanto foi o que aconteceu depois das manifestações, “Reagindo às pressões internas, à fuga em massa para o Ocidente e às críticas de Moscou, [...] Erich Honecker pediu demissão de todos os seus cargos”<sup>306</sup>, na época ele já estava doente (de câncer), vindo a falecer anos depois em 1994. Egon Krenz, o sucessor não poderia ter assumido em pior hora, já que o caos estava instalado e a situação nos países limítrofes já tendia a uma flexibilidade irreversível.

“[...] o principal problema de Honecker continuará existindo na era Krenz. Uma União Soviética, uma Polônia ou uma Hungria podem fazer reformas, renunciarem ao comunismo e continuarem sendo como nação, o que são. No caso da RDA, o comunismo é a condição de existência, porque sem ele deixa de haver o motivo de divisão do país”<sup>307</sup>.

Já muito tardiamente, os dirigentes da Alemanha Oriental buscaram “afrouxar” os cintos que tolham a população, “[...] chegaram à conclusão de que é melhor abrir um

---

<sup>302</sup> *Ibidem.*

<sup>303</sup> *Ibidem.*

<sup>304</sup> *Ibidem.*

<sup>305</sup> *O Globo* 09/10/1989, p.15.

<sup>306</sup> *O Globo* 19/10/1989, p.17.

<sup>307</sup> *Ibidem.*

pouco agora do que enfrentar uma rebelião em plena época da perestroika”<sup>308</sup>. Uma das atitudes foi o “perdão” dos imigrantes que deixaram o país em busca de melhores condições de vida, “Todos os alemães-orientais que fugiram desde a criação do muro de Berlim, assim como aqueles que foram capturados enquanto tentavam fugir, foram anistiados ontem pelo Governo da Alemanha Oriental”<sup>309</sup>. Colocamos a palavra perdão entre aspas, pois acreditamos que, na verdade, as pessoas é que teriam o direito de perdoar ou não seus governantes pelo horros que sofreram, e que o fato da anistia não deveria ser elogiado, apenas seguido, já que não havia motivos para comemorar um fato tão extremo como esse, fugir do próprio país buscando uma vida melhor, principalmente se pensarmos naqueles que foram mortos ao tentar fugir e que não terão suas vidas de volta. Dentro do mesmo espaço da notícia, uma nota foi colocada mencionando que Egon Krenz iria visitar Moscou e conversar com Gorbatchov, uma clara mudança de ponto de vista da RDA, ao aceitar uma conversa com a URSS, algo até então ignorado por Honecker.

As mudanças continuavam, numa espécie de concretização e reordenamento geopolítico que estavam “em fogo lento” desde os mais distantes anos ainda após a construção do muro de Berlim. No final de outubro, precisamente no dia 29, um texto nos chama a atenção pelo teor histórico e pela emoção, que acabam por ter duas funcionalidades, a de informar, mas também a de convencer quem ainda tinha um sonho socialista/comunista que não deu certo, “A Hungria voltou à vida. Saiu da hibernação em que estava com todo o mundo soviético. Deu por encerrada a “ditadura do proletariado”. Democratizou-se, abriu-se ao mundo”<sup>310</sup>, é interessante observar o modo mais “afetivo” com o qual o autor escreve, usando a expressão “A Hungria nasceu” ou similares, deixando claro que o que passou antes nem merecia ser contado e que naquele momento o país, que já era uma nação estava realmente começando sua vida, o autor completa a ideia ao mostrar-se surpreso com o fato de alguém ter alguma vez acreditado nesse sistema, “[...] me indago ainda perplexo: como é que pôde passar pela cabeça de alguns intelectuais (e passou!) a ideia de que o regime ideal era uma

---

<sup>308</sup> *Ibidem.*

<sup>309</sup> *O Globo* 28/10/1989, p.19.

<sup>310</sup> *O Globo* 29/10/1989, p.03.

“ditadura”<sup>311</sup>, esse texto pode ser interpretado como uma coincidência, ou seja, como se a presença dele fosse inevitável na edição daquele dia, no entanto, entendemos que o seu uso pode muito bem servir de aviso ou de reforço para convencer quem ainda não tinha se dado conta da situação que o Brasil vinha passando, por mais que nesta altura os militares não estivessem mais no poder, muitos eram os saudosos do regime, que na verdade foi ruim para o país. O autor continua numa possível tentativa de mostrar a passividade de muitas pessoas, “Acostumamo-nos a achar que a Europa era um continente que ia de Portugal até o muro de Berlim; o resto era insondável”<sup>312</sup> e finaliza o texto com uma comparação entre a realidade húngara e a brasileira.

“Tiro os olhos da Hungria e considero o Brasil. É um país estranho. Vive se prometendo que vai nascer e virar uma pessoa grande na História. Os requisitos fundamentais não lhe faltam. Temos até o indispensável- a liberdade. [...] E para essas próximas eleições, os candidatos e o povo esperam que, de novo, o Brasil se reinaugure”<sup>313</sup>.

Como já mostramos em análises de outras notícias supracitadas, a chegada de Egon Krenz à liderança da RDA deu certa suavidade ao rigor da era Honecker, até porque ele não estava em situação muito privilegiada para poder decidir, realmente o melhor era equilibrar ao invés de usar “mãos de ferro”, após reunião com Gorbachov, afirmou que “pretende aplicar na Alemanha Oriental as reformas promovidas pelo líder soviético”<sup>314</sup> e já prevendo possíveis comentários duvidosos por parte da imprensa a respeito de seu abraço com o líder russo, ele reiterou, “não foi um gesto simbólico”, mas sim a comprovação de que ambos “chegaram a uma plena coincidência de opiniões”<sup>315</sup>. Apesar dessa tentativa de se mostrar benevolente, compreensivo e disposto, as opiniões de Krenz não eram condizentes com as atitudes e também com outros momentos de declarações claramente contrárias à mudança do sistema, como por exemplo quando disse que os alemães buscavam um “socialismo melhorado”, o que claramente era impraticável, já que o povo queria era esquecer que um dia houve ali qualquer rastro de socialismo. Outro momento foi sobre a situação do muro, que na verdade começaria a ser derrubado uma semana após a publicação dessa reportagem, “Finalmente, qualificou de “questão ilusória” a derrubada do Muro de Berlim, frisando que se trata

---

<sup>311</sup> *Ibidem.*

<sup>312</sup> *Ibidem.*

<sup>313</sup> *Ibidem.*

<sup>314</sup> *O Globo* 02/11/1989, p.19

<sup>315</sup> *Ibidem.*

de uma “fronteira entre dois blocos políticos-militares”<sup>316</sup>. As incongruências na fala de Krenz continuam, já que a ideia de Moscou era realmente mudar a conjuntura política, inclusive com o apoio à volta de uma Alemanha unificada, algo que o líder da RDA negava com veemência.

“Krenz também rejeitou a ideia de uma reunificação alemã, mas se manifestou favorável à existência de boas relações entre os dois Estados alemães, frisando, entretanto, que o capitalismo e socialismo jamais puderam conviver na Alemanha”<sup>317</sup>.

O tempo verbal usado (passado) nos faz pensar na intenção de Egon Krenz, em subliminarmente empregar o futuro (poderão) ao reforçar a ideia de que “nem no passado nem no futuro isso será possível”, algo que a História viria a desmentir dias depois, por meio de vários personagens. Um deles, aquela que pode ser considerada uma das figuras decisivas para a *Deutsche Wiedervereinigung*<sup>318</sup>, o chanceler da RFA, Helmut Kohl “[...] anunciou seu otimismo em relação a uma reunificação, em breve, enfatizando que apenas na própria Europa o assunto poderá ser resolvido”<sup>319</sup>. Os ocidentais compactuavam com a opinião de Kohl “Recente pesquisa mostrou que a maioria dos alemães-ocidentais concorda com essa opinião do Chefe de Governo: 80% dos entrevistados se disseram favoráveis à reunificação” e diferente do que disse Krenz, os orientais não queriam um socialismo organizado, mas sim um país livre, e o fato de não acreditarem nessa mudança a curto/ médio prazo não significa que não a queiram, “[...] em outubro de 1987, pouco depois da visita de Erich Honecker a Bonn, 75% dos alemães-orientais se mostraram céticos quanto à uma reunificação a médio prazo”<sup>320</sup>. As supresas se davam dia após dia, sendo como uma novela da qual não se sabe o que esperar para o capítulo seguinte. Mesmo depois de ter negado uma iminente abertura do Muro de Berlim, Egon Krenz tomou uma atitude poderia ser vista como o início de um novo tempo, uma esperança para os milhares de cidadãos ansiosos pelo futuro, trata-se da abertura da fronteira com a Tchecoslováquia (atual República Tcheca).

“Uma das fontes, comentando a decisão do novo Secretário Geral do PC alemão-oriental, Egon Krenz, disse: O muro é absolutamente desnecessário agora. Parece uma piada sem graça. Se as pessoas podem ir para o Ocidente pela Tchecoslováquia, para que emparedá-las aqui?”<sup>321</sup>.

---

<sup>316</sup> *Ibidem*.

<sup>317</sup> *Ibidem*.

<sup>318</sup> Termo em alemão para Reunificação da Alemanha

<sup>319</sup> *O Globo* 06/11/1989, p.14.

<sup>320</sup> *Ibidem*.

<sup>321</sup> *Ibidem*.

Dentro desta notícia há uma nota enfatizando de que essa decisão (a da abertura com a fronteira tcheca) pode ser apenas temporária enquanto uma nova lei de viagens não fosse anunciada naquele mesmo dia (06/11/1989). Entretanto o anúncio foi feito dias depois em 9 de novembro, fatídico dia (do início) da queda do Muro de Berlim. Isso mostra como a ideia de Krenz sobre as intenções dos cidadãos orientais estava completamente equivocada, se eles estivessem mesmo satisfeitos com o país e/ou estivessem esperançosos por um um “novo socialismo”, por que iriam fugir? ainda que não tivessem garantias. No próximo dia 9 de novembro, o inevitável acabou acontecendo.

“As autoridades da Alemanha Oriental, decidiram ontem abrir os postos fronteiriços com a Alemanha Ocidental, inclusive em Berlim, para que os alemães-orientais que queiram deixar seu país possam fazê-lo livre e diretamente. A decisão significa, na prática, o fim do Muro de Berlim”<sup>322</sup>.

Mais uma vez vemos um caso onde o jornalista acaba expressando a própria opinião, como vemos no seguinte trecho, “A sensacional notícia foi divulgada por Gunther Schabowski”<sup>323</sup>, oficialmente, isso não é recomendado no jornalismo, pois a função de quem escreve a notícia é ser imparcial, as interpretações ficam a cargo do leitor e tão somente do leitor. Há na grande mídia um techo de uma repórter perguntando dele a partir de quando essa liberação seria feita, ele (Schabowski) não titubiu e disse “Ab sofort”<sup>324</sup>.

“Duas horas e meia depois do anúncio de abertura das fronteiras, dezenas de alemães orientais cruzaram ontem à noite o Muro de Berlim, em direção ao lado ocidental, sem enfrentar qualquer problema burocrático, disseram várias testemunhas”<sup>325</sup>.

Ainda na mesma página, o jornal traz uma crônica com o título “Um monumento ao ódio e à intrangisência, fazendo um grande resumo com fortes críticas ao famoso “Muro da vergonha”, como era chamado por muito o Muro de Berlim.

---

<sup>322</sup> *O Globo* 10/11/1989, p.18.

<sup>323</sup> *Ibidem*.

<sup>324</sup> “a partir de agora/ imediatamente” em alemão

<sup>325</sup> *Ibidem*.

## Um monumento ao ódio e à intransigência



FIGURA 33: O GLOBO- EDIÇÃO DO DIA 11/11/1989- UM DIA APÓS O ANÚNCIO DE ABERTURA DAS FRONTEIRAS ENTRE BERLIM OCIDENTAL E ORIENTAL E AS ALEMANHAS

A notícia foi recebida pelas multidões nas ruas numa mistura de sentimentos, emoção, alegria e em um pouco de incredulidade em algo tão sonhado.

“Milhares de pessoas com garrafas de champanha, cantando e dançando, atravessaram ontem à noite para comemorar a decisão de liberar as fronteiras. Muita gente chegou a subir no Muro, abraçando-se, beijando-se e gritando de alegria. “É uma loucura”, gritava um jovem depois de fazer com os pais uma viagem até então impensável”<sup>326</sup>.

O fato também era inacreditável para os policiais que durante longos anos agiram como cães ferozes para proteger os interesses da RDA, por isso a dificuldade em acatar a decisão, por mais que tenha sido oficial, “Minutos depois de o Governo anunciar a liberação do êxodo, cerca de 300 pessoas apareceram com carteira de identidade para a esperada travessia. Policiais, relutantes, não queriam deixá-los passar. “Só queremos passar e dar uma olhada”, suplicou um homem. “Temos que trabalhar amanhã. Vamos lá tomar uma cerveja e logo voltaremos”, disse uma mulher. Os guardas então cederam, sob aplausos da multidão”<sup>327</sup>.

A liberação das fronteiras parecia ser a esperança que muitos precisavam de que a partir de então, teriam motivos para crer que tudo seria diferente, seja a postura com o qual seriam tratados pelos governantes, seja o acesso a bens de consumo considerados básicos na parte oeste, seja pela sonhada liberdade de ir e vir e é claro tudo isso somado ao desenvolvimento que estaria mais garantido com uma futura reunificação e adoção integral do capitalismo dentro do território alemão unificado. A vontade popular

<sup>326</sup> *Ibidem*.

<sup>327</sup> *Ibidem*.

em eliminar de uma vez por todas os resquícios da repressão e do muro era grande, exemplo disso é que no mesmo dia começaram a quebrar a estrutura de concreto que durante 28 anos separou o lado socialista do capitalista, “Sem esperar mais, centenas de alemães orientais e ocidentais, começaram ontem a derrubar o Muro de Berlim, tornado inútil após o fim das restrições às viagens entre as duas Alemanhas”<sup>328</sup>, principalmente porque a Alemanha Oriental garantiu que iria demolir por inteiro o muro e que a decisão da liberação das viagens seria permanente.

# Alemães já começam a demolir o Muro

**BERLIM OCIDENTAL** — Sem esperar mais, centenas de alemães orientais e ocidentais, começaram ontem a derrubar o Muro de Berlim, tornado inútil após o fim das restrições às viagens entre as duas Alemanhas. Enquanto o Ministro do Exterior da Alemanha Ocidental, Hans-Dietrich Genscher, anunciava que a Alemanha Oriental pretende demolir o Muro, guardas já começaram a dismantelar seções, e eram abertos novos pontos de passagem. Ao mesmo tempo, as autoridades alemãs-orientais informaram que a abertura da fronteira é permanente. Em Leuschnerdamm, no bairro de Kreuzberg, quatro homens abriram um buraco no Muro com uma britadeira. Cerca de 500 berlineses ocidentais já tinham começado ontem a derrubar o Muro, na Avenida Paikense, no bairro de Spandau, onde deverá haver um ponto de passagem da fronteira. Guardas alemães-orientais dismantelaram também ontem um setor do Muro na Rua Eberswalde, e uma multidão deu vivas quando chegaram máquinas pesadas para demolir partes da muralha de concreto, no local. Genscher disse ter sido informado por autoridades alemãs-orientais de que o setor do Muro na Praça de Potsdam e em outros pontos do centro da cidade já não existirá, no fim de semana. Mais de 20 mil pessoas, reunidas diante da Prefeitura de Berlim Ocidental, aplaudiram quando o Ministro informou que “novos pontos de cruzamento serão abertos



Marfelo na mão, um alemão começa, simbolicamente, a derrubar o Muro



Alemães-orientais são aplaudidos ao cruzar, de carro, a barreira mais conhecida do Muro, o 'Checkpoint Charlie'

FIGURA 34: O GLOBO- EDIÇÃO DO DIA 11/11/1989- DOIS DIAS APÓS O ANÚNCIO DE ABERTURA DAS FRONTEIRAS ENTRE BERLIM OCIDENTAL E ORIENTAL E AS ALEMANHAS

No mesmo dia, outra nação que deu um adeus definitivo ao seu “muro”, ou para melhor dizer, sua “cortina”, foi a Hungria. “A Hungria concluiu os trabalhos para desmontar, na fronteira austro-húngara, as barreiras eletrônicas que tornavam realmente concreta a chamada “Cortina de ferro” entre o Leste Europeu”<sup>329</sup>. A retirada dos 260 quilômetros de cerca com 16 volts começara a ser feita em 2 de maio do mesmo ano. Interessante observar que, quando se trata de política, todos gostam de vangloriar-se pelos feitos, entretanto no caso da derrubada do muro, parecia haver um receio em tomar partido da decisão, temos a impressão de que todos os atores querem aplaudir os outros personagens, dispensando os elogios a si próprios. Numa mesma página de jornal vemos notícias opostas ou pelo menos com informações que nos fazem indagar a veracidade

<sup>328</sup> *O Globo* 11/11/1989, p.20.

<sup>329</sup> *O Globo* 11/11/1989, p.21.

ou a responsabilidade dos atos. “O Secretário de Estado (dos EUA), James Baker, creditou ao presidente da URSS, Mikhail Gorbatchov, a derrubada simbólica do Muro de Berlim, em várias entrevistas dadas por ele durante todo o dia de ontem”<sup>330</sup> ao mesmo tempo que em outra nota na mesma página com o seguinte título “URSS garante que não influenciou na decisão da RDA”, onde podemos ter acesso ao discurso do Ministro das Relações Exteriores soviético Eduard Shevardnadze, que declarou: “os amigos alemães tomaram a decisão por si mesmos, e creio que foi uma decisão correta e sábia” enquanto o Porta-voz da Chancelaria, Guenady Gerassimov aprovou a medida, “mas reiterou a oposição do Kremlin à reunificação da Alemanha:

“Dois Estados distintos, com sistemas distintos, que devem viver em paz”. Como é possível falar em reunificação, indagou, quando na Alemanha Ocidental continuam estacionadas tropas dos EUA, Grã-Bretanha, França e Canadá, e em Berlim Oriental as soviéticas?”<sup>331</sup>.

Enquanto os dirigentes se preocupavam com esses detalhes, a população, por mais que não possuísse garantias formais de emprego, moradia e renda, continuavam a comemorar a queda do Muro e a possibilidade de viver o sonho capitalista. “Emocionados, incrédulos, eufóricos, mais de 500 mil alemães-orientais, que passaram nas últimas cinco horas para o lado ocidental de Berlim através dos acessos abertos durante a noite no muro que dividia a cidade desde 1961 enchiam ontem suas ruas”<sup>332</sup>. Os números impressionavam, “até às 13 horas (locais) de ontem já haviam sido emitidos cerca de 2,7 milhões de vistos de saída”<sup>333</sup>, até porque todos queriam experimentar como era ter aquela sensação e acesso a uma grande variedade de produtos, “Quem vinha do Leste recebia cem marcos, para fazer compras passando um dia como consumidor no estilo capitalista”<sup>334</sup>. Um fato que chama a atenção é o fato de um número tão pequeno (em relação aos que fugiram) querer permanecer no lado ocidental, muitos imaginariam o contrário.

“Calcula-se que desde sexta-feira passaram para Berlim Ocidental mais de 500 mil pessoas e cerca de 24 mil automóveis, a um ritmo estimado ontem em 15 mil pessoas por hora. Mas só uns dois mil alemães-orientais pretendiam ficar para sempre na Alemanha Ocidental. A grande

---

<sup>330</sup> *Ibidem.*

<sup>331</sup> *Ibidem.*

<sup>332</sup> *O Globo* 12/11/1989, p.38. Título: Emoção toma conta das ruas de Berlim.

<sup>333</sup> *Ibidem.*

<sup>334</sup> *Ibidem.*

maioria planejava voltar para casa, do outro lado do agora impotente muro, até amanhã de manhã”<sup>335</sup>.

Talvez a máxima de não se mudar uma situação que está cômoda para não torná-la pior, dominasse o ideal de vida dos alemães do leste.

“Os custos da unificação e a “colonização interna” logo fomentaram um surdo antagonismo entre os wessis e össis (ocidentais e orientais) e o surgimento de uma (n)östalgie, a nostalgia pela vida bucólica e sem sobressaltos para o cidadão comum da RDA, desde que não assumisse uma atitude de contestação aberta ao regime. Os orientais se encontraram totalmente despreparados para viver sob a cultura capitalista semi americanizada de individualismo, competição e materialismo consumista da RFA, além da criminalidade e das drogas. Outro dado interessante é que mais de 75% dos alemães orientais se declaram explicitamente sem religião, invalidando especulações sobre a força da Igreja Evangélica”<sup>336</sup>.

Apesar de ter dado mais suavidade e flexibilidade à RDA, Egon Krenz ainda mantinha uma liderança baseada em uma utopia, em uma realidade diferente daquela, ao querer manter tudo como estava, oxigenando o sistema socialista, porém garantindo uma série de direitos para os cidadãos alemães-orientais, essa utopia era coroada com a negativa de unificar a Alemanha, uma medida que já era esperada por muitos e tinha todos os ingredientes para ser acelerada.

“O novo dirigente da Alemanha Oriental [...] conversou por telefone ontem com o Chanceler alemão-ocidental, Helmut Kohl, para tratar de uma reunião nos próximos dias, em que serão discutidas as relações entre os dois países depois da abertura do Muro de Berlim [...] Krenz, por seu lado, descartou qualquer possibilidade de reunificação dos dois países”<sup>337</sup>.

Naquele momento, ele parecia ter o apoio, ou talvez consentimento popular, justamente pelo medo da mudança que assombrava muitos cidadãos da RDA, receosos de que a competitividade poderia ser um fator excludente e que dificultaria a manutenção da “vida normal” já que eles estavam aquém do nível encontrado no lado ocidental, “[...] os cidadãos da Alemanha Oriental não acreditam que o momento atual seja o mais adequado para a reunificação dos dois países e sua transformação em superpotência europeia”<sup>338</sup>. Isso se refletia no número de pessoas voltando para o Leste, como se dissessem, “agora que temos a liberdade de ir e vir, é mais comodo viver aqui e passear lá”.

---

<sup>335</sup> *Ibidem*.

<sup>336</sup> VIZENTINI, Paulo Fagundes. De Berlim a Nova Iorque, 1989-2009: *A queda do muro socialista e do muro financeiro (Wall Street)*. Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 46, p. 51-71, jul./dez. 2009. p.51 e 52. Disponível em: <http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>. p.68.

<sup>337</sup> *O Globo* 12/11/1989, p.39. Título: Alemanha Oriental rejeita reunificação.

<sup>338</sup> *O Globo* 13/11/1989, p.16.

“Só 26.700 alemães pediram sábado para se estabelecer definitivamente e domingo este número caiu para três mil. Ao mesmo tempo é cada vez maior a quantidade de alemães-orientais que se refugiaram na Alemanha Ocidental antes da abertura da fronteira e estão querendo voltar para o Leste”<sup>339</sup>.

Depois da queda do muro, tudo começou a se encaixar, um exemplo é a perda de exclusividade partidária do Partido Comunista, como declarou o Presidente do Parlamento da Alemanha Oriental, Gunther Maleuda: “O SED é o grande culpado pelos problemas econômicos, sociais e políticos desse país”<sup>340</sup>.

Além da possibilidade iminente de um pluripartidarismo, saudável para todos, a Alemanha poderia escolher seus representantes, “Também ontem, no Parlamento os deputados aprovaram em votação secreta um pedido da bancada oposicionista para a convocação de eleições livres”<sup>341</sup>. Quem não apoiou essa ideia foi Moscou, através do líder da URSS, Mikhail Gorbatchov, que mesmo sendo um personagem que mudou o curso dos fatos, por meio de suas reformas e flexibilização, não parecia muito satisfeito com essa perda de exclusividade, “O presidente Mikhail Gorbatchov, disse que é um reformador do comunismo, mas que não está preparado para permitir a propriedade privada dos meios de produção, nem para aceitar o fim do controle do poder pelos comunistas, ao menos de momento”<sup>342</sup>. Ainda assim, com eleições livres, isso não significava dizer que todos iriam escolher de modo previsível, pensando na reunificação, já que muitos desejavam permanecer com a divisão entre as duas Alemanhas. De um modo sensato e não impositivo, uma das figuras decisivas nesse processo, o chanceler alemão-ocidental Helmut Kohl deixou o destino nas mãos dos alemães-orientais.

“[...] acima de tudo, nossos camaradas compatriotas da Alemanha Oriental devem decidir por si mesmos o que querem fazer do seu futuro. Eles não precisam de ninguém que lhes diga o que fazer. Melhor do que ninguém, sabem o que querem, e isto se aplica também à unidade alemã, à questão da reunificação”<sup>343</sup>.

Para nós enquanto autores desta dissertação, a análise fica confusa em alguns momentos, tendo em vista as notícias envolvendo opiniões divergentes e oscilantes, ou seja, em um dia vemos o apoio à reunificação, em outro o descarte dessa possibilidade

---

<sup>339</sup> *O Globo* 14/11/1989, p.26.

<sup>340</sup> *O Globo* 15/11/1989, p.30.

<sup>341</sup> *Ibidem*.

<sup>342</sup> *O Globo* 18/11/1989, p.25.

<sup>343</sup> *O Globo* 17/11/1989, p.24.

e mais adiante o apoio com ressalvas. “Pela primeira vez, um membro da equipe dirigente da União Soviética- o Vice-chanceler Viktor Karpov- admitiu publicamente a possibilidade de uma reunificação alemã”<sup>344</sup>, entretanto não podia deixar de acrescentar que a URSS aceita:

“desde que esta (a reunificação) tenha por base o respeito à situação rela, isto é, a existência de dois estados alemães soberanos e sua situação no sistema político europeu, e também a manifestação da vontade do povo alemão”<sup>345</sup>.

Essa prerrogativa de aceitar ou não parecia estar com os dias contados, visto que a URSS vinha perdendo apoio de todas as frentes, como as repúblicas que a compunham.

“A Geórgia, que já foi uma república independente, desafiou o Kremlin proclamando formalmente seu direito de se separar da União Soviética [...] o Soviete Supremo (Parlamento) da Geórgia aprovou por unanimidade uma nova cláusula na constituição georgiana, onde se reconhecer à república, “o direito sagrado e inviolável” de, caso assim decida, não mais integrar a URSS”<sup>346</sup>.

Não podemos deixar de comentar sobre o “poder” ou a influência que os meios de comunicação têm na sociedade, or jornais, por exemplo, podem divulgar informações confidenciais, brutas (ou seja, que carecem de uma melhor apuração) e outras que comprometem a tranquilidade no meio político, pois com um “quarto poder” influenciando, maior é a necessidade de estar vigilante nas tomadas de atitude, para que não se tornem crises internas. Um exemplo dentre todas essas notícias analisadas durante dois anos (1989 e 1990) é a seguinte, “Krenz cai em um mês, diz jornal” do dia 22 de novembro de 1989, uma notícia como essa causa uma forte pressão no dirigentes do partido, para que tal informação não venha enfraquecer e comprometer a credibilidade partidária perante à sociedade e mostrar uma debilidade, que pode ser favorável para os outros partidos, ou seja, o que é uma especulação pode se tornar verdade, beneficiando grupos políticos, inclusive do interesses dos donos dos meios de comunicação.

E ao falarmos de meios de comunicação, ou empresas capitalistas, lembramos que o capitalismo “não perdoa”, se aproveita de tudo. Os EUA não perderam a oportunidade de ganhar dinheiro, ou faturar em cima dos gastos feitos durante a construção do muro,

---

<sup>344</sup> *O Globo* 20/11/1989, p.19.

<sup>345</sup> *Ibidem*.

<sup>346</sup> *O Globo* 21/11/1989, p.18.

realmente quem comprasse este souvenir, poderia dizer que literalmente guarda um pedaço da história em casa.

“O mercado americano, também conhecido como “paraíso do capitalismo”, não tem limites. A mais recente, que promete ser a sensação deste Natal, já está chegando às grandes cadeias de lojas de departamento. Tratam-se de... pedaços do muro de Berlim”<sup>347</sup>.

Até um slogan foi feito para atrair os consumidores, “Transforme-se em proprietário de um fragmento de história e leve para casa esta peça autêntica, retirada do coração do Muro de Berlim”<sup>348</sup>.

Os Estados Unidos, por mais que manifestem apoio a determinados países, ou levantem bandeira em certas situações, sempre se preocuparam com sua própria nação em primeiro lugar, retrato da ideologia capitalista que reverbera nas atitudes, como observamos no discurso do então presidente dos EUA, George Bush, ao querer deixar a situação da unidade alemã em stand-by, talvez pelo medo de que as duas Alemanhas juntas, tornassem uma nação muito poderosa perante às outras nações da Europa e pudesse incomodar a hegemonia americana em âmbito mundial, “Não sei quanto tempo levará a reunificação, mas não vamos acelerar este processo”<sup>349</sup>. As outras nações aliadas, que fizeram parte da divisão do território alemão-oriental depois de 1945, também estavam ansiosas pelos desdobramentos, apoiando, o que eles chamavam de “melhor para o povo alemão”, sem esconder o incômodo de serem deixados para trás por uma Alemanha mais forte, algo que realmente aconteceu e permanece até os dias atuais, já que a nação ultrapassou a Inglaterra e a França, sendo o país de maior influência no continente europeu. “

“Reunidos pela primeira vez desde 1971, para analisar questões relacionadas com a divisão de Berlim, os embaixadores das potências aliadas vencedoras da Segunda Guerra Mundial, ressaltaram ontem a permanência dos tratados que concedem aos seus governos à participação nos assuntos da dividida cidade, [...] eles disseram que existe entre os quatro um acordo sobre a importância da estabilidade entre as duas Alemanhas, e ressaltaram que os aliados podem contribuir para essa estabilidade a partir do acordo quadripartite de 1972”<sup>350</sup>.

---

<sup>347</sup> *O Globo* 01/12/1989, p.28.

<sup>348</sup> *O Globo* 11/12/1989, p.13.

<sup>349</sup> *O Globo* 05/12/1989, p.20.

<sup>350</sup> *O Globo* 12/12/1989, p.18.

Os países<sup>351</sup> estavam acostumados com o fato de terem ingerência sobre Berlim, esse controle era uma garantia de que eles continuariam influenciando nas decisões, e é claro protegendo as suas nações, colocando-as em primeiro lugar sempre, por isso não estavam dispostos a ceder o poder. Isso acontecia também na URSS, que mesmo ao passar por mudanças socioeconômicas, ainda continuava com um forte sentimento de manutenção do comunismo ainda que esse sistema fosse um fracasso, como disse o presidente dos EUA George Bush em 12 de agosto de 1989, “o fracassado sistema stalinista”. “O congresso dos Deputados do Povo da União Soviética rejeitou ontem (12) em votação secreta, por uma diferença de 14 por cento de votos, a derrogação do artigo 6 da constituição, que dá ao Partido Comunista (PCUS) o papel de dirigente do país”<sup>352</sup>. Ainda houve quem tentasse reverter a situação apelando para o bom senso dos colegas deputados, “Pela manhã, em vão, o deputado Andrei Sakharov fez um apelo no plenário do congresso pedindo a derrubada do Artigo 6 e de todos os outros que, na sua opinião, “dificultam o progresso da perestroika”<sup>353</sup>. Este poderia ter sido um dos últimos desejos de Sakharov, que morreu dois dias depois de ter discursado no congresso.

“Vítima de um ataque cardíaco, quinta-feira à noite, Sakharov se tornou nos últimos meses, depois de sua volta à política e sua eleição para o Parlamento, um dos mais ativos partidários de uma mudança radical em seu país. Ele morreu em um momento em que se preparava para formar um bloco de oposição às tendências conservadoras dentro do Parlamento soviético, que, denunciou, estavam atrasando as reformas pretendidas pelo presidente Mikhail Gorbachov”<sup>354</sup>.

E apesar das definições sobre como ia ficar a reunificação, quem teria poder, como ficariam os cidadãos, se a Alemanha Oriental iria abandonar o Pacto de Varsóvia e se aliar à OTAN e todos os outros desdobramentos estarem atrasados, a preocupação em retomar a unidade de Berlim era grande é acelerada, numa tentativa de apagar os rastros do comunismo, tornando a cidade um espaço uniforme, sem a impressão de serem duas cidades diferentes num mesmo espaço.

“Já a partir do próximo ano, serão organizados festivais por Berlim como um todo. O primeiro mapa da cidade incluindo Berlim Oriental será vendido nas livrarias. O sistema de transportes será reformado para que as viagens de uma a outra parte, de apenas alguns minutos, deixem de dar a impressão de tratar-se de uma viagem ao estrangeiro”<sup>355</sup>.

---

<sup>351</sup> URSS, EUA, Grã-Bretanha e França.

<sup>352</sup> *O Globo* 13/12/1989, p.21.

<sup>353</sup> *Ibidem*.

<sup>354</sup> *Ibidem*.

<sup>355</sup> *O Globo* 17/12/1989, p.50.

Como sempre é difícil agradar a todos, houve quem não estivesse muito preocupado com essa uniformização, pelo contrário, preferisse tudo como era antes para não afetar a tranquilidade (ou monotonia) de todos esses anos. “Quem morava em um desses subúrbios perto do muro receia que sua calma rua transforme-se em trânsito de veículo, ônibus e caminhão entre as partes leste e oeste”<sup>356</sup>. Era o capitalismo começando a “incomodar”, nós acreditamos que essas situações façam parte inevitavelmente, sempre haverá um lado que não saíra satisfeito, entretanto naquele momento ele tinha muitos mais benefícios a oferecer, basta pensarmos no turismo, que estaria em alta, já que todos gostariam de poder presenciar aquela atmosfera digna de filme. Outro setor que se beneficiaria muito era o imobiliário, “Como os políticos, também os especuladores apostam no futuro da grande Berlim. A corrida por imóveis na parte leste, onde os preços são ainda bastante baratos, já começou”<sup>357</sup>.

Enquanto isso, a situação do Muro de Berlim continuava como uma novela mexicana, com muito drama e personagens indecisos. A cada nova manifestação, discursos em parlamentos ou visitas de estado, os “atores” mudavam de ideia, ou dramatizavam o problema da reunificação com exageros, ou demonizando ou enaltecendo, ambas atitudes sendo prejudiciais, havia, pois, a necessidade de ponderação, mas como ponderar sem saber como iria ficar a realidade? A única solução seria testar, fazer na prática, mas não eram todos que estavam dispostos a correr os riscos, caso ela desse errado e também se desse certo demais a ponto de colocar para segundo plano o poder dos interessados. “Somos a favor da cooperação, mas contra a anexação e a dependência, disse o Secretário Geral do Partido Comunista da RDA, Gregor Gysi”<sup>358</sup>. Eram fantasiosas ou até exageradas as ideias propagadas nos jornais comunistas, alguns declaravam ter medo de que as duas Alemanhas se tornassem um novo “Império Alemão” sendo uma ameaça para vários países da Europa. Certamente, as duas Alemanhas formariam um país com muito mais força através da junção de sua mão de obra, terras, tecnologia e do potencial que ambas isoladamente já detinham, mas imaginar que poderiam se tornar um Império que porventura “aglutinaria” as nações

---

<sup>356</sup> *Ibidem.*

<sup>357</sup> *Ibidem.*

<sup>358</sup> *O Globo* 21/12/1989, p.32.

limítrofes, era algo fora do contexto daquele momento em que o mundo estava tendendo à liberdade e independência de todos, não o contrário. Exemplos de como as nações estavam buscando caminhar com suas próprias pernas, podiam ser vistos quando as nações componentes da URSS estavam proclamando sua independência, depois da Geórgia, foi vez da Lituânia.

“Os comunistas lituanos aprovaram ontem por esmagadora maioria três resoluções proclamando a separação do PC da Lituânia do PCUS, apesar da oposição do presidente da URSS, Mikhail Gorbatchov, a todos os planos de independência dos partidos das diversas repúblicas, [...] o novo PC lituano declarou como seu objetivo principal, “a criação de um Estado lituano independente e democrata”<sup>359</sup>.

Essa ruptura poderia ser o combustível que outras nações da URSS precisavam para se “soltarem” da falsa égide da União Soviética, já que nem o território russo gozava do desenvolvimento prometido pelo criador da *glasnost* e da *perestroika*, que precisava frear esses movimentos separatistas. “O presidente da URSS, Mikhail Gorbatchov, convocou para hoje uma reunião de emergência do Comitê Central do PCUS, para discutir a decisão adotada pelos comunistas lituanos de se separarem de Moscou”<sup>360</sup>. Os membros do partido comunista lituano não se intimidaram, declarando que “consideram a criação do novo Partido de acordo com os princípios da *perestroika*, fundamentando a decisão com base em argumentos levantados pelo próprio Gorbatchov, que se reuniu com a direção do PCUS novamente, mas, talvez por não imaginar que uma situação como essa poderia acontecer, ele mostra um certo despreparo em não saber como agir diante desse impasse.

“Em sua reunião plenária de emergência, ontem, os integrantes do Comitê Central (CC) do PCUS, apesar das acesas discussões, não chegaram a uma conclusão sobre como encarar a decisão sem precedentes pela qual os comunistas lituanos que o Partido Comunista (PCL) passar a ser independente de Moscou”<sup>361</sup>.

Em uma parte da página, o jornal mostrava o imbróglio da Lituânia com a URSS, em outra a felicidades dos alemães em estarem passando o fim de ano de um modo bem diferente dos últimos anos, “Os alemães-orientais e ocidentais tiveram ontem, seu mais feliz Natal em 40 anos, com milhares de pessoas cruzando o Muro de Berlim, aberto há um mês e meio, numa prova do fim da Guerra Fria”<sup>362</sup>. Explicitamente o jornalista

---

<sup>359</sup> *Ibidem*.

<sup>360</sup> *O Globo* 23/12/1989, p.24.

<sup>361</sup> *O Globo* 26/12/1989, p.16.

<sup>362</sup> *Ibidem*.

influência na notícia, mostra a sua opinião, algo que, como já dissemos em outros momentos, é indevido, já que a interpretação é feita pelo leitor, e neste caso especificamente, onde muitos alemães preferiam ter deixado tudo como estava, esse Natal ao invés de “o mais feliz” pode ter sido o “mais conturbado”, justamente pela ambiguidade no teor da notícia, é que não se deve julgar os fatos, apenas apresentá-los. Algumas nações, apesar de não terem feito parte da União Soviética, eram repúblicas socialistas e faziam parte do Pacto de Varsóvia, era o caso da Romênia, que em 1989 após os desdobramentos que iam ocorrendo em outros países, se organizou e promoveu a libertação do comunismo em seu território.

“Uma semana depois da queda do ditador Nicolae Ceausescu, a Romênia deixou ontem, formalmente, de ser uma república socialista, e adotou um regime baseado nos valores de liberdade, democracia e pluralismo político. O país contará com empresas privadas e imprensa livre, e já começam a ser preparadas eleições gerais de abril do próximo ano”<sup>363</sup>.

Depois dos milhões de marcos alemães gastos na construção do muro, a Alemanha Oriental parece ter achado um modo de reaver parte dessa quantia, ninguém poderia imaginar que uma nação socialista, que através de muitos de seus dirigentes negou com veemência que este país poderia um dia conviver com preceitos capitalistas, hoje se rendeu à “magia” de ganhar dinheiro com praticamente tudo, num momento de lapso daquilo que vinha pregando há longos anos.

“A Alemanha Oriental exportará oficialmente fragmentos do muro, para estancar a especulação dos pedaços que vem sendo arrancados a marteladas e que alcançaram, nas últimas semanas, elevados preços, em Nova Iorque e Berlim Ocidental. Os milhões de dólares que se acredita venham a ser arrecadados com as vendas, serão destinados a organismos sociais de saúde do país”<sup>364</sup>.

Apesar do propósito ser bom para o país, os próprios cidadãos não gostaram da ideia, talvez em uma tentativa de dizer “nosso políticos e os estrangeiros vão ganhar dinheiro com aquilo que foi um símbolo de tamanho sofrimento?”. “Os primeiros protestos contra a venda dos pedaços partiram dos próprios alemães-orientais”<sup>365</sup>.

Sem dúvida, os alemães, os soviéticos e todos aqueles países socialistas queriam que o ano de 1989 fosse considerado *Schnee von gestern*<sup>366</sup>. Em 1990, os ânimos estavam

---

<sup>363</sup> *O Globo* 30/12/1989, p.17.

<sup>364</sup> *Ibidem*.

<sup>365</sup> *Ibidem*.

<sup>366</sup> literalmente “neve de ontem” em alemão, expressão usada para indicar algo já ultrapassado

menos aflorados, a complexidade dos fatos com mais indicativos de que poderia ser resolvida, colocando cada peça em seu lugar, mas ainda faltavam definições para que o conceito de “novo mundo” empregado por muitos autores, pudesse realmente fazer sentido. Os personagens mais importantes dessa história, os que protagonizaram as maiores ameaças entre si e criaram essa sensação de uma guerra iminente sem o uso de armas, a Guerra Fria, estavam se aproximando lentamente, com a URSS cedendo aos desejos dos EUA, raramente o contrário. Havia uma dose substancial de esperança nesses discursos, dois países que se enfrentaram durante anos, onde a vontade de dialogar era exígua, agora se mostravam dispostos a lutar por um bem comum e por uma estabilidade (aparentemente) sem competições ou rivalidade.

“Em mensagens trocadas a propósito da entrada do ano novo, os presidentes George Bush e Mikhail Gorbatchov manifestaram-se favoráveis a uma maior cooperação entre seus povos. Bush qualificou Gorbatchov de “um bom sócio para a paz”, enquanto o dirigente soviético propôs ao povo americano transformar os anos 90 numa década de aproximação entre os dois países”<sup>367</sup>.

Pelo fato dos maiores rivais estarem se aproximando, outros países também vinham flexibilizando suas políticas e seus modos de organização social, vendo o povo como parte fundamental e mais interessada em ter bem-estar para fazer com que o país avance, outra situação era ver os países fronteiriços em uma boa condição, pois isso evitaria que abandonassem seus lares em busca de melhores condições nos territórios vizinhos. Antes era diferente, cada um preocupava-se com os próprios interesses e condenava qualquer medida que pudesse fortalecer os conflitos internos, um exemplo foi a então Tchecoslováquia, que criticou fortemente a abertura da fronteira austro-húngara pela Hungria em abril do ano anterior, declarando que não entendia o porquê daquela traição aos protocolos, meses depois já com novo presidente Václav Havel<sup>368</sup> recém-empossado, o tom foi outro, o de apoio à unidade da Alemanha.

“Em sua primeira viagem ao exterior desde que assumiu a presidência da Tchecoslováquia, há cinco dias, Vaclav Havel defendeu a reunificação “democrática e pacífica” das duas Alemanhas e ofereceu ajuda de seu país para demolir o que sobrou do Muro de Berlim”<sup>369</sup>.

---

<sup>367</sup> *O Globo* 02/01/1990, p.14.

<sup>368</sup> Foi o 10º presidente da Tchecoslováquia (29/12/1989- 20/07/1992) e o 1º presidente da República Tcheca (02/02/1993- 02/02/2003)

<sup>369</sup> *O Globo* 03/01/1990, p.14.

Havel parecia realmente querer deixar sua marca, destaque, ele realmente teve, já que foi o último presidente de um país e o primeiro de um novo. Logo ao assumir, ele já deixou claro que pretendia se distanciar do passado comunista, mostrando que a preocupação era muito maior com algo literalmente global do que detalhes irrelevantes de um sistema já em colapso. “Ao deixar de visitar a União Soviética em sua primeira viagem ao exterior, Havel tornou-se o primeiro presidente tcheco em 40 anos, a quebrar esse importante tabu comunista”<sup>370</sup>. Outra quebra importante era a física, a do muro. Depois de dois meses de euforia dos alemães-orientais com a abertura das fronteiras e início da derrubada do muro, a Alemanha Oriental anunciou que iria eliminar de uma vez por todas, qualquer resquício dessa estrutura.

“As obras de demolição definitiva do Muro de Berlim estão começando hoje, inicialmente numa extensão de cerca de dois quilômetros no centro da cidade entre o Reichstag (o antigo parlamento) e passagem conhecida como “Checkpoint Charlie”<sup>371</sup>.

Apesar da situação estar melhor encaminhada, ainda faltavam detalhes para que as Alemanhas voltassem a ser uma só, como mencionou o Secretário de Estado americano James Baker, “existe uma excelente oportunidade para que a reunificação das duas Alemanhas ocorra antes do fim deste ano, mas advertiu que é preciso tempo para se resolver os aspectos relativos à segurança europeia”<sup>372</sup>, nomeadamente a questão se a Alemanha Oriental abandonaria o Pacto de Varsóvia e se tornaria membro da OTAN, os dirigentes das principais nações queriam garantias de que os orientais não iriam voltar atrás e com isso podendo gerar mais conflitos. Essa preocupação foi desnecessária, pois o próprio capital humano do militarismo oriental já estava desistindo de lutar pela RDA. “As Forças Armadas da Alemanha Oriental estão se desintegrando com deserções em massa de seus homens e uma quebra generalizada de disciplina. O exército “deixou de funcionar como uma máquina militar”, disse um importante funcionário da OTAN”<sup>373</sup>. O amor à pátria desapareceu, “Simplesmente os soldados não se apresentam para prestar de serviço, alguns emigraram para o Ocidente, outros arranjam emprego em outro lugar do país. Muitos deles acham que as Forças Armadas são uma coisa inútil”<sup>374</sup>.

---

<sup>370</sup> *Ibidem*.

<sup>371</sup> *O Globo* 19/02/1990, p.14.

<sup>372</sup> *Ibidem*.

<sup>373</sup> *O Globo* 01/03/1990, p.18.

<sup>374</sup> *Ibidem*, p.18.

A queda do muro serviu não apenas para trazer a liberdade de ir e vir além da liberdade política, mas também deu margem para assuntos que fazem parte da vida de um ser humano normal, que pode se permitir em não pensar apenas no trabalho ou de ser fiel à pátria e ao sistema de governo comunista.

“A queda do muro desencadeou uma onda de encomendas de objetos pornográficos e roupas interiores exóticas, [...] uma das maiores empresas alemãs-ocidentais fornecedoras de objetos eróticos pelo correio, a Beate-Uhse, recebe em média 500 encomendas por dia de vibradores e outros objetos”<sup>375</sup>.

Se os próprios cidadãos não tinham o direito de comprar o que queriam, por outro lado os estrangeiros não tinham a autorização ou não se sentiam atraídos a visitar a Alemanha Oriental e os outros países do leste, visto que as paisagens eram muito “cinzentas”, sem vida e alegria. Depois da queda do muro, tudo começou a mudar, a perspectiva dos governantes, pois a ideia era movimentar a economia e os turistas que passariam a ter uma oportunidade de mergulhar nesse período da história do século XX e que se reverberaria no século XXI, mesmo 30 anos depois.

“A democracia chega ao Leste Europeu e, com ela, muitos turistas- foram mais de cinco mil os estrangeiros a visitarem Bucareste, a capital romena, somente nas primeiras semanas deste ano. E é justamente para receber esses visitantes que também os governos da Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Tchecoslováquia estão tratando de investir cada vez mais no turismo”<sup>376</sup>.

# O Leste Europeu abre sua cortina

A democracia chega ao Leste Europeu e, com ela, muitos turistas — foram mais de cinco mil os estrangeiros a visitarem Bucareste, a capital romena, somente nas primeiras semanas deste ano. E é justamente para receber esses visitantes que também os governos da Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Tchecoslováquia estão tratando de investir cada vez mais no turismo. É hora, portanto, de desbravar essa outrora misteriosa região.

## Em cima do muro, em Berlim

Literalmente em cima do muro, é assim que milhares de turistas têm, desde a queda do Muro de Berlim, em novembro passado, a oportunidade de fazer com um pé no Ocidente e outro no Oriente. No lado oriental, a expectativa é de receber 30 milhões de visitantes nos próximos 20 anos.

Berlim Oriental tem grandes avenidas, parques e catedrais. Os conjuntos arquitetônicos em volta da Alexanderplatz formam o Centro Histórico, no qual se pode visitar a Ópera, o palácio da Brandenburgo e a Academia de Ciências.

Com 1,4 milhões de habitantes, Berlim oferece muitas opções de lazer: teatro e concertos. O Palácio da República, na Praça Marx-Engels, abriga um dos restaurantes mais famosos, o Ländel. Aproveite para saborear a especialidade (chamariz) com salada de batatas e a bebida nacional: a cerveja, boa e barata.

É um excelente acompanhamento para a refeição — para duas pessoas, a conta em média US\$ 20. As dicas, nos melhores hotéis, custam aproximadamente US\$ 60.

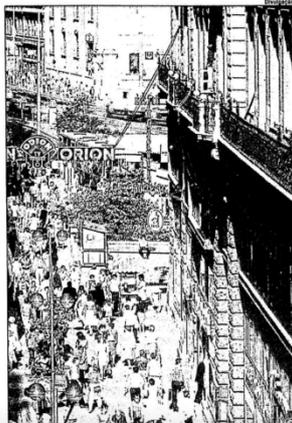
### COMO CHEGAR:

● Não há vôos diretos para Berlim e o ideal é que se faça conexão em Frankfurt. A Varig e Lufthansa voam para Frankfurt e de lá a Lufthansa voa até Berlim. A tarifa ponto a ponto até Berlim custa US\$ 1.497 e a normal, US\$ 2.709.

● A Lufthansa voa às terças, quartas, sextas, sábados e domingos às 19h05m e a Varig voa às segundas às 22h15m, às terças e quintas às 19h45m, às sextas às 22h15m e aos sábados às 21h40m.

### VISTO:

● Embaixada da República Alemã em Brasília — SH10, G L-6, conjunto 8, casa 17. Telefone (061) 240-1000.



## Em Budapeste, violinos à mesa

Budapeste, a capital da Hungria, é uma das mais belas cidades europeias. O turismo é privilegiado não apenas porque o país, de dez milhões de habitantes, recebeu no ano passado 25 milhões de estrangeiros.

Há quase 100 anos Budapeste foi formada pela união das cidades de Buda, na margem ocidental do Rio Danúbio; e Pest, na margem oriental. Manifesta pontos como a das Cervejarias (1868) e a Elizabeth (1900) ilustre os seus lados da cidade.

Vale a pena conhecer a bela Igreja de Matias, na Praça da Santíssima Trindade, construída em estilo romântico entre 1805 e 1880 e transformada em igreja durante os séculos 14 e 15. Aproveite para conhecer, nas proximidades, o Castelo de Buda e o Parlamento, com 27 entradas e 691 salas.

Os terços, nos séculos XVI e XVII, investiram na construção de casas de banho na capital. Desde então, a cidade atrai milhares de turistas devido ao potencial riquíssimo de águas termais, entre as quais Buda, Császár e Király, cujas águas chegam a 25 graus.

A pipérca é o principal tempero da cozinha e deliciosa cozinha húngara. O destaque é para frutas, fígado de ganso, carne de carvão, cogumelos recheados e o tradicional galuska (queimado de vinho), acompanhado de vinho. Nos restaurantes, é comum a música ao vivo, com violinos e guitarras.

Um almoço mais simples sai em média US\$ 12 para o casal e um jantar ao som de violinos, US\$ 25. Para a sobremesa, os destaque ficam por

conta das tortas, massas folhadas e creme chantilly, que também podem ser apreciadas nos 300 cafés.

Os hotéis internacionais têm restaurantes, casas de espetáculos, bares e boates e suas diárias para casal custam aproximadamente US\$ 140. Em seus restaurantes, as contas podem ser pagas com cartões de crédito (American Express, Diners Club e Eurocard). Antes de deixar a cidade, não se esqueça do passaporte pelas águas do Danúbio, no cair da tarde.

Quanto ao visto, o Consulado da Hungria no Rio de Janeiro é o caminho indicado. Já, para obter fontes, a moeda nacional, procure apenas os órgãos oficiais.

### COMO CHEGAR:

● Somente através de conexão pode-se chegar a Budapeste. A Lufthansa e a Varig voam direto até Frankfurt e de lá a Lufthansa voa até Budapeste em vários horários.

A tarifa ponto a ponto até Budapeste custa US\$ 1.458 e a normal, US\$ 2.508.

● A Lufthansa voa às terças, quartas, sextas, sábados e domingos às 19h05m e a Varig voa às segundas às 22h15m, às terças e quintas às 19h45m, às sextas às 22h15m e aos sábados às 21h40m.

### VISTO:

● Consulado da Hungria — Avenida Rui Barbosa 460/502, Fimcap. Telefone 551-2247.

Beleza e bons preços: Varsóvia

Bucareste visitada por dentro

FIGURA 35: O GLOBO- EDIÇÃO DO DIA 03/05/1990

<sup>375</sup> O Globo 11/04/1990, p.16.

<sup>376</sup> O Globo 03/05/1990, p.03.

Se não bastasse a preocupação dos governantes com a questão militar, todos esses impasses geravam instabilidade, e isso era o combustível que grupos radicais precisavam para propagar ideais obsoletos baseados no nazismo e no fascismo, duas ideologias políticas que a Alemanha queria esquecer, “Grupos fascistas do lado ocidental como Viking Jugend (Juventude Viking), aproveitaram a queda do Muro de Berlim, em novembro passado, para cruzarem a fronteira e ganharem adeptos”<sup>377</sup>. Os possíveis problemas fruto da incerteza poderiam fomentar ainda mais a disseminação desses grupos, “Na Alemanha Oriental existem hoje todos os elementos para o ressurgimento do fascismo [...] o aumento do desemprego e a incerteza quanto ao futuro- explicou Franz Fiedler, porta-voz da recém-criada Liga Antifascista”<sup>378</sup>.

Algo que parecia impossível começava a acontecer, os austeros membros do alto escalão da aliança militar dos socialistas, voltaram atrás nas firmes decisões, ou melhor, em outras palavras, admitiram que muito daquilo que fizeram no passado foi inútil.

“O Pacto de Varsóvia admitiu pela primeira vez em sua reunião de dois dias em Berlim Oriental, que no passado cometeu graves erros, como a invasão da Tchecoslováquia em 1968 e o esmagamento da rebelião húngara, há 12 anos”<sup>379</sup>.

Depois dessa série de “erros” e o abandono dos países, quer seja por decisão inicial dos presidentes ou pelos combatentes, como tinha acontecido recentemente na Alemanha Oriental, não faria sentido manter a aliança, e se fosse mantida estaria totalmente desidratada, “Com a queda dos regimes comunistas na Europa Oriental, o Pacto, enfrenta crescentes pressões internas. Eppelmann chegou a prever a dissolução da estrutura militar do Pacto até dezembro”<sup>380</sup>. O Pacto, o sistema e o muro virariam peças de museu, literalmente. “O Museu de História Alemã de Berlim Oriental e o Museu Histórico, que será construído no lado ocidental da cidade, querem guardar para a posteridade cerca de 300 metros do Muro de Berlim”<sup>381</sup>. Os orientais não estavam nem um pouco preocupados em ver esses fragmentos para a posteridade, eles estavam dispostos a tentar recuperar o atraso a que foram submetidos durante esse período, por isso a ordem era aproveitar tudo aquilo que o capitalismo poderia oferecer, inclusive o

---

<sup>377</sup> *O Globo* 10/06/1990, p.41.

<sup>378</sup> *Ibidem*.

<sup>379</sup> *O Globo* 16/06/1990, p.12.

<sup>380</sup> *Ibidem*.

<sup>381</sup> *Ibidem*.

que era básico no lado ocidental, aquilo que era “*lugar-comum*” começava a amargar prejuízos.

“Nem os sorveteiros conseguem mais vender seu produto em Berlim Oriental, onde proliferam barracas de comida importada do lado ocidental. É que todos querem provar novos e exóticos sabores, como o da banana, considerada uma fruta banal na América do Sul, mas vista como símbolo de luxo na Europa do Leste”<sup>382</sup>.

E a preço de banana eram os itens das lojas na RDA, pois com a unificação da moeda, era mais válido fazer isso a ter mais prejuízos, já que o marco alemão ocidental era mais valioso, “Berlim Oriental se transformou num enorme mercado. A palavra de ordem no comércio, é “*liquidação total*”. Ninguém quer guardar estoques de produtos considerados de má qualidade, quando comparados aos da Alemanha Oriental”<sup>383</sup>. A moeda já tinha passado pela unificação, mas antes dos dois países se tornarem um só, havia um importante assunto a ser tratado, a questão partidária, afinal, seria um país com diretrizes padronizadas e para tanto era necessário alinhar as ideias e propostas em comum para dar prosseguimento ao processo eleitoral.

“Os três principais partidos políticos da Alemanha Ocidental aceleraram ontem o processo de fusão com os grupos correspondentes da Alemanha Oriental, pois o chefe de governo de Bonn, Helmut Kohl, quer realizar ainda este ano eleições gerais pan germânicas”<sup>384</sup>.

Enquanto as “*fronteiras políticas*” estavam sendo derrubadas, a fronteira física cada vez mais vinha sendo apagada para que o território voltasse a ser de livre passagem entre os ocidentais e orientais, “Domingo próximo, quando entrar em vigor o acordo de união econômica, monetária e social das duas Alemanhas, será eliminado o controle de pessoas existentes na fronteira desde 1946 entre os dois Estados”<sup>385</sup>. Com uma moeda única e mais forte e com a possibilidade de um fluxo livre entre cidadãos, outros problemas surgiam, o desemprego e a crise econômica, afinal eram anos de atraso que deixaram o país abaixo do padrão de mercado das nações capitalistas, logo a competitividade era maior e o desejo dos orientais em adquirir o que de melhor havia no comércio, era grande. Por isso, algumas medidas protetivas se fizeram necessárias para evitar um colapso ainda maior, “Para proteger sua indústria, a Alemanha Oriental

---

<sup>382</sup> *O Globo* 17/06/1990, p.42.

<sup>383</sup> *Ibidem*.

<sup>384</sup> *O Globo* 19/06/1990, p.13.

<sup>385</sup> *O Globo* 28/06/1990, p.18.

passará a cobrar, depois de domingo, uma série de impostos sobre produtos importados. Da lista estão excluídos os artigos alimentícios”<sup>386</sup>.

Depois de um espaço de um mês, pois em julho não foram encontradas notícias com palavras-chave sobre o tema, a próxima foi em agosto, no dia 13, dia que o povo alemão, principalmente os orientais, queriam esquecer. “Alemães do Oeste e do Leste evocaram ontem o 29º aniversário da construção do Muro de Berlim, o primeiro comemorado em ambiente de alegria e não de tristeza”<sup>387</sup>. Entretanto, a alegria não poderia ser sentida em sua totalidade e de modo tão abrupto, como se a queda do Muro fosse um elixir dos problemas vivenciados, afinal, foram 28 anos de sofrimento com a repressão, atraso socioeconômico e distância no caso das pessoas que se separam de familiares ao fugir e não puderam voltar, sem contar com os que, infelizmente, não tiveram a mesma sorte e morreram tentando cruzar a “fortaleza” construída para evitar o êxodo, “Alemães do Leste e do Ocidente lembraram a passagem, do 29º aniversário do muro de Berlim com uma homenagem às 80 pessoas mortas enquanto tentavam fugir do lado comunista”<sup>388</sup>. O número de mortos varia de acordo com a fonte, o jornal aponta 80, outras fontes mais de 100 e outras indicam que o número é desconhecido, isso não deixa de ser um retrato da crueldade usada nesse período.

“Mais de 10 coroas de flores foram depositadas junto à cruz de madeira envolta em arame farpado, que marca o local o o berlinense-oriental Peter Fechter, de 17 anos, foi morto a tiros quando tentava pular o muro, em 1962. O rapaz ficou uma hora esvaindo-se em sangue até morrer e ter seu corpo removido por soldados orientais”<sup>389</sup>.

---

<sup>386</sup> *Ibidem*, p.18.

<sup>387</sup> *O Globo* 13/08/1990, p.10.

<sup>388</sup> *O Globo* 14/08/1990, p.18.

<sup>389</sup> *Ibidem*.

# Berlinenses lembram os que morreram no Muro

BERLIM ORIENTAL — Alemães do Leste e do Ocidente lembraram a passagem, do 29º aniversário da construção do Muro de Berlim com uma homenagem às 80 pessoas mortas quando tentavam fugir do lado comunista. Mais de dez coroas de flores foram depositadas junto à cruz de madeira envolta em arame farpado que marca o local onde o berlinense-oriental Peter Fechter, de 17 anos, foi morto a tiros quando tentava pular o muro, em 1962. O rapaz ficou uma hora esvaindo-se em sangue até morrer e ter seu corpo removido pelos guardas orientais.

— Agora que o Muro da cidade caiu, devemos começar a demolir os muros mentais. Aqueles que, realmente, querem que esta nação se una e cresça unida devem estar dispostos a dividir as responsabilidades que isso acarreta — disse o Prefeito de Berlim Oriental, Tino Schwierzan.



Cerimônia conjunta lembra os 80 mortos nos 29 anos do Muro de Berlim

FIGURA 36: O GLOBO- EDIÇÃO DO DIA 14/08/1990

Gradualmente, quando mais próximo do final de 1990, mais clara estava a situação das Alemanhas e de todos os outros envolvidos no processo. Menos de um ano depois da queda do Muro, os “destroços” que pareciam difíceis de remover estão dando espaço para um cenário de paz e desenvolvimento. O que foi negado muitas vezes pelos líderes soviéticos e alemães-orientais era iminente, “A Alemanha comemora quarta-feira uma das datas mais importantes da sua história: a reunificação na democracia, depois de uma ditadura e uma guerra que resultaram na divisão do país durante 45 anos”<sup>390</sup>.

“Com o encerramento do processo de reunificação, a Alemanha voltará a ser, pela primeira vez, depois da II Guerra Mundial, um país soberano. As forças de ocupação dos Estados Unidos, Inglaterra e França (no Ocidente) e da União Soviética (na ex RDA) serão gradualmente retiradas, mas a nova nação, com 78 milhões de habitantes, a mais populosa da Europa, continuará sendo um membro da OTAN”<sup>391</sup>.

Na mesma página, uma reportagem chama atenção pelo título “Reunificação reescreve História com inédita rapidez” e pela forma didática como apresenta o tema com seus antecedentes e subsequentes. Entendemos na verdade que o processo todo demorou muito, afinal 44 anos (de 1945 a 1989) desde o fim da Segunda Guerra Mundial e 28 anos desde a construção do Muro (1961- 1989), entretanto a correspondente se refere a rapidez com a qual os fatos se desenrolaram pouco antes e logo após a queda do muro, causando uma mudança quase instantânea, “A rapidez dos acontecimentos tornava em poucos dias ultrapassados planos e acordos, como foi o caso do plano de dez pontos para uma comunidade entre os dois países, assinado no dia 28 de novembro”<sup>392</sup>. E

<sup>390</sup> O Globo 30/09/1990, p.50.

<sup>391</sup> *Ibidem*.

<sup>392</sup> *Ibidem*.

justamente sobre esses pactos que a Alemanha precisava rever um que seria de grande importância para garantir a sua total independência.

“Representadas por seus ministros do Exterior, as quatro potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial firmaram ontem em Nova York uma declaração que anula todos os seus direitos sobre a Alemanha, abrindo assim o caminho para que o país unificado se converta em Estado plenamente soberano amanhã”<sup>393</sup>.

A correspondente Graça Magalhães, que frequentemente apareceu como autora de muitas das notícias analisadas, usou em sua reportagem o termo “sepultamento da RDA” na ocasião do dia da unidade alemã, compartilhamos da opinião dela ao pensarmos que apesar de reviravoltas serem possíveis de acontecer, esse fato foi bem “costurado”, com o apoio e aval de todos os envolvidos, tornando difícil sua reversão. “A despedida foi sem lágrimas, centenas de pessoas [...] foram ver o sepultamento de uma nação, a República Democrática Alemã (RDA)”<sup>394</sup>. Apesar de euforia, nem todos tinham motivos para ficar felizes, “Cerca de 220 mil funcionários públicos estão sem perspectiva imediata para encontrar um trabalho”<sup>395</sup>. Esse era um dos reflexos negativos da reunificação, já que pelo fato da RFA absorver cargos e edifícios em todo o país, seria desnecessário manter um número tão grande de pessoas só em um lado da nação, “Nenhuma cadeira ou escrivaninha do regime do SED (antigo Partido Comunista) será aproveitada no novo país”<sup>396</sup>.

De um modo bem ao estilo capitalista, onde perder tempo é perder dinheiro, o jornal publicou uma página especial em seu caderno de turismo totalmente dedicada a Berlim, com detalhes sobre o que fazer, o que visitar, como chegar até lá a partir de voos e outras informações sobre alimentação e é claro, o muro, pois se antes as cidades do leste já atraíam os turistas, agora com todas as garantias de segurança, infraestrutura na rede de transportes e um cartão postal para quem quer imiscuir-se na história da Alemanha e em um dos principais símbolos do século XX. “Berlim é o grande hit europeu do ano. A derrubada do muro- em 9 de novembro do ano passado- e os primeiros tempos da reunificação são atrativos que têm levado milhares de turistas de todas as

---

<sup>393</sup> *O Globo* 02/10/1990, p.24.

<sup>394</sup> *O Globo* 03/10/1990, p.25.

<sup>395</sup> *Ibidem*.

<sup>396</sup> *Ibidem*.

partes para a nova capital da Alemanha unificada”<sup>397</sup>. A reportagem fala do benefício de conhecer os contrastes nas duas cidades, já que as diferenças entre as duas “Berlim’s” era grande.

“A principal vantagem de uma ida a Berlim nesses tempos de mudança é conhecer duas cidades em uma. [...] os coloridos e sedutores neons do capitalismo ocidental contrastam com o cinza dos belos e imponentes monumentos do lado leste [...] explorar essas diferenças pode ser uma singular experiência turística”<sup>398</sup>.

Um ano após a queda do Muro de Berlim foi tempo suficiente para que o tema fosse decantado e qualquer situação esclarecida, nesta ocasião a URSS “assumia” a derrota do seu plano socialista e se comprometia a não promover nenhuma retaliação.

“O dia de hoje vai entrar para história como o início de uma nova era para os nossos povos”, disse o presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachov. No encontro que teve como o presidente Richard von Weizsäcker e com o chanceler Helmut Kohl foi assinado um tratado de não agressão entre os dois países”<sup>399</sup>.

Não obstante, sabemos que no universo da política e dos políticos, nada vem de forma gratuita, tudo exige uma contrapartida, mostrada e contextualizada logo abaixo da reportagem principal. Ainda que nesse contexto a URSS não estivesse em condições nem no direito de exigir nada por ter causado uma série de prejuízos econômicos e materiais aos alemães-orientais, o chanceler alemão, Helmut Kohl ofereceu ajuda aos soviéticos, que claramente aceitaram, afinal desde que o marco alemão foi introduzido como moeda única, as crises na URSS só se agravaram, “A parte mais interessante do acordo firmado ontem entre Gorbachov e Kohl é a que prevê concessão à URSS de recursos de 12 bilhões de marcos (8 bilhões de dólares) até 1994”<sup>400</sup>. Além da União Soviética, outras nações membros da OTAN ainda chancelariam o fim dos conflitos, “Os líderes de 34 países que se reúnem amanhã em Paris para nova sessão da Conferência Sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) vão participar de um encontro histórico que marcará o fim de quatro décadas de guerra fria”<sup>401</sup>, a jornalista Mônica Yonakiew destaca que a CSCE “pode ser comparada ao Congresso de Viena de 1815, quando após a queda de Napoleão, as lideranças europeias da época remodelaram o Velho

---

<sup>397</sup> *O Globo* 04/10/1990, p.01.

<sup>398</sup> *Ibidem*.

<sup>399</sup> *O Globo* 10/10/1990, p.20.

<sup>400</sup> *Ibidem*.

<sup>401</sup> *O Globo* 18/11/1990, p.36.

Mundo”<sup>402</sup>. E quando finalmente a “paz” parece ter chegado, uma outra crise começa a preocupar o mundo e principalmente os Estados Unidos, que como a grande potência mundial, sempre querem tomar as rédeas de tudo, para que nada fuja do controle norteamericano, era a Guerra do Golfo<sup>403</sup>.

“Apesar da URSS ter deixado de representar uma ameaça para a Europa Ocidental, e de seus aliados do Leste Europeu terem substituído o comunismo por modelos mais parecidos com o capitalismo, a ameaça agora vem Golfo Pérsico”<sup>404</sup>.

E mesmo com essas tensões ainda foi possível ter a complacência, se é que podemos chamar essa atitude de “generosa”, vinda do ditador que sempre agiu com crueldade para com o seu próprio povo.

“Como prova de apreço pelas recentes declarações do Chanceler Helmut Kohl em favor de uma solução pacífica para a crise no Golfo e pelas relações tradicionalmente existentes entre a Alemanha e o Mundo Árabe, o presidente Saddam Hussein<sup>405</sup> decidiu ontem autorizar a partida dos cidadãos alemães que ainda estão no Iraque [...]”<sup>406</sup>.

Enquanto os países do Conselho de Segurança da ONU<sup>407</sup> (com exceção da União Soviética), se reuniam para resolver as possíveis ameaças iraquianas no continente europeu, a URSS estava mais preocupada em sanar suas próprias crises internas, que estavam cada vez mais difíceis, chegando a níveis extremos, “Uma grave escassez de carne, laticínios e batatas está fazendo com que se instale na URSS o reinado dos especuladores [...] a população já sofre com o racionamento de alguns produtos, ao se iniciar um inverno que deverá ser extremamente duro”<sup>408</sup>.

Nessa altura a inquietação dos países era evitar os conflitos armados e promover mais desenvolvimento, principalmente resolvendo problema como o fome e o desemprego que estavam alarmantes. E em momentos de crise como esses, nações poderiam se

---

<sup>402</sup> *Ibidem*.

<sup>403</sup> Guerra que aconteceu entre 02/08/1990 e 28/02/1991 envolvendo o Iraque e forças da Coalizão internacional (EUA, Reino Unido, França, Arábia Saudita e Kuwait), liderada pelos EUA. O Conselho de Segurança da ONU autorizou o uso da força militar para libertar o Kuwait, que havia sido ocupado e anexado pelas forças armadas iraquianas sob o comando de Saddam Hussein. A coalizão saiu vitoriosa e as tropas iraquianas foram expulsas do Kuwait.

<sup>404</sup> *Ibidem*.

<sup>405</sup> Presidente do Iraque de 16/07/1979 a 09/04/2003, considerado uma das principais lideranças ditatoriais no mundo árabe, foi condenado ao enforcamento em 5 de novembro de 2006, por envolvimento no assassinato de 148 xiitas iraquianos em 1982.

<sup>406</sup> *O Globo* 21/11/1990, p.20.

<sup>407</sup> Composto por: Estados Unidos, França, Reino Unido, Rússia e China.

<sup>408</sup> *Ibidem*.

beneficiar ao aumentar suas vendas e afinamento de acordos bilaterais, o Brasil, como um país em crescimento, teria chances de ampliar os mercados.

“O presidente do Banco central alemão, Karl Otto Pohl, sugeriu ontem que o Brasil aproveite a forte demanda existente no território da extinta RDA para aumentar suas exportações, [...] Com a queda do Muro de Berlim e a reunificação alemã, surgiu um novo mercado, de mais de 16 milhões de pessoas, ansiosas para comprar tudo o que for possível”<sup>409</sup>.

No último mês de 1990, a manchete do dia 2 de dezembro mostra o título “Kohl será o Chanceler da nova Alemanha”, sendo que as eleições ainda não haviam se concretizado, “As pesquisas apontam uma vitória maciça de Kohl”<sup>410</sup>, o Chanceler da Alemanha Ocidental, que viria a ser o chefe de governo da nação unificada, promoveu medidas importantes para que a Alemanha voltasse a ser uma só, entretanto, inevitavelmente o enfraquecimento da URSS contribuiu para que isso fosse menos penoso.

“No Governo, Kohl teve sorte não somente com a economia- a boa conjuntura internacional e os baixos preços do petróleo fizeram a economia alemã ter de novo um boom- mas também com o cenário político internacional. A Reunificação é em parte obra sua, mas só foi possível com a perestroika e o fim do regime comunista”<sup>411</sup>.

No último dia de 1990, o Jornal O Globo publicou uma “retrospectiva” resumida envolvendo esses acontecimentos da Guerra Fria, destacamos alguns trechos que resumem bem a década. “A unificação das Alemanhas é o marco da era de entendimento iniciada em 1990”<sup>412</sup>. Os países tradicionalmente socialistas/ comunistas também tiveram destaque nesta edição, “Em 1990, o Leste Europeu, prosseguiu seu caminho em direção ao Ocidente, com a derrocada geral dos regimes comunistas”<sup>413</sup>. Só o futuro poderia dizer se o fim das problemáticas dos anos 1989 e 1990 teriam realmente fim e como a conjuntura geopolítica mundial ficaria dali em

---

<sup>409</sup> *O Globo* 23/11/1990, p.25.

<sup>410</sup> *O Globo* 02/12/1990, p.60.

<sup>411</sup> *Ibidem*.

<sup>412</sup> *O Globo* 31/12/1990, p.11.

<sup>413</sup> *Ibidem*, p.11.

## 5. CONCLUSÃO

A queda do Muro de Berlim no espaço público do Brasil- 1989/1990- A análise dos jornais *O Globo* do Rio de Janeiro e *Jornal do Commercio* do Amazonas permitiu ampliar a hipótese que tínhamos colocado no início da investigação. *O Globo* contava não só com um número muito superior de páginas sobre o tema do que o *Jornal do Commercio*, mas também mostrou os desdobramentos na Europa e em outros continentes de uma forma muito mais ampla e completa do que o *Jornal do Commercio*. Somando<sup>414</sup> as notícias obtidas através da palavra-chave “Muro de Berlim” e as notícias periféricas sobre o tema, *O Globo* publicou 333 produtos noticiosos com 162 fotos enquanto o *Jornal do Commercio* apresentou apenas 20 com 6 fotos, algo que ratifica a ideia de que um jornal de âmbito nacional investiu muito mais na cobertura do tema, proporcionando uma análise mais completa sobre o assunto, preocupando com a *suíte*<sup>415</sup>. Entretanto, ambos levaram ao leitor as informações necessárias para a compreensão do tema da nossa dissertação de modo bem estruturado e que contemplasse a cronologia dos eventos do modo como contextualizamos nesta tese, ou seja, desde a Segunda Guerra Mundial até a queda do Muro de Berlim.

E para que essa contextualização fosse feita, se fez necessário conhecer a História dos dois jornais, para que tivéssemos uma visão mais ampla dos escopos que pretendíamos analisar, um cenário mais global, representado pelo *O Globo* e sua estrutura que contempla o âmbito nacional e um com escopo mais regional, da região de origem do autor, representado pelo *Jornal do Commercio*. Entender o modo como se desenvolveram, como solidificaram suas linhas editoriais e como conquistaram a credibilidade nos deu pistas do modo que os mesmos fizeram os recortes dos temas noticiados e de como a foi recepção desses eventos no Brasil.

---

<sup>414</sup> A escolha das notícias relacionadas com o tema Muro de Berlim foi feita manualmente, ou seja, sem recurso de busca online. Ao analisarmos as páginas, escolhemos notícias que abordavam temas similares, como: “queda do comunismo”, “volta da democracia” e outras que envolvessem as principais potências, EUA e URSS.

<sup>415</sup> Termo usado em jornalismo para indicar a cobertura dos desdobramentos de uma notícia anteriormente publicada.

Outro fator que buscávamos analisar era de que modo os jornais conseguiram “trazer” as notícias para o público tornando-as mais próximas da realidade brasileira, ambos conseguiram contextualizar o que ocorria na Europa e os possíveis desdobramentos no cenário brasileiro. Defendemos a hipótese de pesquisa, de que os jornais mostraram o fato com parcialidade, porém em alguns momentos, como nas crônicas, podemos perceber uma tentativa de tratar as informações para que elas soassem ainda mais danosas se fossem vivenciadas no Brasil.

Por questões de tempo e espaço, nos limitamos a analisar<sup>416</sup> apenas as notícias com as palavras-chave “Muro de Berlim” e/ou similares, sendo desejável uma continuidade mais aprofundada. Deste modo, analisar editoriais, notícias e fotografias nos trouxe vários contributos de inovação para a História Contemporânea e Jornalismo do Brasil, tendo em vista a importância deste tema para o entendimento dos conflitos anteriores a 1989 e de tudo que viria posteriormente.

A análise dos temas propostos, corroborou não apenas para entender os assuntos investigados, mas também foi diferencial na percepção da História Contemporânea por parte do autor, que como jornalista, não tinha bases acadêmicas prévias sobre este período da História no momento de início do curso e neste momento dispõe de subsídios mais substanciais para desenvolver as práticas jornalísticas de modo sofisticado, i.e., com conhecimentos dos eventos que moldaram os acontecimentos recorrentes da atualidade e que são o principal substrato do jornalismo cotidiano.

---

<sup>416</sup> A contagem envolveu várias notícias sobre o tema, entretanto a análise com a contextualização dentro da tese foi feita apenas a partir das notícias que continham a palavra-chave “Muro de Berlim”, 102 publicadas no *O Globo* e 20 no *Jornal do Commercio*.

## FONTES

Notícias dos anos 1989 e 1990 dos jornais *O Globo* e *Jornal do Commercio*.

*O Globo*- Fontes obtidas através do site do acervo do jornal (Arquivo Memória Jornal *O Globo*). Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com>

*Jornal do Commercio*- Fontes obtidas através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Ao usarmos a palavra-chave "Muro de Berlim", foram obtidas:

No *O Globo*- 102 peças noticiosas.

No *Jornal do Commercio*- 20 peças noticiosas

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ÁVILA, Carlos Federico Domínguez (2010). *A queda do muro de Berlim: um estudo com fontes brasileiras*. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 37, p. 93-110, out.

BRIGGS, Asa e BURKE, Peter (2006). *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BURUMA, Ian (2005). *Ano Zero: Uma História de 1945*. São Paulo- SP: Companhia das Letras.

COUTINHO, Rebeca Venâncio (2014). *A importância internacional da borracha brasileira e sua influência no desenvolvimento da Amazônia durante o Estado Novo: 1937-1945*. Universidade Federal de Roraima. Boa Vista- RR. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=DESENVOLVIMENTO+DO+AMAZONAS+GRACAS+A+BORRACHA&ie=UTF-8&oe=UTF-8>. Acesso em: 02.05.2019

DA COSTA, Rogério Santos e LADWIG, Nilzo Ivo (2009). *Vinte anos da queda do Muro de Berlim- um debate interdisciplinar*. Palhoça- SC: Ed. Unisul.

DAEHNHARDT, Patrícia. (2009). *O fim da Guerra Fria e a unificação alemã*. Relações Internacionais (R:I), (23), 39-51. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-91992009000300003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300003&lng=pt&tlng=pt).

D'AGOSTINI, S. (et al) (2013). *Revista Páginas do Instituto Biológico de São Paulo*. v.9, n.1, p.6-14, jan/jun.

DE OLIVEIRA, Marcílio (2013). *Uma Narrativa Morfológica na Amazônia: Manaus, ligações e rupturas*. Universidade de Brasília – UnB. p. 49. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=teatro+amazonas+arquitectura+pdf&ie=UTF-8&oe=UTF-8>.

DOS REIS, Carla Darlem Silva (2016). *O poder das “forças terríveis”: a renúncia de Jânio Quadros e o ensaio para o golpe civil-militar de 1964*. Boletim Historiar, n. 15, mai./jun. 2016, p. 56-71. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

DUARTE JR, Antônio Marcos (2015). *Fordlândia e Belterra: As cidades de Henry Ford na Amazônia*. GV Casos- Rev. Brasileira de Casos de Ensino em Administração- Rio de Janeiro- RJ. VOLUME 5, NÚMERO 1. jan/jun. p.03. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12660/gvcasosv5n1c1>. Acesso em: 21/05/2019

FERREIRA, Jorge. GOMES, Ângela. 2012 apud DOS REIS, Carla Darlem (2016). *O Poder das “Forças Terríveis”: A renúncia de Jânio Quadros e o ensaio para o Golpe Civil-Militar de 1964*. Boletim Historiar, n. 15, mai./jun. p. 56-71. <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>.

FUKUYAMA, Francis (1992). *The end of history and the last man*. New York, The Free Press.

GOFF, Richard - [et al.] (2008). *The twentieth century and beyond: a brief global history*. 7ª ed. Nova York- EUA.

GUSMÃO, Tallyta Rosane Bezerra de (2017). *Aspectos econômicos da unificação da Alemanha 1990 - 2000*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HAYES, Peter (1989): "Chronology 1989." *Foreign Affairs* 69, no. 1. p. 213-257.

HOBBSAWM, Eric J. (1994). *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo-SP: Companhia das Letras.

LAGE, Nilson (2001). *Ideologia e Técnica da Notícia*- 3ª ed. - UFSC-Insular. p.99.

LANE, Peter (1985). *Europe since 1945 an introduction*. Londres: Barnes & Noble. p.1.

LE GOFF, Jacques (1990). *História e memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP.

MARTINS, Manoel Dirceu (2001). *Reunificação da Alemanha: o evento histórico na televisão*. 161 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de História, Direito e Serviço Social.

MELO, Demian Bezerra de (2009). *O plebiscito de 1963: inflexão de forças na crise orgânica dos anos sessenta*. Niterói- RJ. p.05. Disponível em: [http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2009\\_Demian\\_Bezerra\\_de\\_Melo-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2009_Demian_Bezerra_de_Melo-S.pdf).

MEYER, Michael (2009). *The Year That Changed the World (The untold story behind the fall of the Berlin Wall)*. Nova York, EUA. Scribner. 278pp. p.10

MUELLER, Carol (1997). *International Press Coverage of East German Protest Events, 1989*. *American Sociological Review*, Vol. 62, No. 5 (Oct., 1997), pp. 820-832. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2657362>

RAMOS, Hugo Filipe (2013). *A Guerra Fria Cultural: Como a Cortina de Celulóide Contribuiu para Derrubar a Cortina de Ferro. Inevitabilidade Digital: Media, Redes e Poder*. ISCTE. Lisboa

SOARES DO BEM, Arim. (2013). *Berlim: espaço e etnicidade: reconstrução simbólica do muro*. *CIDADES, Comunidades e Territórios*. 89-99. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.7749/citiescommunitiesterritories.jun2013.026.art05>.

TAYLOR, Frederick (2006). *The Berlin Wall: A world divided, 1961 – 1989*. Londres: Harper Collins.

TISMĂNEANU, Vladimir (2009). *The Revolutions of 1989: Causes, Meanings, Consequences*. Vol. 18, No. 3, Revisiting 1989: Causes, Course and Consequences. p.9.

VIZENTINI, Paulo Fagundes (2009). *De Berlim a Nova Iorque, 1989-2009: A queda do muro socialista e do muro financeiro (Wall Street)*. Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 46, p. 51-71, jul/dez. Disponível em: <http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>.